



L.J. SMITH

Autora da série *DIÁRIOS do VAMPIRO*

CÍRCULO SECRETO

Livro que deu origem à série
de TV *Secret Circle*

VOL. 3

O poder

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais

***lutando por dinheiro e poder, então
nossa sociedade poderá enfim evoluir a
um novo nível."***



Série Diários de Stefan

Origens

Sede de Sangue

Série Diários do Vampiro

O despertar

O confronto

A fúria

Reunião sombria

O retorno – Anoitecer

O retorno – Almas sombrias

O retorno – Meia-Noite

Série Mundo das Sombras

Vampiro Secreto

Filhas da escuridão

Série Círculo Secreto

A iniciação

A prisioneira

O poder

L.J. SMITH

CÍRCULO
SECRETO

VOL. 3

O poder

Tradução de
Ryta Vinagre

1ª edição



G A L E R A R E C O R D
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2013

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA
FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS
EDITORES DE LIVROS, RJ

Smith, L. J. (Lisa J.)

S649c

Círculo secreto [recurso eletrônico] :
o poder / L. J. Smith ; tradução de Ryta
Vinagre. - Rio de Janeiro : Galera Record,
2013.

recurso digita
(Círculo secreto ; 3)

Tradução de: The power
Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe
Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-01-40347-6 (recurso
eletrônico)

1. Literatura infantojuvenil
americana. 2. Livros eletrônicos. I. Vinagre,
Ryta. II. Título.

13-2056

CDD: 028.5

CDU: 087.5

Título original em inglês:

The power: The Secret Circle

Copyright © 1992 by Lisa Smith and Daniel

Weiss Associates, Inc.

Publicado mediante acordo com Rights People,
London.

Todos os direitos reservados. Proibida a
reprodução, no todo ou em parte, através de
quaisquer meios. Os direitos morais do autor
foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo
Ortográfico da Língua Portuguesa.

Composição de miolo da versão impressa:
Abreu's System

Direitos exclusivos de publicação em língua
portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 - Rio de Janeiro, RJ -
20921-380 - Tel.: 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta
tradução.

Produzido no Brasil

ISBN: 978-85-01-40347-6

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos
lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

— Diana, eu tenho uma surpresinha para você — disse Faye.

Os olhos verde-esmeralda de Diana, com seus cílios pretos e espessos, já se mexiam. Ela ainda não se recuperara do choque desta noite, e seu rosto estava tenso quando se voltou para encarar

Faye.

Bem, o pior estava por vir.

Agora que finalmente ia acontecer, Cassie teve uma estranha sensação de liberdade. Não ia mais se esconder, nem mentir, nem fugir. O pesadelo enfim estava ali.

— Acho que devia ter te contado antes, mas eu não queria *aborrecer* você — dizia Faye. Seus olhos ardiam, dourados, com um selvagem fogo interior.

Adam, que não era burro, olhou de Cassie para Faye e obviamente chegou a uma conclusão imediata, para não dizer

perturbadora, conclusão. Rapidamente colocou a mão em concha sob o cotovelo de Diana.

— Seja o que for, isso pode esperar — disse ele. — Cassie precisa ir e ver a mãe e...

— Não, isso não pode *esperar*, Adam Conant — interrompeu Faye. — Está na hora de Diana descobrir que tipo de gente ela tem por perto. — Faye virou-se de novo para Diana, a pele clara brilhando com um estranho ardor contra a cabeleira preta. — Aqueles que você *escolheu* — disse ela à prima. — Sua

amiga mais querida... E *ele*. O incorruptível Sir Adam. Quer saber por que você não serviu como líder? Quer saber o quanto você é ingênua?

Agora todos se aproximavam, olhando. Cassie podia ver variados graus de assombro e desconfiança nas expressões. A lua cheia que brilhava do oeste estava tão intensa que lançava sombras e iluminava cada detalhe da cena.

Cassie olhou para cada um deles: a agressiva Deborah, a bela Suzan com seu rosto perfeito desfigurado em uma

expressão confusa, a tranquila Melanie e a graciosa e delicada Laurel. Ela olhou para Chris e Doug Henderson, os gêmeos rebeldes, que estavam perto da figura encolhida de Sean, e para o gélido e bonito Nick atrás deles.

Por fim Cassie olhou para Adam.

Ele ainda segurava o braço de Diana, mas sua expressão ativa e cativante era tensa e alerta. Seus olhos encontraram os de Cassie e algo parecido com a compreensão passou por eles num flash; Cassie virou o rosto, envergonhada. Não tinha o direito de contar com a força de

Adam. Estava prestes a ser desmascarada na frente de todo o Círculo.

— Eu tinha esperanças de que eles agiriam com decência e se controlariam — disse Faye. — Para o bem deles, se não do seu. Mas evidentemente...

— Faye, do que você está *falando*? — interrompeu Diana, sua paciência se esgotando.

— Ora, sobre Cassie e Adam, é claro — disse Faye, arregalando devagar os olhos dourados. — Sobre como andaram se agarrando pelas suas costas.

As palavras caíram como pedras em

um lago tranquilo. Houve um longo momento de completo silêncio, depois Doug Henderson jogou a cabeça para trás e riu.

— É, e minha mãe é stripper — escarneceu ele.

— E a madre Teresa na verdade é a Mulher Gato — disse Chris.

— Sem essa, Faye — disse Laurel incisivamente. — Não seja ridícula.

Faye sorriu.

— Não culpo vocês por não acreditarem em mim — disse ela. — Eu também fiquei chocada. Mas, vejam bem,

tudo começou antes de Cassie chegar a New Salem. Começou quando ela conheceu Adam em Cape Cod.

O silêncio desta vez teve um caráter diferente. Cassie viu Laurel lançar um rápido olhar para Melanie. Todos sabiam que Cassie passara várias semanas do verão anterior em Cape. E todos sabiam que Adam também esteve naquela região, procurando pelas Chaves Mestras. Cassie viu a aurora da surpresa surgir nos rostos que a cercavam.

— Tudo começou naquela praia —
continuava Faye. Evidentemente

desfrutava o fato de ser o centro das atenções, como sempre acontecia. Estava sexy e imponente ao passar a língua pelos lábios e falar num tom rouco, dirigindo-se a todo o grupo, embora suas palavras fossem proferidas para Diana. — Acho que foi amor à primeira vista... Ou pelo menos eles não conseguiram tirar as mãos um do outro. Quando veio para cá, Cassie até escreveu um poema sobre isso. Deixe-me ver, como era mesmo? — Faye inclinou a cabeça de lado e recitou:

“Toda noite me deito e sonho com aquele

*Que com um beijo despertou meu desejo
Passei uma única hora a sós com ele
E desde então meus dias com fogo
entrevejo.”*

— É isso mesmo; o poema era assim — disse Suzan. — *Eu* me lembro. Nós seguramos Cassie no antigo prédio de ciências, e ela não queria que a gente lesse.

Deborah confirmava com a cabeça, a carinha retorcida com uma careta.

— Eu também me lembro.

— Vocês também devem se lembrar

que eles agiram de um jeito estranho na iniciação de Cassie — disse Faye. — E como Raj pareceu *aceitar* Cassie com muita rapidez, sempre pulando nela, lambendo-a e tudo. Bem, na verdade é muito simples... É porque eles já se conheciam. Eles não queriam que nenhum de *nós* soubesse disso, é claro. Tentaram esconder. Mas acabaram sendo apanhados no fim das contas. Foi na noite em que usamos o crânio de cristal pela primeira vez na garagem de Diana... Adam levou Cassie para casa, eu acho. Me pergunto como será que *isso* foi

arranjado?

Agora foi a vez de Laurel e Melanie parecerem assustadas. Claramente elas se lembravam da noite da primeira cerimônia do crânio, quando Diana pediu que Adam levasse Cassie para casa e Adam, depois de hesitar brevemente, concordou.

— Eles pensaram que estavam a sós na escarpa... Mas alguém estava olhando. Dois alguéns, dois amiguinhos meus... — Lentamente, Faye mexeu os dedos de unhas compridas e pontas pintadas de escarlate como se afagasse alguma coisa.

Um lampejo de compreensão se acendeu na mente de Cassie.

Os *gatinhos*. Os malditos gatinhos vampiros que viviam soltos no quarto de Faye. Faye estava dizendo que os *gatos* eram espiões dela? Que ela podia se comunicar com eles?

Cassie sentiu um arrepio em seu âmago ao olhar a menina alta e de beleza sombria, sentindo algo estranho e mortal por trás daqueles olhos dourados e caídos. Ela se perguntou o tempo todo a quem Faye se referia quando falou que seus “amigos” viram coisas e contaram a ela,

mas nunca teria imaginado isso. Faye sorriu com uma satisfação felina e fez que sim para Cassie com a cabeça.

— Eu tenho muitos segredos — disse ela diretamente a Cassie. — Este é só um deles. Mas, de qualquer modo — disse ela ao resto do grupo —, foi nessa noite em que eles foram flagrados. Eles estavam... Bem, se beijando. Para falar de um jeito educado. O tipo de beijo que gera combustão espontânea. Acho que não conseguiram mais resistir à sua luxúria — suspirou ela.

Diana agora olhava para Adam,

procurando pela negação. Mas Adam, com o queixo rígido, encarava Faye.

Os lábios de Diana se separaram com uma súbita tomada de ar.

— E receio não ter sido a única vez — continuava Faye, examinando as unhas com uma expressão de pesar e recato. — Eles vêm fazendo isso desde então, aproveitando-se de momentos secretos quando você não está vendo, Diana. Como no baile da escola... Que *pena* que você não estava lá. Eles começaram a se beijar bem no meio da pista. Acho que talvez tenham ido para

um lugar mais reservado depois...

— Isso não é verdade — gritou Cassie, percebendo, no momento em que disse, que praticamente confirmava que todo o resto dito por Faye *era* verdade.

Agora todos olhavam para ela, e não havia mais brincadeira por parte dos Henderson. Os olhos verde-azulados e oblíquos deles estavam concentrados e atentos.

— Eu *queria* te contar — disse Faye a Diana —, mas Cassie me implorou para não fazer isso. Ela estava histérica, chorando, suplicava... Disse que você

morreria se descobrisse. Disse que faria qualquer coisa. E foi aí — suspirou Faye, olhando ao longe — que ela se ofereceu para pegar o crânio para mim.

— *Como é?* — disse Nick, sua expressão normalmente imperturbável agora refletindo sua incredulidade.

— Sim. — Os olhos de Faye se voltaram para as unhas novamente, mas ela não conseguiu reprimir o sorriso que se formava nos cantos dos lábios. — Ela sabia que eu queria examinar o crânio e disse que pegaria ele para mim se eu não contasse. Bem, o que eu podia fazer? Ela

parecia uma louca. Eu simplesmente não tive *coragem* de dizer não.

Cassie cravou os dentes no lábio inferior. Queria gritar, protestar que não foi assim que aconteceu... Mas de que adiantaria?

Melanie falava.

— E acho que você também não teve coragem de recusar o crânio — disse ela a Faye com os olhos cinza desdenhosos.

— Bem... — Faye sorriu com desprezo. — Vamos colocar dessa forma... Era uma oportunidade boa demais para ser desperdiçada.

— Isso não tem graça — exclamou Laurel. Ela estava chocada. — Ainda não acredito...

— Então como você acha que ela soube onde desenterrar o crânio naquela noite? — perguntou Faye tranquilamente. — Ela ficou na sua casa, Diana, na noite em que seguimos a energia maligna até o cemitério. E ela bisbilhotou e descobriu onde o crânio estava enterrado quando leu no seu Livro das Sombras... Mas só depois de roubar a chave do armário de noqueira e conferir lá dentro. — Uma alegria triunfante

brilhava nos olhos dourados de Faye; ela não conseguia mais escondê-la.

E ninguém mais no grupo podia negar a verdade naquilo que Faye contava. Cassie *soube* onde desenterrar o crânio. Não havia como fugir disso. Cassie podia ver o que acontecia no rosto de todos: o fim da incredulidade e o lento começo de uma severa acusação.

Parece *A letra escarlata*, pensou Cassie loucamente ao ser afastada do grupo, sob o olhar de todos. Ela podia muito bem estar numa plataforma com um *A* preso no peito. Impotente, endireitou as costas

e tentou manter o queixo erguido, obrigando-se a olhar o grupo. Não vou chorar, pensou Cassie. Não vou virar o rosto.

E então ela viu o rosto de Diana.

A expressão de Diana estava além do choque. Parecia simplesmente paralisada, com os olhos verdes arregalados, vagos e despedaçados.

— Ela jurou ser leal e fiel ao Círculo e nunca prejudicar ninguém dentro dele — dizia Faye com a voz rouca. — Mas mentiu. Acho que não é uma surpresa, considerando que ela é meio forasteira.

Ainda assim, acho que isso já foi longe demais; ela e Adam já tiveram tempo para curtir um ao outro. Então agora você sabe a verdade. E agora — concluiu Faye, olhando os desolados integrantes do Círculo, especialmente a prima imóvel, com um ar de contemplativa satisfação —, acho melhor irmos para casa. Foi uma noite longa. — Com indolência e um leve sorriso, ela começou a se afastar.

— Não. — Foi uma única palavra, mas deteve Faye e fez com que todos se voltassem para Adam.

Cassie nunca vira os olhos verde-azulados dele desse jeito: pareciam raios de prata. Ele avançou com seu passo tranquilo de sempre. Não havia violência no modo como pegou o braço de Faye, mas o aperto deve ter parecido de ferro; Cassie pôde perceber, porque Faye não conseguiu se livrar dele. Faye baixou os olhos para os dedos de Adam, fingindo surpresa.

— Você teve a sua vez — disse-lhe Adam. Sua voz era cuidadosamente baixa, mas as palavras saltavam de seus lábios como lascas de aço incandescente.

— Agora é a minha. E todos vocês — ele virou-se para o grupo, mantendo-os ali com seu olhar — vão escutar.

— Você contou a história do seu jeito — disse Adam. — Parte dela se aproxima da verdade, e parte não passa de simples mentiras. Mas nada disso aconteceu da maneira como você contou.

Ele olhou o Círculo de novo.

— Não importa o que pensem de

mim — disse ele —, mas há outra pessoa envolvida aqui. E *ela* — ele olhou para Cassie por tempo suficiente para que ela visse seus olhos cinza-azulados, ainda brilhando como prata — não merece passar por isso, muito menos esta noite.

Alguns membros do coven, especificamente Laurel e Melanie, viraram o rosto, meio envergonhados. Mas o resto simplesmente encarou, com raiva e desconfiança.

— E qual é o seu lado da história? — perguntou Deborah de cara feia. Sua expressão dizia que ela se sentia

enganada e não gostava disso.

— Antes de mais nada, não foi assim que Cassie e eu nos conhecemos. Não foi amor à primeira vista... — Adam se interrompeu por um momento, olhando ao longe. Balançou a cabeça. — Não foi amor. Ela me *ajudou*, me salvou de quatro forasteiros armados. O tipo de forasteiro que caça bruxas. — Ele olhou com dureza para Chris e Doug Henderson.

— Mas ela não sabia... — começou Deborah.

— Ela não sabia o que eu era na

época. Não sabia o que *ela* era. As bruxas eram coisa de contos de fadas para ela. Cassie me ajudou apenas porque precisei de ajuda. Aqueles caras estavam me perseguindo, e ela me escondeu num barco e fez com que eles corressem para o lado errado da praia. Eles tentaram obrigá-la a contar onde eu estava, até a machucaram, mas ela não me entregou.

Fez-se silêncio. Deborah, que admirava a bravura física acima de qualquer outra qualidade, olhou em dúvida, suavizando um pouco a careta.

Faye, porém, se debatia como um

peixe tentando sair do anzol e sua expressão era desagradável.

— Mas que amor. A corajosa heroína. Então você simplesmente não resistiu a dar uns amassos nela.

— *Não seja imbecil, Faye* — disse Adam, sacudindo um pouco o braço dela. — Eu não fiz nada com ela. Nós só... — Ele balançou a cabeça de novo. — Eu agradei a ela. Queria que ela soubesse que não me esqueceria do que fez... Lembrem-se, na época eu ainda pensava que ela era uma forasteira, e nunca soube de uma forasteira que fizesse algo assim

por um de nós. Era apenas uma forasteira gentil; meio calada e bonita, e eu queria dizer “obrigado”, mas quando a olhei, de repente senti... Como se tivéssemos uma espécie de ligação. Agora talvez pareça idiotice, mas eu quase via a conexão...

— O cordão prateado — sussurrou Cassie. Seus olhos estavam arregalados, e ela só teve consciência de que falara em voz alta quando viu os rostos se voltando para ela.

As sobrancelhas de Melanie se ergueram, e Diana também pareceu sobressaltada, talvez só de ouvir Cassie

romper o silêncio que guardou por tanto tempo. Os lábios de botão de rosa de Suzan formaram um O.

— É, acho que parecia isso — dizia Adam, olhando ao longe de novo. — Não sei... Era uma impressão confusa. Mas eu senti gratidão por ela e teria gostado de tê-la como amiga... Que tal isso, uma amiga forasteira? — Houve murmúrios de divertimento e incredulidade. — E — disse Adam, olhando diretamente para Diana — por isso dei a ela a calcedônia rosa que você me deu.

Ninguém murmurou desta vez. Um silêncio sombrio.

— Foi um símbolo de amizade, uma maneira de pagar a dívida — disse Adam. — Imaginei que, caso ela se metesse em problemas, eu poderia sentir pelo cristal e talvez fizesse alguma coisa para ajudar. Então dei a ela... E foi *só* isso. — Ele olhou para Faye, desafiadoramente, depois assumindo essa postura de forma ainda mais intensa para o grupo. — Só que... É, é verdade... Eu a beijei. Beijei a mão dela.

Laurel piscou. Os irmãos Henderson

olharam Adam de lado, como se dissessem que ele estava louco, mas achavam que era problema dele quais as partes das garotas que ele beijava. Faye tentou aparentar desprezo, mas não se saiu muito bem.

— Depois eu fui embora de Cape — disse Adam. — Só vi Cassie de novo quando voltei para a iniciação de Kori... Que acabou sendo a de Cassie. Mas tem outra coisa importante. Em todo o tempo que falei com Cassie, nunca contei quem eu era, nem de onde vinha. Nunca disse meu nome. Então, o que quer que ela

tenha feito aqui... Qualquer *poema* que tenha escrito, Faye... Ela não sabia quem eu era. Não sabia que Diana e eu estávamos juntos. Não até a noite em que apareci com Diana na praia.

— Então acho que é um bom motivo para vocês fingirem que não se conheciam, para escapulir pelas costas de todo mundo e se encontrarem — disse Faye, novamente na ofensiva.

— Você não sabe do que está falando — disse Adam rispidamente, dando a impressão de que sacudiria Faye mais uma vez. — Não escapulimos para *lugar*

nenhum. A primeira vez que conversamos a sós foi na noite da cerimônia do crânio, na garagem de Diana, quando tudo deu errado. É, naquela noite na escuridão, quando seus espiõezinhos nos viram, Faye. Mas sabe o que Cassie me disse em nossa primeira conversa a sós desde que nos conhecemos? Disse que estava apaixonada por mim... E que sabia que era errado. Desde que descobriu que era errado, desde que percebeu que eu não era só um cara qualquer na praia, mas o namorado de Diana, ela lutou contra isso. Fez até um juramento... Um juramento

de sangue... De jamais mostrar a ninguém, por palavras, olhares ou gestos, o que sentia por mim. Ela não queria que Diana descobrisse e se sentisse mal, ou tivesse pena dela. Parece coisa de alguém que está tentando agir pelas costas?

O Círculo o olhava. Séria, Melanie falou.

— Deixa ver se entendi isso direito. Você está dizendo que não há verdade nenhuma nas acusações de Faye?

Adam engoliu em seco.

— Não — disse ele em voz baixa. — Não é o que eu estou dizendo. Naquela

noite na escarpa... — Ele parou e engoliu em seco de novo, e depois sua voz endureceu. — Não posso explicar o que aconteceu, só que foi culpa minha, e não de Cassie. Ela fez o que pôde para me evitar, para me manter longe dela. Mas depois que ficamos sozinhos, fomos atraídos um para o outro. — Ele olhou para Diana sem se encolher, embora a dor fosse evidente em seu rosto. — Não tenho orgulho de mim mesmo, mas nunca quis te magoar. E Cassie é inteiramente inocente. Ela só falou comigo naquela noite porque queria me

devolver a calcedônia rosa... Assim eu podia devolver para você. Em tudo isso, suas atitudes não foram nada além de honestas e honradas. Por mais que custasse a ela. — Ele parou, e sua boca ficou tensa. — Se eu soubesse que ela estava sendo chantageada por essa cobra...

— *Como é?* — interrompeu Faye, os olhos dourados lampejando perigosamente.

Adam retribuiu o olhar, igualmente perigoso.

— Foi exatamente isso, não foi, Faye?

Chantagem. Seus pequenos espiões nos viram naquela noite... Quando estávamos *nos despedindo*, jurando nunca mais nos vermos a sós, e você concluiu que tiraria o máximo proveito disso. Eu sabia que havia alguma coisa acontecendo entre você e Cassie, mas não consegui entender o que era. Cassie ficou morta de medo de repente, mas por que ela não me procurou e me contou o que você estava aprontando... — Sua voz falhou, e ele olhou para Cassie.

Cassie balançou a cabeça, muda. Como poderia explicar?

— Eu não queria envolver você nisso também — disse ela numa voz que mal passava de um sussurro. — Tive medo que você contasse a Diana, e Faye disse que se Diana descobrisse...

— O quê? — disse Adam. Quando Cassie balançou a cabeça de novo, ele sacudiu um pouco o braço de Faye. — *Como é*, Faye? Se Diana descobrisse, isso a mataria? Destruiria o coven? Foi o que você disse a Cassie?

Faye forçou um sorriso.

— Se disse, foi só a verdade, não foi? Como estamos vendo. — Ela tentou se

livrar de Adam.

— Então você usou o amor de Cassie por Diana contra ela mesma. Você a chantageou para que ela a ajudasse a achar o crânio, não foi? Aposto que precisou de certa persuasão.

Adam estava só supondo, mas tinha acertado na mosca. Cassie percebeu que estava confirmando com a cabeça.

— Eu descobri onde estava...

— Mas *como*? — interrompeu Diana, num rompante, falando diretamente com Cassie pela primeira vez. Cassie fitou os olhos verde-claros com as lágrimas

pendendo dos cílios escuros e falou com franqueza.

— Eu fiz o que Faye mandou — disse ela, trêmula. — Primeiro procurei no armário de nogueira... Lembra quando passei a noite na sua casa e você acordou comigo no quarto? Como o crânio não estava lá, pensei que teria de desistir, mas tive um sonho. Ele me fez lembrar uma coisa que vi no seu Livro das Sombras, sobre como purificar um objeto do mal enterrando-o na areia. Então fui procurar na praia e finalmente achei o crânio debaixo daquele anel de pedras.

Cassie parou, olhando para Faye, e sua voz ficava mais forte.

— Mas quando pus as mãos nele, percebi que *não podia* entregar a Faye. Simplesmente não podia. Mas ela me seguiu até lá e o pegou mesmo assim.

Cassie respirou fundo, obrigando-se a encontrar o olhar de Diana de novo, com os próprios olhos implorando à outra que compreendesse.

— Eu sei que não devia ter deixado que ela o pegasse. Devia ter ficado firme, tanto na hora quanto depois disso, mas eu era fraca e idiota. Agora eu *me*

arrependo... Queria ter procurado você e contado desde o início, mas tinha tanto medo de você se magoar... — As lágrimas agora sufocavam sua voz e nublavam sua visão. — E quanto ao que Adam disse... Sobre ser tudo culpa dele... Você precisa saber que não é verdade. Foi culpa minha, e na festa de Halloween eu *tentei* obrigá-lo a me beijar porque na hora estava perturbada demais e pensei que nada mais importava, já que eu era má de uma forma ou de outra.

O rosto de Diana estava molhado, mas agora ela parecia confusa.

— Já que você era *o quê?*

— Já que eu era má — disse Cassie, ouvindo a verdade terrível e cabal nestas simples palavras. — Já que eu era responsável pela morte de Jeffrey Lovejoy.

Todo o coven a encarou, horrorizado.

— Espere aí um minuto — disse Melanie. — Quero ouvir isso de novo.

— Sempre que alguém usava o crânio, ele liberava a energia maligna, que saía e matava alguém — disse Cassie com cuidado e clareza. — Fomos Faye e eu que usamos o crânio antes de Jeffrey

ser morto. Se não fosse por mim, ela não poderia tê-lo usado, e Jeffrey ainda estaria vivo. Assim, como veem, eu sou a responsável.

A vida voltava aos olhos de Diana.

— Mas você *não sabia* — disse ela.

Cassie fez que não com a cabeça com violência.

— Isso não é desculpa. Não há desculpa para nada disso... Nem mesmo por ter feito coisas piores por pensar que eu era má e que nada tinha importância. Mas *tinha* importância. Dei ouvidos a Faye e deixei que ela me tiranizasse. — E

fiquei com a hematita, pensou Cassie, mas não tinha sentido entrar nesse assunto agora. Ela deu de ombros, piscando para afastar outras lágrimas. — Deixei até que ela me obrigasse a votar nela para líder. Me *desculpe*, Diana... Mil desculpas. Não sei por que fiz isso.

— Eu sei — disse Diana, trêmula. — Adam já disse... Você estava com medo.

Cassie confirmou com um aceno de cabeça. Todas as palavras que tinha reprimido por tanto tempo agora jorravam.

— Depois que comecei a fazer coisas

para ela, não consegui parar. Faye tinha cada vez mais com o que me chantagear. Tudo dava cada vez mais errado, e eu não sabia sair dessa... — A voz de Cassie falhou. Ela viu Faye, de lábios torcidos, avançar um passo e tentar dizer alguma coisa e viu Adam fazê-la se calar com um único olhar. Depois se virou e viu os olhos de Diana.

Eram luminosos como cristais de peridoto erguidos contra a luz, fluidos pelas lágrimas não derramadas, mas também... Tinham algo mais. Era um olhar que Cassie esperava nunca mais

ver, especialmente dirigido a *ela*. Um olhar de dor, sim, mas também de perdão e nostalgia. Um olhar de amor.

Algo se rompeu dentro de Cassie, algo sólido e tenso que vinha crescendo desde que ela começou a enganar Diana. Trôpega, ela avançou um passo.

Depois ela e Diana estavam nos braços uma da outra, as duas chorando, as duas se abraçando com toda a força que podiam.

— Me desculpe. Eu lamento muito por tudo. — Cassie soluçava.

Pareceu se passar muito tempo até

que Diana enfim recuou, afastando-se do grupo, virando-se para olhar a escuridão. Cassie enxugou as lágrimas com as costas da mão. A lua, baixa no horizonte, brilhava como ouro velho no cabelo de Diana.

O silêncio era completo, a não ser pelo rugido distante das ondas que se quebravam na praia. Todo o grupo ficou imóvel, como se esperasse por algo que ninguém conseguia definir.

Por fim Diana se virou para eles.

— Acho que todos já ouvimos o suficiente — disse. — Acho que entendo,

talvez não tudo, mas a maior parte disso. Escutem, vocês todos, porque não quero repetir.

Todos ficaram quietos, os rostos virados para Diana, em expectativa. Cassie teve a nítida sensação de que uma sentença estava prestes a ser proferida. Diana parecia uma sacerdotisa ou uma princesa, alta e alva, mas resoluta. Havia uma estranha seriedade nela, uma aura de grandeza e de certeza que disfarçava a dor em seus olhos.

Estou esperando para ouvir minha punição, pensou Cassie. Venha o que

vier, será merecido. Ela olhou para Adam e viu que ele também aguardava. Sua expressão não era de humildade, mas Cassie sabia o que ele devia estar sentindo. Os dois estavam diante de Diana, ligados por seu crime, felizes por enfim terem revelado tudo.

— Não quero que ninguém volte a discutir o que aconteceu esta noite — disse Diana numa voz suave e clara. — Nunca mais. Assim que eu terminar de falar, vamos todos considerar a questão encerrada. — Ela olhou para Adam, sem encará-lo exatamente nos olhos. — Eu

acho — disse ela, devagar — que sei como deve ter sido para você. Essas coisas às vezes acontecem. Eu o perdoo. E quanto a você, Cassie... Foi a menos culpada. De maneira nenhuma teria como saber. Não culpo nenhum dos dois. Tudo que peço...

Cassie prendeu a respiração, trêmula, e soltou. Não conseguia mais segurar.

— Diana — disse ela —, quero que saiba de uma coisa. Por todo esse tempo, no fundo, eu tive raiva e ciúme porque Adam pertencia a você e não a mim. Até mesmo esta noite. Mas agora tudo isso

mudou... De verdade. Agora eu quero que vocês dois sejam felizes. Nada é mais importante para mim do que você... E a promessa que eu fiz. — Por um instante passou pela cabeça de Cassie perguntar-se se Adam era *menos* importante, mas ela afugentou a ideia e falou com franqueza, com completa convicção: — Adam e eu... Nós dois fizemos essa promessa. Se nos der outra chance de cumpri-la... Só mais uma chance...

Diana abria a boca, mas Cassie continuou antes que ela pudesse falar.

— *Por favor*, Diana. Você precisa

saber que pode confiar em mim... Que pode confiar em nós. Tem de nos deixar provar isso.

Houve uma leve pausa, depois Diana falou.

— Sim. Sim... Você tem razão. — Ela respirou fundo e soltou o ar, olhando para Adam, quase insegura. — Bem, então, e se... Se nós só esquecermos isso tudo por um tempo? Só... partirmos do zero?

Um músculo do queixo de Adam tremeu. Em silêncio, ele pegou a mão que Diana lhe estendia.

Diana estendeu a outra mão para Cassie. Cassie tomou-a e apertou com força os dedos magros e frios. Quis rir e chorar ao mesmo tempo. Em vez disso, só abriu um sorriso vacilante para Diana. Olhando para Adam, viu que ele também tentava sorrir, embora seus olhos estivessem tão sombrios como nuvens de tempestade sobre o mar.

— Mas então é *assim*? — explodiu Faye. — Agora está tudo bem, tudo é doçura e luz? Todo mundo ama todo mundo e vamos todos para casa de mãos dadas?

— Sim — rebateu Adam, olhando-a com severidade. — Pelo menos quanto à última parte. Vamos para casa... Já passa da hora.

— Cassie precisa descansar — concordou Diana. O desamparo e a perplexidade haviam sumido completamente, e embora ela parecesse mais frágil do que Cassie já vira, também parecia determinada. — Todos precisamos disso.

— E precisamos chamar um médico... Ou alguém — disse Deborah de repente. Ela indicou o número 12 com a cabeça.

— A avó de Cassie...

— De que lado você está? — rosnou Faye. Deborah se limitou a olhar para ela com frieza.

Os dedos de Diana apertaram os de Cassie.

— Sim. Tem razão, vamos ligar para o Dr. Stern... E Cassie pode ir para casa comigo.

Faye soltou uma curta gargalhada, mas ninguém riu com ela. Até os irmãos Henderson estavam sérios, os olhos oblíquos pensativos. Suzan torcia uma mecha do cabelo louro arruivado nos

dedos, olhando para as mãos entrelaçadas de Cassie e Diana. Laurel assentiu para encorajar Cassie quando a mesma a olhou, e os olhos cinza e frios de Melanie brilharam em silenciosa aprovação. Sean mordida o lábio, olhando inseguro de um integrante do grupo a outro.

Mas foi a expressão de Nick que mais surpreendeu Cassie. Seu rosto, em geral tão sem emoção, estava claramente tenso, como se houvesse uma luta feroz sob sua superfície.

Mas agora não havia tempo para pensar nisso. Não havia tempo nem

mesmo para pensar em Faye, que inutilmente fervilhava, vendo em ruínas seus planos de destruir o coven. Melanie falava.

— Quer passar na minha casa primeiro, Cassie? Minha tia-avó Constance está cuidando de sua mãe, e se você quiser vê-la...

Cassie fez que sim ansiosamente. Parecia fazer cem anos desde que vira a mãe, desde que entrara naquele quarto com a luz vermelha, vendo seus olhos vidrados e vazios. Certamente a mãe estaria bem agora; certamente seria capaz

de contar a Cassie o que aconteceu.

Mas quando as três, Melanie, Cassie e Diana, que não soltou a mão de Cassie na curta viagem até o número 4, entraram na casa, Cassie ficou deprimida. A tia-avó de Melanie, uma mulher de lábios finos e olhar severo, levou-as em silêncio para um quarto de hóspedes no térreo. Uma olhada na figura espectral na cama provocou arrepios de horror na corrente sanguínea de Cassie.

— Mãe? — sussurrou ela, já sabendo que não teria resposta.

Meu Deus, a mãe parecia *jovem*.

Ainda mais do que normalmente aparentava, assustadoramente jovem, nada natural. Era como se não fosse a mãe de Cassie na cama, mas uma garotinha de cabelos pretos e olhos grandes e assombrados que se assemelhavam vagamente com os da Sra. Blake. Uma estranha.

Não alguém que pudesse de alguma forma ajudar Cassie.

— Está tudo bem, mãe — sussurrou Cassie, afastando-se de Diana para colocar a mão no ombro da mãe. — Vai ficar tudo bem. Você vai ver. Você vai

ficar bem.

Sua garganta doía, e ela deixou que Diana gentilmente a levasse dali.

— Vocês duas já suportaram o bastante — disse Melanie depois que estavam do lado de fora. — Vamos cuidar de tudo com o médico... e a polícia, se eles aparecerem. Você e Cassie durmam um pouco.

O resto do coven esperava na rua, e todos fizeram que sim com a cabeça quando Melanie disse isso. Cassie olhou para Diana, que também concordou.

— Tudo bem — disse Cassie. Saiu

fraco e levemente rouco, e ela percebeu o quanto estava cansada: morta de cansaço. Ao mesmo tempo, estava zonzá, e toda a cena diante dela assumia um caráter onírico. Era igualmente estranho ficar ali parada de madrugada, sabendo que a avó estava morta e a mãe, em choque, e que não tinha uma casa para onde ir. Mas não havia adultos na rua, nenhuma comoção, só os membros do Círculo e uma sinistra quietude. Pensando bem, por que é que *não* apareceu a família de ninguém? Certamente alguns deles devem ter ouvido o que estava

acontecendo.

Mas as casas da Crowhaven Road continuavam fechadas e silenciosas. A caminho da casa de Melanie, Cassie pensou ter visto uma luz na casa de Suzan e uma cortina se fechar na dos Henderson. Se havia algum adulto acordado, não queria se envolver.

Estamos por conta própria, pensou Cassie. Mas Diana estava ao lado, e ela via a silhueta alta de Adam contra os faróis dos carros estacionados do coven. Uma espécie de força fluiu para Cassie vindo da proximidade deles.

— Vamos conversar amanhã — disse ela. — Tenho muito para contar... a todos vocês. Coisas que minha avó me disse ontem... antes de morrer.

— Podemos nos reunir na praia, na hora do almoço... — começou Diana, mas a voz gutural de Faye a interrompeu.

— Não, não podemos. *Sou eu* quem decide onde serão as reuniões agora, ou se esqueceu disso?

Faye largou a cabeça para trás com orgulho, o diadema de crescente lunar de prata cintilando contra o preto de seu cabelo. Diana abriu a boca, mas voltou a

fechá-la.

— Tudo bem — disse Adam com uma falsa calma, saindo do brilho dos faróis para enfrentar Faye. — Você é a líder. Então lidere. Onde vamos nos reunir?

Os olhos de Faye se estreitaram.

— No antigo prédio de ciências. Mas...

— Tudo bem. — Adam não esperou que ela terminasse; deu-lhe as costas. — Eu levo vocês para casa — disse ele a Diana e Cassie.

Faye ficou furiosa, mas os três já se

afastavam.

— A propósito, Diana... Feliz aniversário — gritou Faye com desprezo para as costas dos três.

Diana não respondeu.

“Jacinth! Você está aí? Jacinth!”

Cassie piscou para a forte luz do sol. Já vira esse cômodo. Era a cozinha da avó — só que não era. As paredes da cozinha da avó estavam cedendo e eram sujas; estas eram firmes e limpas. A lareira da avó estava suja por séculos de fumaça;

esta lareira parecia quase nova e tinha um formato um tanto diferente. O gancho de ferro para pendurar panelas brilhava.

Era o cômodo do sonho que teve na última vez que passou a noite na casa de Diana. A cadeira baixa em que se sentava era a mesma. Mas este sonho parecia ter começado onde o outro parou.

“Jacinth, você dormiu de olhos abertos? Kate está aqui!”

Uma sensação de expectativa e excitação tomaram Cassie. Kate; quem era Kate? Sem nem mesmo saber por quê, ela se viu se levantando e percebeu

que usava um vestido que roçava nas pontas de seus delicados sapatos de brocado. O Livro das Sombras de capa de couro vermelho que estava em seu colo caiu no chão.

Ela se virou para a voz, para o que teria sido a porta lateral na casa da avó. Nesta casa parecia ser a porta da frente. Estava banhada pelo sol e havia duas figuras paradas ali. Uma era alta, com uma silhueta semelhante às gravuras de mulheres puritanas que ela tinha visto nos livros de história. A outra era mais baixa e seu cabelo brilhava.

Cassie não conseguia ver o rosto de nenhuma das duas, mas a menor lhe estendia as mãos com avidez. Cassie estendeu as mãos, avançando...

... E o sonho mudou. Estava escuro e ela ouvia o rangido torturado da madeira sendo espatifada. Um borrifo salgado atingiu seu rosto e seus olhos lutaram em vão para penetrar a escuridão.

O barco afundava. Perdido, tudo perdido. E as Chaves Mestras também estavam perdidas... Por enquanto.

Mas só por enquanto. A determinação selvagem do pensamento

encheu Cassie e ela sentiu o gosto da bile no fundo da garganta. Mesmo com a água gelada correndo pelas pernas, ela sentia que o sonho perdia o foco. Tentou prender-se, mas ele se desmanchou e mudou a sua volta, e a escuridão da noite turbulenta e tempestuosa tornou-se a escuridão tranquila do quarto de Diana.

Ela estava acordada.

E aliviada além das palavras por estar viva.

Não estava tão escuro assim ali. A luz do amanhecer clareava as cortinas, acinzentando o quarto. Diana dormia

tranquilamente ao lado. Como *conseguia* ficar tranquila depois de tudo o que aconteceu? Depois do que soube sobre a melhor amiga e o namorado, depois de perder a liderança do coven; como conseguia sequer pegar no sono? Mas os cílios escuros do rosto dela eram imóveis e serenos, e não havia amargura em seu rosto.

Ela é tão boa. Eu jamais serei tão boa assim, pensou Cassie. Nem que tente por toda a vida. Ainda assim, sentia-se melhor só de ficar ao lado de Diana.

Cassie sabia que não dormiria mais.

Sentou-se recostada na cabeceira da cama e pensou.

Meu Deus, ela estava feliz por ter consertado as coisas com Diana. E com Adam — Cassie quase tinha medo de pensar em Adam, preocupada com o tipo de dor que isto traria. Mas, embora houvesse uma dor profunda na imagem dele, não era insuportável, e o veneno do ciúme e da raiva verdadeiramente se fora. Ela sinceramente queria que ele e Diana fossem felizes. Ela era uma pessoa diferente daquela que ardeu de frustração nas últimas seis semanas por não tê-lo.

Cassie fez muitas coisas estranhas nas seis semanas anteriores, tantas que nem se conhecia mais. Não posso acreditar, pensou ela; eu saí e roubei abóboras com Chris e Doug em Salem. Afastei aquele cachorro que queria atacar Chris — aquela não era eu mesma. Joguei Homem da Pizza com Faye. Peguei carona de moto com Deborah... Bem, isso não foi tão ruim.

Muitas coisas que Cassie fez no último mês não eram nada ruins. A mentira, a decepção e a culpa foram terríveis, mas algumas mudanças foram

para melhor. Ela ficou mais próxima de Deborah e Suzan, e teve alguma noção sobre o que tornava os irmãos Henderson irritantes. Até Nick ela achava que entendia melhor agora. E ela encontrou forças em si mesma que nunca pensou que tivesse. Força para perseguir a coisa sombria no cemitério — Black John? — depois da morte de Jeffrey, força para convidar um garoto para um baile, força, no fim, para enfrentar Faye.

Cassie só esperava ter força suficiente para enfrentar os dias que tinha pela frente.

Cassie não ia ao antigo prédio de ciências desde que Faye a havia atraído para lá e a manteve refém, na primeira semana na escola. Estava escuro e tinha uma aparência pouco segura, como se lembrava. Ela não sabia por que Faye quis que se reunissem ali, exceto pelo fato de que aquele era o território dela, enquanto a praia sempre foi o de Diana.

Era estranho ver Faye no lugar de Diana, diante do grupo e sob o olhar de todos. Faye hoje estava de roupas comuns, calça legging preta e um suéter listrado de preto e vermelho, mas ainda

persistia nela uma aura misteriosa de liderança. Ao andar, seus rubis-estrela faiscavam nos feixes do sol que entravam pelas janelas cobertas de tábuas.

— Acho que foi Cassie que pediu essa reunião. Disse que tinha muito a nos dizer... Não é verdade, Cassie?

— Sobre o que minha avó me contou antes de morrer — disse Cassie com firmeza, olhando nos olhos de Faye. — Antes de Black John matá-la. — Se ela esperava que Faye ficasse envergonhada, foi uma decepção; aqueles olhos dourados e caídos continuavam tranquilos e

arrogantes. Ao que parecia, Faye não assumia a responsabilidade pelos atos de Black John, embora a libertação dele tenha sido obra dela.

— Era realmente Black John? — disse Suzan em dúvida, colocando uma unha extraordinariamente bem-feita na boca perfeita, como se pensar fosse um exercício novo e difícil. — Ele estava mesmo lá?

— Ele *estava* lá. Ele *está* realmente *aqui* — disse Cassie. Suzan não era tão burra quanto aparentava e às vezes tinha *insights* surpreendentes. Cassie a queria a

seu lado. — Ele saiu daquele morro do cemitério. Acho que era o túmulo dele. Quando levamos o crânio ao cemitério e liberamos a energia maligna, demos ele força para voltar.

— Voltar dos mortos? — perguntou Sean, nervoso.

Antes que Cassie pudesse responder, Melanie falou.

— Aquele morro não pode ter sido o túmulo de Black John, Cassie. Desculpe, mas simplesmente não pode ser. É uma construção recente demais.

— Sei que é recente. Não é o

primeiro túmulo de Black John; eu nem sei se ele tinha um túmulo nos anos 1600. Acho que não, se morreu no mar... — Houve olhares assustados de alguns do grupo, mas Cassie mal notou. — De qualquer forma, não era o túmulo dele desde então. É dele desde 1976.

Laurel, que servia chá de ervas de uma garrafa térmica, derramou o líquido quente no chão.

Faye ficou paralisada.

— *O quê?* — gritou ela.

Até Diana e Adam ficaram desconcertados, entreolhando-se. Mas o

apoio veio de uma parte inesperada.

— Deixem a Cassie contar a história — disse Deborah. Com os polegares metidos nos bolsos do jeans, ela foi até onde Cassie estava sentada num caixote virado, postando-se ao lado dela.

Cassie respirou fundo.

— Eu sabia que tinha alguma coisa estranha quando vi todos os túmulos no cemitério... Túmulos dos pais *de vocês*, todos mortos em 1976. Diana disse que foi um furacão, mas ainda assim me pareceu estranho. Digo, por que só os pais morreram? Principalmente quando

soube que todos vocês tinham nascido meses antes. Com todos aqueles bebês pequenos, era de se pensar que alguns teriam morrido num furacão comum. Isso para não falar da esquisitice de *todos* vocês nascerem em um intervalo de um mês.

Ela agora relaxava um pouco, embora fosse difícil falar com todo mundo olhando. Pelo menos os olhos não brilhavam com hostilidade ou desconfiança. Só Faye parecia hostil, de braços cruzados, os olhos felinos semicerrados.

— Mas, vejam só, a explicação de

tudo isso é muito simples — continuava Cassie. — Black John voltou durante a última geração, a geração de nossos pais. Ninguém sabia que era ele, e minha avó disse que ninguém conseguiu entender como ele voltou, mas que era Black John. Ele tentou formar um coven com nossos pais quando eles eram um pouco mais velhos do que nós.

— *Nossos* pais? — perguntou Doug, abafando o riso. — Ah, sem essa, Cassie, dá um tempo. — Houve outros risos no grupo, e as expressões iam do ceticismo à perturbação e até à franca zombaria.

— Não, espere aí — disse Adam, começando a se animar. — Isso explicaria algumas coisas. Sei que minha avó divaga de vez em quando, mas ela me disse coisas sobre meus pais... sobre nós, crianças, formando um coven... que se encaixam com isso. — Seus olhos verde-azulados brilhavam de intensidade.

— E tem outra coisa — disse Deborah, olhando de canto de olho para Nick. — A avó de Cassie disse que minha mãe ia se casar com o pai de Nick, mas Black John a obrigou a se casar com o meu pai. Isso explica por que minha

mãe pira quando a gente sequer fala em magia e por que ela sempre tem um ar de culpada quando diz que Nick está crescendo e ficando igual ao pai dele. Isso explica muita coisa.

Cassie percebeu Nick, como sempre separado do restante do grupo num canto escuro. Fitava o chão com tal intensidade que os olhos pareciam prestes a cavar um buraco ali.

— É, explica mesmo — disse ele tão suavemente que Cassie mal conseguiu ouvir. Ela se perguntou o que ele quis dizer com aquilo.

— Isso explicaria por que eles brigam o tempo todo também... Meus pais, quero dizer — acrescentava Deborah.

— Todos os pais brigam o tempo todo — disse Chris, dando de ombros.

— Os pais *daqui* são os que sobreviveram a Black John — disse Cassie. — Sobreviveram porque não foram lutar com ele. Minha avó disse que depois que 11 bebês nasceram em um mês, nossos pais perceberam o que Black John estava aprontando. Ele queria um coven que pudesse controlar completamente, um coven de *crianças* que

pudesse se moldar à medida que crescessem. Vocês — Cassie apontou para o grupo com a cabeça — seriam o coven dele.

Os membros do Clube se olharam.

— Mas e você, Cassie? — perguntou Laurel.

— Eu só nasci depois. Kori também, você sabe. Não fazíamos parte dos planos de Black John; éramos só crianças comuns. Mas vocês seriam *dele*. Ele armou tudo em torno de vocês.

— E os pais que não gostaram dessa ideia lutaram com Black John —

acrescentou Deborah. — Eles o mataram; queimaram seu corpo e a casa do número 13, mas com isso eles mesmos morreram. Sobreviveram os covardes que ficaram em casa.

— Como o *meu* pai — disse Suzan abruptamente, desviando os olhos das unhas. — Ele fica muito nervoso só de falar no memorial do Vietnã, no Titanic ou em qualquer coisa em que alguém morreu para salvar os outros. E ele não fala da minha mãe.

Cassie viu olhares sobressaltados pelo Círculo. Havia uma espécie de

compreensão nos olhos de muitos integrantes.

— Como o *meu* pai — disse Diana, pensativa. — Ele sempre fala que minha mãe foi muito corajosa, mas nunca disse exatamente por quê. Não é de se admirar, se ele não foi lá, se deixou que ela fosse sozinha. — Ela mordeu o lábio, angustiada. — Que coisa horrível de se descobrir sobre o próprio pai.

— É, mas no meu caso foi pior — disse Deborah com amargura. — *Os dois* se recusaram a ir. E os seus também — acrescentou ela para os Henderson, que

se olhavam com raiva.

— E aqueles de nós cujos pais não tiveram tanta sorte? — perguntou Melanie, erguendo as sobrancelhas.

— Pelo menos você sabe que eles tiveram coragem — disse Deborah ríspidamente. — Você, Adam, Laurel e Nick têm do que se orgulhar. Eu preferia ser criada por uma avó ou tia-avó do que ter pais que brigam o tempo todo porque têm vergonha demais deles mesmos.

Cassie observava Nick novamente e viu que algo tinha deixado seu rosto, uma tensão que estivera ali desde que ela o

conhecera. Deixou-o diferente, de alguma forma mais brando, mais vulnerável. Neste momento ele ergueu os olhos e a fitou, pegando-a no ato de observá-lo. Cassie quis virar o rosto mas não conseguiu, e para sua surpresa não havia hostilidade no olhar dele. Sua boca se entortou um pouco em um sorriso irônico e aliviado, e ela se viu quase sorrindo para ele com compreensão.

Depois ela percebeu que Faye olhava os dois. Virando-se, ela falou rapidamente para todo o grupo.

— Os que lutaram foram mortos

porque nossos pais não se uniram. Foi o que disse minha avó, de qualquer modo. Ela disse que *nós* é que corremos perigo agora, porque Black John voltou para nos pegar. Ele ainda quer seu coven e agora está vivo de novo... Um homem vivo, de carne e osso. Ela disse que ele não vai parecer queimado e horrível quando o virmos de novo, e talvez a gente não o reconheça, mas temos de estar preparados para ele.

— Por quê? — perguntou Adam, a voz tranquila parecendo alta no silêncio repentino. — O que ela acha que ele vai

fazer?

Cassie ergueu as mãos. Não havia mais o segredo da culpa entre ela e Adam, mas sempre que olhava para ele, ela sentia... uma ligação. Uma nova ligação, de duas pessoas que foram testadas pelo fogo e saíram dele mais fortes. Sempre haveria um entendimento entre os dois.

— Não sei o que ele vai fazer — respondeu ela. — Nos enganar, disse a minha avó. Nos levar a segui-lo, como nossos pais fizeram. Mas *como*, eu não sei.

— Estou perguntando porque ele pode não querer *todos* nós — disse Adam, ainda em voz baixa. — Você disse que ele cuidou para que nascessem 11 de nós... E se ele reunir o coven como líder, a soma dá 12. Mas você não estava entre os 11, Cassie. Nem Kori. E parece que ele tirou Kori do caminho.

Diana soltou um suspiro agudo.

— Ah, meu Deus... Cassie! Você precisa ir embora. Tem de sair de New Salem, voltar para a Califórnia... — Ela parou, porque Cassie balançava a cabeça.

— Não posso — disse ela

simplesmente. — Minha avó me disse que eu precisava ficar e lutar. Disse que foi por isso que minha mãe me trouxe de volta, para que eu possa *combater* Black John. Posso ser meio forasteira, mas acho que sou a criança que ele não planejou, então talvez eu tenha alguma vantagem.

— Não seja modesta. — Deborah a interrompeu causticamente. — A velha nos contou que sua família sempre foi a mais forte. Você tem a visão mais clara e mais poder, segundo ela disse.

— E agora tenho nosso Livro das Sombras — disse Cassie, um tanto

constrangida, curvando-se para pegar o livro de capa vermelha na mochila. — Minha avó escondeu atrás de um tijolo solto na lareira da cozinha. Black John o queria, então deve ter algo aqui que ele teme. Vou ler e tentar descobrir o que é.

— E o que nós podemos fazer? — perguntou Laurel. Cassie percebeu que a pergunta era dirigida a *ela*; a não ser por Faye, que estava vermelha de raiva, todos a olhavam com expectativa. Aturdida, ela ergueu as mãos de novo e balançou a cabeça.

— Podemos falar com as velhas da

cidade que ainda estão vivas — sugeriu Deborah. — É a minha sugestão. A avó de Cassie disse que nossos pais se esqueceram da magia, que eles se obrigaram a esquecer para sobreviver. Mas acho que talvez as velhas não tenham esquecido e podemos perguntar a elas. Como a avó Quincey, de Laurel, e a avó de Adam, a velha Sra. Franklin. Até sua tia-avó, Mel.

Melanie ficou em dúvida.

— A tia-avó Constance não aprova *nada* da vida antiga. Ela é muito... inflexível... quanto a isso.

— E a vovó Quincey é tão frágil — disse Laurel. — Quanto à Sra. Franklin... Bem, nem sempre ela está consciente.

— Você está sendo educada — disse Adam. — Vamos ser francos, às vezes minha avó pode ficar bem ausente da realidade. Mas acho que Deborah tem razão. Elas são tudo o que temos, então precisamos arrancar o máximo delas. Podemos *tentar* pressionar nossos pais a darem alguma informação também... O que temos a perder?

— Um braço e um olho, se for meu pai quem você vai pressionar —

resmungou Suzan, estendendo os dedos num raio de sol para examinar as unhas. Mas Chris e Doug Henderson sorriram loucamente e disseram que ficariam felizes em interrogar todos os pais.

— Vamos dizer: “Ei, lembra o cara que vocês torraram igual ao Freddy Krueger há 16 anos? Bem, ele voltou, então será que você pode nos dar alguma ajuda para reconhecer o homem?” — disse Doug com deleite.

— Sua avó não disse *nada* que pudesse ajudar? — perguntou Laurel a Cassie.

— Não... Espere. — Cassie endireitou o corpo, a empolgação tomando conta dela. — Ela disse que identificaram o corpo de Black John na casa queimada graças ao anel, uma pedra de magnetita. — Ela olhou para Melanie. — A especialista em cristais é você; o que é magnetita?

— É a pedra-ímã, óxido de ferro preto — disse Melanie, estreitando os olhos cinza e frios, pensativa. — Parece hematita, que também é óxido de ferro, mas a hematita é vermelho-sangue quando cortada em fatias. A magnetita é

preta e magnética.

Cassie tentou controlar a expressão. Bem, ela sabia que a hematita vinha da casa de Black John; talvez tivesse sido a pedra dele. Ela não devia ficar surpresa por ele usar um anel de pedra similar. Ainda assim, sentiu certa apreensão. Era melhor se livrar do pedaço de hematita. Neste momento estava em uma caixa de joias em seu quarto, onde ela o colocara quando Diana a levou para casa para pegar roupas esta manhã antes da aula.

— Tudo bem, vamos ficar atentos a isso — dizia Adam, poupando Cassie da

necessidade de falar. — Podemos falar com as velhas amanhã... Ou talvez a gente deva esperar para depois do enterro da avó de Cassie.

— Tudo bem — murmurou Cassie.

— Você está fazendo muitas *sugestões*, Adam — disse Faye, por fim incitada a falar. Seus braços ainda estavam cruzados e a pele cor de mel estava corada de raiva.

Adam olhou para ela sem expressão.

— Pensando bem, queria fazer mais uma sugestão — disse ele. — Acho que temos de refazer a eleição da liderança.

Faye avançou para ele com os olhos

dourados em brasa.

— Você não pode fazer isso!

— E por que não? Se todo mundo concordar — disse Adam calmamente.

— Porque não faz parte das tradições — sibilou Faye. — Olhe em qualquer Livro das Sombras e vai ver! A eleição é a eleição; eu ganhei e isso não pode ser mudado. *Eu* sou a líder do coven.

Adam procurou o apoio dos outros, mas Melanie parecia perturbada e Diana balançava a cabeça devagar.

— Ela tem razão, Adam — disse Diana suavemente. — Na hora, a eleição

foi justa. Não existe nenhuma cláusula para mudá-la. — Melanie concordou, de má vontade, com um aceno de cabeça.

— E não gosto de você fazendo todos esses planos sem me consultar — continuou Faye, andando de um lado para outro como uma pantera enjaulada. Saíam faíscas de seus olhos, bem como das gemas vermelhas em seu pescoço e dos dedos quando ela passava por trechos ensolarados.

— Bem, e o que *você* quer que a gente faça? — disse Laurel num tom de desafio, jogando o cabelo castanho claro e

comprido para trás. — Foi você quem quis que Black John saísse, Faye. Você disse que ele nos ajudaria, nos daria o poder dele. E então? O que nos diz agora que ele está aqui?

Faye respirava com dificuldade.

— Ele pode estar nos testando...

— Matando a avó de Cassie? —

Deborah a interrompeu rispidamente. — Não seja idiota, Faye, eu estava lá; eu *vi*. Não há desculpa para assassinato de velhinhas.

Faye fuzilou com os olhos sua ex-tenente, agora uma desertora.

— Eu não sei por que ele fez isso! Talvez ele tenha planos que ainda não conhecemos.

— *Essa* é a coisa mais verdadeira que você já disse — interrompeu Melanie. — Ele tem planos, Faye... De nos pegar. Já matou quatro pessoas, e se o irritarmos, sei que vai ficar feliz em nos matar também.

Faye parou de andar e sorriu triunfante.

— Ele não pode — rebateu ela. — Se Cassie tiver razão... e não estou dizendo que ela tem, mas *se* tiver... ele precisa de

nós para o coven. Então ele não pode nos matar!

— Bem, é verdade que ele não pode matar todo mundo — disse Adam secamente. — Ele pode se livrar de uma pessoa.

Fez-se silêncio. Os integrantes do Círculo se olharam, inquietos.

— Então talvez seja melhor que cada um de vocês cuide para *não* ser o escolhido — disse Faye, sorrindo para eles. Não era bem seu antigo sorriso indolente; era mais um arreganhar de dentes. Antes que alguém pudesse dizer

alguma coisa, ela se virou e saiu da sala. Eles ouviram seus passos descendo rapidamente a escada, depois a porta do prédio de ciências bateu.

Cassie, Adam e Diana se olharam. Adam balançou a cabeça.

— Estamos com problemas — disse ele.

— Ah, é isso o que deduzimos desta reunião? — disse Deborah.

Diana apoiou a cabeça na mão, cansada.

— Precisamos dela — disse ela. — Faye é a líder do coven, e precisamos dela

do nosso lado, não do dele. É melhor falarmos com ela.

Lentamente, os membros do Clube se levantaram. Lá fora, estava claro demais e Cassie semicerrou os olhos. O sétimo tempo tinha terminado e as pessoas saíam da escola. Cassie olhou a multidão, mas não viu Faye.

— Ela deve ter ido para casa — dizia Diana. — Vamos ter de ir atrás dela...

Cassie não ouviu o resto. Em meio aos estudantes que se agrupavam no estacionamento, de repente ela viu um rosto conhecido. Um rosto *estranho* e

conhecido, que não pertencia a este lugar, que ela teve de quebrar a cabeça para identificar. Pelo amor de Deus, onde vira aquele nariz arrebitado, aquele cabelo cor de palha, aqueles olhos castanhos e frios? Era alguém que Cassie conhecia bem, alguém que costumava ver todos os dias, mas que ficou feliz em esquecer quando veio para New Salem.

Uma sensação de calor e umidade tomaram Cassie. A lembrança de pisar na areia, o suor escorrendo pelo corpo, a loção bronzeadora pegajosa no nariz. O som de ondas se quebrando, um cheiro de

corpos quentes demais e uma sensação opressiva.

Cape Cod.

A conhecida era Portia.

— Ei, cuidado — disse Chris, esbarrando em Cassie quando ela parava de repente. — O que foi?

— Acabei de ver alguém. — Cassie sentia os próprios olhos arregalados ao ver a multidão. Portia tinha desaparecido num mar de cabeças em movimento. —

Uma garota que conheci nesse verão... —
A voz falhou enquanto a mente hesitava
diante da tarefa de explicar Portia ao
Círculo.

Mas Adam também a vira.

— Uma caçadora de bruxas — disse
ele com raiva. — Aquela dos irmãos
armados. Eles levam isso a sério... Não é
só um hobby, é uma obsessão.

— E eles vieram *para cá?* —
escarneceu Deborah. Cassie olhava da
menina de cabelos pretos para Adam;
obviamente a caça às bruxas era algo que
essas pessoas já conheciam. — Deviam

saber que não podem.

— Talvez seja um engano... Ou um acaso. Talvez os pais dela tenham se mudado e ela só foi transferida para cá ou coisa assim — disse Laurel, sempre o otimista.

Cassie fez que não com a cabeça.

— Portia não comete erros — murmurou ela. — E tenho pena do acidente que se arrisque a acontecer a ela. Adam, o que vamos fazer? — Ela estava quase mais perturbada com isso do que por saber que Black John estava à solta em algum lugar de New Salem. *Este*

terror era perturbador, não era possível tratar dele com racionalidade. Sentir medo de Portia era mais familiar e Cassie teve a sensação de estar sendo sugada para um antigo estado de impotência. Jamais conseguiu lidar com Portia; saía de cada encontro com a língua travada e humilhada, derrotada. Cassie fechou os olhos.

Não sou mais assim. Eu *não seria* assim, pensou ela. Mas o pavor revirava seu estômago.

— Vamos cuidar dela — Adam começava a dizer friamente quando Doug

se curvou, com os olhos verde-azulados cintilando.

— Ei, ela é uma inimiga, não é? Black John, o tal do Bruxo, disse que queria nos ajudar a destruir nossos inimigos, né? Então...

— Nem pense nisso — Melanie o interrompeu rapidamente. — *Não*, Doug. E estou falando sério.

Doug encolheu os ombros, mas olhou para o gêmeo de canto de olho, por debaixo dos cílios.

— Magia ruim — murmurou Chris, olhando ao longe.

Cassie olhou para Adam.

— Nunca — disse Adam,
tranquilizador. — Não se preocupe,
Cassie. Nunca.

* * *

Cassie morava com Diana agora.

— Obviamente você não pode ficar
sozinha naquela casa — dissera Diana, e
naquela tarde ela, Laurel e Melanie
ajudaram Cassie a pegar suas coisas.
Adam e Deborah também apareceram,
como proteção, andando pela casa

incansavelmente, e a maioria dos outros membros do Clube parou ali por um motivo ou outro. Só Faye estava nitidamente ausente. Ninguém a vira desde que desapareceu da escola.

A casa em si não estava muito danificada, além dos estranhos pedaços queimados no chão e em algumas portas. A história oficial, segundo conclusão dos adultos que apareceram na noite anterior para retirar o corpo da avó de Cassie, foi que houve um incêndio e a Sra. Howard teve um ataque cardíaco devido ao pavor. O Clube não mencionou um invasor e a

polícia nem mesmo isolou a casa. Mas Cassie não sabia como a polícia podia pensar que um piso de madeira pegasse fogo de forma tão estranha. Ninguém lhe perguntou e ela certamente não ia à delegacia se oferecer para nada.

A casa parecia deserta e ecoava, apesar da presença do Círculo zanzando por ali. Havia um vazio dentro de Cassie também. Ela nunca pensou que sentiria tanta falta da avó — só uma velha corcunda de cabelos grisalhos ásperos e uma verruga no rosto. Mas aqueles velhos olhos viram muito e aquelas mãos

nodosas eram habilidosas e gentis. A avó *sabia* das coisas e sempre fazia Cassie se sentir melhor.

— Queria ter uma foto dela — disse Cassie com suavidade. — Da minha avó. — Bruxas não gostam de ser fotografadas, então ela sequer tinha uma foto.

— Ela era uma velhinha muito legal — disse Deborah, pendurando uma bolsa de viagem no ombro e pegando uma caixa de papelão cheia de livros e CDs. — Quer mais alguma coisa?

Cassie olhou o quarto. Sim, tudo, pensou ela. Ela queria sua cama de dossel

com a cobertura rosa-claro e cortinas, e suas cadeiras de estofado damasco, e sua arca maciça de mogno que era da cor dos olhos de Nick.

— Essa cômoda aqui é *bombé* — disse ela a Deborah. — Foi feita aqui em Massachusetts, o único lugar nas colônias que produzia móveis nesse estilo.

— É, eu sei — disse Deborah, sem se impressionar. — Minha casa é cheia dessas coisas. Pesam uma tonelada e não dá para carregar. Vai querer o aparelho de som?

— Não, posso usar o de Diana —

disse Cassie com tristeza. Sentia como se estivesse deixando sua vida para trás. Só estou indo para uma casa vizinha, lembrou-se Cassie enquanto Deborah saía.

— Cassie, se quiser dar uma passadinha para ver sua mãe hoje, não tem problema para a tia-avó Constance — disse Melanie, aparecendo na porta. — A qualquer hora antes do jantar.

Cassie concordou, sentindo algo se retorcer no peito. A mãe. É claro que a mãe ficaria bem; a tia-avó de Melanie estava disposta a cuidar dela e seria

melhor para ela ficar na casa de Melanie do que ser levada para... algum lugar. Vamos falar a verdade: uma instituição, disse ela a si mesma com clareza. Se a vissem, os médicos iam querer interná-la numa clínica ou hospital. Mas esses não são lugares para ela, e ela vai ficar bem. Precisa descansar um pouco, é só isso.

— Obrigada, Melanie — disse Cassie. — Irei depois de terminar minha mudança. É muito gentil de sua tia cuidar dela.

— Com a tia-avó Constance, nada é muito gentil; é uma obrigação — disse

Melanie, virando-se para sair. — A tia-avó Constance acredita que está cumprindo um dever.

E eu também, pensou Cassie, parando para pegar uma trouxa de roupas na cama. E eu também.

— Acabei de me lembrar de uma coisa... Vou descer daqui a pouco — disse ela.

Ela tinha lembrado da hematita. Com uma só mão, abriu a caixa de joias na cômoda — e enrijeceu. Procurou dentro da caixa com os dedos, mas foi em vão.

O pedaço de hematita não estava lá.

O pânico dilatou a garganta de Cassie. Ela *pretendia* fazer alguma coisa com a pedra, mas agora que estava fora de suas mãos, percebia o quanto a achava realmente perigosa.

Desta vez, disse ela a si mesma, você não vai guardar segredo nenhum, remoendo tudo sozinha. Desta vez vai fazer o que devia ter feito no início, isto é, contar a Diana.

Cassie desceu. Diana e Laurel estavam na horta, recolhendo coisas que Laurel pensava que podiam ser úteis.

Cassie endireitou os ombros.

— Diana — disse ela. — Preciso te contar uma coisa.

Os olhos verdes de Diana se arregalaram quando Cassie explicou sobre a hematita, como a havia achado, como a havia guardado em segredo. Ninguém sabia disso, exceto Deborah — e Faye.

— E agora ela sumiu — disse Cassie. — Não acho que signifique algo de bom.

— Não — disse Diana devagar. — Certamente não significa. Cassie, você não vê? Quando você carregava a

hematita, ela a afetou. Obrigou você a fazer coisas... Você estava com ela na festa de Halloween, quando tentou fazer Adam te beijar?

— Eu... Sim. — Cassie sentia o sangue subindo para o rosto. — Mas, Diana... Eu queria poder dizer que a hematita me obrigou a isso, mas *não foi*. Fui eu mesma. Eu quis.

— Talvez, mas aposto que você quis antes e não fez. A hematita não pode te obrigar a fazer coisas contra sua vontade, mas com ela é mais fácil ceder a coisas que normalmente você não faria.

— Como a ônix. A pessoa se rende a seu lado sombrio — sussurrou Cassie.

— Sim — disse Diana.

— Deve estar com um de nós; com alguém do Círculo — disse Cassie. — Porque eu coloquei na caixa esta manhã e ninguém mais esteve na casa hoje. Mas *quem?*

Diana balançou a cabeça. Laurel fez uma careta.

— Prefiro as plantas — disse ela. — São mais seguras, desde que as respeite e saiba o que está fazendo. Elas não influenciam você.

Por sugestão de Diana, as três deram uma busca pelo quarto de Cassie de novo. Mas a hematita não estava ali.

Cassie foi à escola na quinta-feira. Era estranho se sentar em sua aula de redação e ver a vida se desenrolando à sua volta, como sempre. Todas essas pessoas — alunos contando os dias até o feriado de Ação de Graças, professores dando suas aulas, o vice-diretor andando pelos corredores com um ar atormentado — não tinham ideia do que estava à solta em sua comunidade, só esperando para atacar

novamente. É claro que Cassie também não sabia. Que forma Black John assumiria agora? Como ele seria quando ela o visse de novo? Mas ela sabia que seria perigoso.

Faye não apareceu na aula de inglês. Cassie teve de ficar depois da aula para explicar ao Sr. Humphries por que se ausentou por dois dias. Ele foi solidário e lhe disse para tirar mais algum tempo para sua próxima tarefa, mas foi difícil se livrar dele. Cassie já estava atrasada para a aula de álgebra quando entrou correndo no banheiro do terceiro andar. Mas, tão

logo entrou no reservado, ouviu do lado de fora umas vozes que a fizeram paralisar e se esquecer da hora.

Vinham entabulando uma conversa que evidentemente já acontecia há algum tempo.

— E depois ela devia voltar para a Califórnia — dizia a primeira voz. Cassie a ouvira tantas vezes que não podia deixar de reconhecer. Portia. — Mas obviamente também era mentira, se for a mesma Cassie que eu conheço.

— Como você disse que ela era mesmo? — perguntou a outra voz,

estridente e agressiva, que Cassie reconheceu como Sally Waltman.

— Ah, ela é meio uma ninguém. É totalmente mediana, altura média, um pouco mais alta do que você...

Um barulho de pigarro saiu de Sally.

— Não que você seja *baixa*, é claro. Você é... mignon. Mas então, ela é bem magra e tudo nela é comum: cabelo castanho comum, carinha comum, roupas comuns... Não tem *nada* que chame a atenção. No todo, ela é indescritivelmente monótona...

— Não é a mesma Cassie —

interrompeu Sally bruscamente. — Essa consegue que cada garoto da festa de Halloween vá atrás dela com a língua de fora. Inclusive o *meu* namorado... E olha só onde isso o levou. Ela parece comum no início, talvez, mas seu cabelo tem todas as cores; ele muda, dependendo da luz. Estou falando sério. E estou certa de que é só fingimento, mas ela é do tipo que parece toda frágil e meiga, do tipo que os garotos morrem de vontade de cuidar... E *depois* começa a dar ordens pra todo lado. E se safá, provavelmente porque abre aqueles olhos grandões e

finge que se acha inadequada. O habitual “Ah, eu sou só uma menina comum, mas vou fazer *o melhor que puder*”... Eles caem nessa.

Cassie abriu a boca, indignada, depois a fechou.

— E ela tem olhos de matar — continuava Sally com amargura. — Não tanto pela cor... São de um azul meio cinza... Mas são tão grandes e *sinceros* que dá nojo. Sempre parecem estar cheios de lágrimas prontas para derramar. Deixa os garotos malucos.

— *É* a mesma garota — disse Portia

categoricamente. — Só que quando a conheci, Cassie tinha a consciência de não se exhibir. Na época ela sabia qual era seu lugar.

— Bem, agora mesmo o lugar dela é com o grupo mais popular da escola. Todos eles se acham maravilhosos; acham que podem fazer qualquer coisa. Até matar pessoas.

— Bem, agora não mais — disse Portia com satisfação. — As coisas por aqui vão mudar drasticamente... Para melhor. Sabe de uma coisa, fiquei *feliz* por minha mãe decidir se mudar para cá

depois do divórcio. Achei que seria péssimo, mas parece que isso foi uma mudança para melhor.

Cassie ficou cuidadosamente imóvel. Então era isso: Sally e Portia estavam somando forças. Agora, se elas fizessem a gentileza de descrever um pouco seus planos...

Mas o som de água corrente trouxe as frases seguintes, depois ela ouviu Sally falar.

— É melhor eu ir para a aula de cálculo. Quer almoçar comigo?

— Quero, e acho que você devia ir lá

em casa no feriado de Ação de Graças — disse Portia. — Acho que vai gostar dos meus irmãos.

O Círculo rodava Cassie de forma protetora. Era sábado, e o enterro quase terminava.

Este não era o antigo cemitério, aquele que tinha sido “depredado” (segundo a história oficial) na noite em que sua avó morreu. Era o cemitério moderno, onde Kori foi enterrada. Moderno nos termos de New Salem, isto é: os túmulos mais antigos eram dos anos

1800. Cassie se perguntou por que os pais mortos por Black John em 1976 não foram enterrados aqui. Talvez alguém tenha sentido que o antigo cemitério era mais adequado.

As pessoas se aproximavam dela, dizendo o quanto se lamentavam, perguntando por sua mãe. A versão oficial sobre a mãe era de que ela ficou em choque com a morte da avó de Cassie e doente demais para vir. Cassie lhes disse que ela ficaria bem.

Faye aparecera, para surpresa de Cassie. Seu vestido de renda preta era

lindo, embora meio apertado demais para ser apropriado a um enterro. Os lábios e unhas vermelhos eram os únicos toques de cor.

— Meus pêssames — disse friamente uma voz conhecida, e Cassie viu que era Portia. Sally estava bem atrás dela; ultimamente as duas pareciam siamesas.

— Que surpresa ver você aqui — acrescentou Portia, com os olhos castanhos fixos em Cassie. Cassie então se lembrou; olhos cruéis como de serpente, pensou ela. Pareciam ter um efeito hipnótico e Cassie sentiu uma

impotência esmagadora cair sobre si.

Ela lutou e tentou falar, mas Portia continuava.

— Não sabia que você tinha familiares aqui. Mas quem sabe agora que você não tem mais, volta para a Califórnia...?

— Não, vou ficar aqui. — Para frustração de Cassie, ela não conseguia pensar em mais nada para falar. À noite, lhe viria uma resposta arrasadora, sem dúvida nenhuma.

Mas ela não estava sozinha em New Salem. Adam se manifestou.

— Cassie ainda tem família aqui. —
E foi para o lado de Cassie.

— É, somos todos irmãos. Toda a vida é, tipo assim, ligada — disse Chris, aparecendo do outro lado de Cassie. Ele encarou Portia com seus estranhos olhos verde-azulados. Doug se juntou a ele, com seu sorriso selvagem.

Portia piscou os olhos. Cassie tinha se esquecido de como pareciam os irmãos Henderson para quem não os conhecia.

Mas Portia se recuperou rapidamente.

— É verdade... Dizem que todos

vocês são aparentados. Bem, talvez um dia conheçam a *minha* família. — Ela olhou para Adam. — Com certeza eles vão gostar disso. — Ela virou e se afastou.

Cassie e Adam se olharam, mas antes que pudessem dizer alguma coisa, o Sr. Humphries se aproximou.

— Foi uma linda cerimônia — disse ele a Cassie. — Todos vamos sentir falta de sua avó.

— Obrigada — disse Cassie. Ela conseguiu sorrir para ele; gostava do Sr. Humphries, com sua barba grisalha bem

aparada e os olhos simpáticos por trás de óculos de armação dourada. — Foi gentileza sua vir.

— Espero que sua mãe melhore logo — disse o Sr. Humphries, depois se afastou. A Srta. Lanning, professora de história americana, veio falar com ela, mas a atenção de Cassie estava no Sr. Humphries. Um homem alto e de cabelo preto tinha se juntado a ele, e Cassie ouviu uma voz grave, seguida pelos tons mais leves e acelerados do Sr. Humphries.

— ... me apresentar? — dizia o de

cabelo escuro.

— Ora, certamente — disse o Sr. Humphries. Ele se virou para Cassie, trazendo o homem com ele. — Cassie, achei que talvez quisesse conhecer nosso novo diretor, o Sr. Jack Brunswick. Ele está interessado em conhecer seus alunos o quanto antes.

— É verdade — disse o homem alto, num tom grave e agradável. Ele estendeu a mão e apertou a mão de Cassie com firmeza. Sua própria mão era grande e forte. Ela a olhou enquanto abria a boca para dizer alguma coisa educada, mas

ficou paralisada, imóvel, sentindo o coração martelar como um bate-estaca enquanto o sangue lhe fugia do rosto.

— Acho que ela não está se sentindo bem... Deve ter sido um longo dia... — dizia a Srta. Lanning, mas sua voz parecia vir de longe. Ela segurou Cassie pelo braço.

Mas Cassie não conseguia soltar a mão dele, com seus dedos fortes e bem-feitos. Só o que conseguia ver era o anel com sinete no indicador, entalhado com um símbolo que a lembrava das inscrições no bracelete de prata de Diana — agora

o bracelete de prata de Faye. A pedra no anel era preta e reflexiva, com um brilho metálico. Parecia hematita, mas Cassie sabia que não era. Era uma magnetita.

E então, enfim, Cassie olhou no rosto do novo diretor e viu a face que vira durante a cerimônia do crânio na garagem de Diana. O rosto que tinha disparado na direção dela, cada vez mais rápido, cada vez maior, tentando escapar do crânio de cristal. Um rosto cruel e frio. Por um instante ela pareceu ver o crânio sobreposto à face do diretor, sua estrutura óssea claramente visível. A cavidade dos

olhos, os dentes arreganhados...

Cassie vacilou. A Srta. Lanning tentava ampará-la; Cassie podia ouvir as vozes alarmadas de Adam e Diana. Mas não conseguia ver nada, a não ser as trevas nos olhos do diretor. Eram como pedra vulcânica vítrea, como o mar à meia-noite, como magnetita. Eles a estavam tragando...

Cassie. A voz estava em sua mente.

Foi cercada por um ímpeto de escuridão e caiu.

Trevas. Ela estava num barco... Não, não

estava. Ela lutava, debatia-se na água gelada. Cassie batia os braços, tentando chegar à superfície. Não conseguia *enxergar...*

— Calma! Você está em segurança. Cassie, está tudo bem.

Um pano molhado caiu dos olhos de Cassie. Ela estava na sala de Diana, deitada no sofá. Estava escuro porque as cortinas foram fechadas e as luzes, apagadas. Diana inclinava-se sobre ela, e a cascata longa e prateada de seus cabelos caía como um escudo entre Cassie e o mundo.

— Diana! — Ela se agarrou à mão da amiga.

— Está tudo bem. Você está bem. Você está bem.

Cassie soltou o ar, recostando-se no sofá, seus olhos encontrando os de Diana.

— Jack Brunswick é Black John. — Era uma declaração categórica.

— Eu sei — disse Diana, com horror. — Depois que você desmaiou, todos vimos o anel. Acho que ele não esperava que o reconhecêssemos tão rápido.

— O que houve? O que ele fez? — Cassie imaginou o caos no cemitério.

— Não muita coisa. Saiu enquanto carregávamos você até meu carro. Adam e Deborah foram atrás dele, mas disfarçaram. Iam tentar segui-lo. Ninguém mais... Nenhum dos adultos... Percebeu que havia algo errado. Só deduziram que você estava exausta. O Sr. Humphries disse que talvez fosse melhor você se afastar da escola por um tempo.

— Talvez seja melhor que todos nós façamos isso — sussurrou Cassie. Sua cabeça girava. Black John mandaria na escola. O que, em nome de Deus, ele planejava?

— Você disse que o Adam foi atrás dele? — perguntou ela, e Diana confirmou com um aceno de cabeça. Cassie sentiu uma onda de ansiedade — e de frustração. Queria que Adam estivesse *aqui*, para falar com ele. Precisava dele...

— Ei, está tudo bem por aqui? — Chris e Doug estavam na porta, como se além dela houvesse um vestiário de senhoras em que não tivessem permissão de entrar.

— Ela está bem — disse Diana.

— Tem certeza, Cassie? —

perguntou Chris, arriscando-se alguns passos para dentro. Cassie confirmou, fraca, subitamente lembrando das palavras de Sally no banheiro. *Ela é do tipo que os garotos matam para cuidar.* Isso não era verdade... Ou era? Sally tinha distorcido tudo; entendera tudo errado.

— Vamos, vocês dois, tem bolo na cozinha — dizia Diana aos irmãos. — Todo mundo do bairro deixou comida aqui e precisamos de ajuda para acabar com ela. — Cassie achou estranho que Diana a estivesse deixando sozinha, depois ela viu que Chris e Doug não

estavam sozinhos.

Nick estava parado na soleira, do lado de fora da sala. Quando Diana conduziu os irmãos Henderson para fora, ele entrou, devagar.

— Er... Oi, Nick — disse Cassie.

Ele fez um aceno com a cabeça, abriu um breve sorriso e se sentou no braço do sofá. Sua usual máscara de pedra não estava presente hoje. Na penumbra da sala, Cassie achou Nick meio cansado, meio triste, mas talvez fosse só imaginação.

— Como está? — disse ele. — Você

nos deixou assustados por um minuto lá.

Nick, assustado? Cassie não acreditava nisso.

— Eu estou bem agora — disse ela, depois tentou pensar em outra coisa para dizer. Era como acontecia com Portia: quando ela realmente precisava, sua cabeça não funcionava.

O silêncio se prolongou. Nick olhava as espirais e flores no forro do sofá.

— Cassie — disse ele por fim —, eu queria muito falar com você.

— Ah, é... — disse Cassie fraquinho. Ela se sentia muito estranha; quente,

constrangida e ao mesmo tempo sem forças. Não queria que Nick fosse embora — mas parte dela queria isso.

— Sei que não é a melhor hora — disse ele com ironia, desviando o olhar para o papel de parede. — Mas pelo andar da carruagem, todos podemos estar mortos antes que a hora perfeita chegue. — Cassie abriu a boca, mas não saiu som nenhum, e Nick continuava, incansável, inevitavelmente, sua voz baixa mas muitíssimo audível. — Sei que você e o Conant eram muito ligados — disse ele. — E sei que você pensou muito nele. Sei

que estou longe de ser o substituto perfeito... Mas como eu disse, pelo andar da carruagem, talvez seja idiotice esperar pela perfeição. — De repente ele estava olhando diretamente para ela e Cassie viu algo em seus olhos cor de mogno que nunca vira antes. — Então, Cassie, o que acha disso? — disse Nick. — De você e eu?

Cassie abriu a boca para falar, mas Nick continuava.

— Sabe, quando te vi pela primeira vez, achei que você era apenas comum — disse ele. — Depois comecei a perceber umas coisas... Seu cabelo, sua boca. Como continua lutando mesmo quando

está com medo. Naquela noite em que Lovejoy foi morto, você ficou morta de medo, mas foi quem sugeriu que procurássemos a energia maligna, e quando fomos ao cemitério acompanhou Deborah. — Nick parou e sorriu com tristeza. — E nós, os homens.

Cassie sentiu um sorriso de resposta formando-se nos lábios; rapidamente o reprimiu.

— Nick, eu...

— Não diga nada ainda. Quero que saiba que... me sinto mal pelo modo como te tratei quando você foi me

convidar para o baile. — Seu queixo estava rígido e ele olhava fixamente para uma determinada flor no estofamento. — Não sei por que fiz aquilo... Eu sou genioso, acho que é só isso. Sou assim há tanto tempo que nem penso mais no assunto. — Nick respirou fundo antes de continuar. — Sabe, eu sempre odiei morar com os pais da Deb; sempre senti que *devia* alguma coisa a eles. Isso me deixou num mau humor permanente, eu acho. Sinto como se minha mãe e meu pai tivessem estragado tudo, matando-se num furacão para que o filho fosse

sustentado por outras pessoas. Isso me fez odiar os dois... E também os meus tios.

Nick parou e balançou a cabeça pensativamente.

— É, principalmente a tia Grace. Ela fala do meu pai o tempo todo, não para de dizer que ele era impulsivo, que ele não ligou para o que deixou para trás, essas porcarias. Isso me deixava doente. Nunca imaginei que podia ser porque sentisse falta dele.

Cassie estava fascinada.

— Por isso você não gosta de magia?

— Foi um tiro no escuro, mas ele a

olhou, sobressaltado.

— Não sei... Acho que pode ter alguma coisa a ver. Eu me chateava com o resto do coven porque sentia que todos se deram melhor do que eu. Todos tinham pelo menos um avô, eu só tinha meus pais mortos, que ferraram tudo. E todos eram tão *animados* com isso... Como o Conant. Ele... — Nick parou e olhou com ironia para Cassie. — Bem, quanto menos eu falar sobre ele, melhor. De qualquer modo, agora sei a verdade. Meus pais não estragaram tudo e se *eu* estraguei, não posso mais culpá-los. Só

posso culpar uma pessoa: a mim mesmo.
Desculpe pelo modo como agi.

— Nick, está tudo bem. Você me levou ao baile.

— É, depois de você voltar e convidar de novo. É preciso coragem para isso. E depois fomos ao número 13 e você se machucou. — O canto de sua boca se virou para baixo. — Eu não pude fazer nada. Foi Conant que te salvou.

Uma lembrança da coisa fumacenta na cerimônia de Halloween, a forma escura que tinha subido do fogo de Samhain, passou num lampejo pela

mente de Cassie. Ela a afugentou, sentindo o pânico crescer no peito. Não queria pensar em Black John agora — por mais apavorante que ele fosse como a figura fumacenta, era mais assustador agora como homem. Os olhos dele...

— Cassie. — Os dedos fortes de Nick se fechavam em seu pulso. — Está tudo bem. Você está bem.

Cassie respirou fundo e assentiu, sua consciência voltando para a sala escura.

— Obrigada — sussurrou ela. Era bom ter a mão de Nick em seu braço; os dedos quentes, o aperto firme. Isso lhe

dava equilíbrio. E, meu Deus, há tanto tempo ela precisava de alguém em quem se apoiar... Lembrava-se de ficar sentada no carro de Adam, sofrendo com a necessidade de se abraçar a ele, de ser abraçada. E sabendo que não podia, que nunca poderia. Cassie sentia a mesma dor agora e Adam estava completamente perdido para ela. Quanto tempo teria de viver com a sensação de vazio?

— Eu sei — dizia Nick em voz baixa —, que você não é apaixonada por mim. Sei que eu não sou ele. Mas, Cassie, eu gosto de você. Gosto muito, mais do que

qualquer garota que tenha conhecido. Você é tão boa com as pessoas, não é insensível, mas por dentro é durona como a Deb. Durona como eu, talvez. — Ele soltou uma risada curta. — Você não guarda rancor de ninguém do Clube, independente de como a tenham tratado no início. Deb ficou muito surpresa com isso. E no fim você conseguiu o respeito de todos. Os irmãos Henderson jamais gostaram de meninas, mas acho que estão de quatro agora. Acho que vão fazer uma bomba de cano para você de Natal.

Cassie não pôde deixar de rir com ele.

— Bem, acho que é um jeito de se livrar do problema.

— Até Faye te respeita — disse Nick.

— Se não respeitasse, não teria tentado tanto te destruir. Olha, Cassie, não posso explicar o que tem em você... Você é boa, mas é durona. Aguenta o tranco. E tem os olhos mais lindos que eu já vi.

Cassie sentiu o sangue subir ao rosto. Sentia os olhos dele nos dela, e agora *ela* é que foi obrigada a examinar o papel de parede. A sensação quente e estranha por dentro era mais forte a cada minuto.

Pensava na primeira semana de aulas,

quando Deborah e os irmãos Henderson implicaram com ela, jogando sua mochila de um para outro — e de repente um braço moreno se estendeu para seu campo de visão, pegando a mochila, salvando-a. Nick. E como ele foi gentil na sala da caldeira quando ela encontrou o corpo de Jeffrey, como ele a abraçou e disse, “calma, calma”. Os braços dele foram sólidos e reconfortantes. Nick não se intimidava com nada. Cassie gostava de Nick.

Mas não bastava gostar.

Cassie se viu balançando a cabeça.

— Nick... Eu sinto muito. Não posso arrastar você...

— Eu disse que sei que você é não apaixonada por mim. Mas se quiser tentar... Eu estarei do seu lado quando precisar de alguém. Podemos nos divertir — acrescentou ele, com a maior leveza com que ela já o ouvira falar. — Podemos nos conhecer.

Cassie pensou em como ficou irritada um tempo atrás por Adam não estar ao lado de Diana. Ela não tinha o direito de exigir que Adam fosse assim... E isso era perigoso. *Eu estarei do seu lado quando você*

precisar de alguém. Como Nick podia saber o quanto isso era importante para ela?

Olhou para ele e, numa voz que ela mesma mal pôde ouvir, disse:

— Tudo bem.

Os olhos cor de mogno se arregalaram um pouco de surpresa — o que, para os padrões normalmente inexpressivos de Nick, traduziam susto. Um sorriso de admiração curvou um pouco seus lábios. Ele parecia tão feliz que Cassie se sentiu atraída para isso. Por que ela nunca conseguia deixar de

retribuir um sorriso dele?

— Não pensei que você fosse topar
— disse ele, ainda assombrado.

Cassie riu, mas ficou ainda mais corada.

— Então por que perguntou?

— Achei que valia a pena, mesmo que você me dissesse para sumir da sua frente.

— Nick. — Cassie sentiu uma coisa estranha. — Eu nunca diria para você sumir da minha frente. Você é... Bem, você é muito especial. — Ela não sabia como dizer o que queria e, de uma forma

ou de outra, as palavras ficaram presas na garganta. Sua visão estava ficando embaçada, úmida. Ela piscou para clareá-la e sentiu as lágrimas se derramarem. E então Nick se aproximou e de algum modo ela estava nos braços dele, chorando em seu ombro. Nada jamais foi tão reconfortante como esse ombro vestido de lã cinza.

Ela fungou e podia sentir que ele pousava o queixo em seu cabelo.

— Vamos tentar por um tempo — disse ele, baixinho. E Cassie concordou em silêncio, deixando-se ficar em seus

braços.

Estava escuro quando ela acompanhou Nick até a porta. Diana estava no andar de cima; Chris e Doug tinham ido embora havia muito tempo. Cassie se sentia insegura e tímida ao bater na porta do quarto de Diana.

— Entre — disse Diana, e Cassie entrou, lembrando-se da primeira vez em que bateu nesta porta e entrou neste quarto, no dia em que Diana a resgatou de Faye no prédio de ciências. Na época, Diana estava sentada no banco da janela,

cercada por uma coroa rodopiante de arco-íris. Agora, Diana estava à mesa com uma pilha de papéis diante dela.

— E aí, o que aconteceu? — disse ela, virando-se.

Cassie sentia o calor no rosto.

— Eu... Nós... Nós decidimos que vamos tentar. Ficar... Bem, meio juntos, quer dizer.

Os lábios de Diana se separaram. Ela olhou nos olhos de Cassie como se procurasse alguma coisa ali.

— Vocês *o quê?* — disse ela, depois se reprimiu. Olhou para Cassie por mais um

longo momento. — Sei — disse devagar.

— Você não está chateada? — Cassie tentava imaginar o que se passava por trás daqueles olhos verde-esmeralda.

— Chateada? Como poderia ficar chateada com você? Só estou... surpresa, é só isso. Mas não se preocupe. O Nick é um cara legal, e eu sei que você não o magoaria. Você sabe o quanto ele é especial.

Cassie concordou, mas ficou assustada ao ouvir as próprias palavras nos lábios da amiga. Ela não sabia que *Diana* sabia.

— Não, acho que isso é bom — disse

Diana com firmeza, afastando a papelada.

Cassie soltou um suspiro de alívio. Depois olhou os papéis que Diana examinava quando entrou. Eram antigos e amarelados, cobertos de uma letra grossa e preta, em colunas. A escrita tinha uns arabescos estranhos e pouca pontuação que Cassie pudesse ver, mas era legível.

— O que é isso?

— Os papéis pessoais de Black John. Cartas e coisas do tipo... Nós reunimos quando começamos a procurar as Chaves

Mestras. Eu estava vendo se podia encontrar algum ponto fraco que pudéssemos usar contra ele, para combatê-lo. Foi assim que descobrimos onde procurar o crânio de cristal; ele escreveu uma carta sobre isso para um dos ancestrais de Sean e nós achamos no sótão da casa dele. Não dizia a localização exata da ilha, é claro, mas dava algumas pistas.

— Não achei que ele confiaria o bastante em alguém para dar pistas.

— Não confiava. Ao que parecia, pretendia voltar e pegar o crânio, ou para

usá-lo ou para colocá-lo em outro lugar mais seguro, mas morreu antes que pudesse fazer isso.

— Ele se afogou — murmurou Cassie, virando uma pequena folha de papel retangular nos dedos. Estava impresso, *Colônia da Baía de Massachusetts, 8 dólares*. Meu Deus do céu, era dinheiro, dinheiro dos anos 1600.

— Você já falou isso — disse Diana, olhando Cassie pensativamente. — E me pergunto como sabia.

— O quê? Ah, acho que um de vocês

me disse. — Cassie tentou pensar. — Talvez a Melanie.

— Melanie não pode ter dito a você. Nenhum de nós poderia, Cassie, porque nenhum de nós sabia disso. Você foi a primeira pessoa que sugeriu que ele morreu no mar.

— Mas... — Confusa, Cassie vasculhou a mente, pensando de onde viera essa ideia. — Mas então como... — De repente ela entendeu. — Meus sonhos — sussurrou ela, recuando até a cama. — Ah, Diana, ele esteve em meus sonhos. Eu *sonhei* com afogamento, com

um barco que afundava. Mas não era eu, era ele. Era Black John.

— Cassie. — Diana se aproximou e se sentou ao lado dela. — Tem certeza de que era ele?

— *Tenho*. Porque aconteceu hoje de novo, quando o vi no cemitério. Eu olhei nos olhos dele... e senti que caía. Me afogava. Havia água salgada em volta de mim e era fria. Eu sentia o gosto.

Diana pôs o braço nos ombros tensos de Cassie.

— Não pense mais nisso.

— Eu estou bem — sussurrou Cassie.

— Mas por que ele me faria passar por isso? Por que ele se meteu na minha cabeça? Está tentando me matar?

— Não sei — disse Diana com a voz instável. — Cassie, já te falei, você não precisa ficar aqui...

— Mas *eu preciso*. — Cassie pensou na avó e as palavras ecoaram em sua mente. *Não há nada de assustador nas trevas, se você as enfrentar.*

O mar era escuro, escuro como a meia-noite embaixo da água, e frio como a hematita. Mas eu posso enfrentar isso, pensou Cassie. Eu me recuso a ter medo.

Me recuso. Ela afastou o medo de si e aos poucos sentiu o tremor passar.

Minha linhagem tem a visão e o poder, pensou ela. Quero usar isso para fazer frente a ele. Para encará-lo.

Ela se afastou de Diana.

— Acho que você teve a ideia certa esta noite — disse ela, apontando com a cabeça para os papéis na mesa. — Você lê esses e o seu Livro das Sombras, e eu vou ler o meu. — Ela olhou o banco da janela onde o livro de capa de couro vermelha estava ao lado de um bloco de Post-Its coloridos e algumas canetas hidrográficas

e marcadores.

— Já descobriu alguma coisa interessante? — perguntou Diana enquanto Cassie se acomodava no banco com o livro no colo.

— Nada sobre Black John. No começo os feitiços se parecem muito com os seus. Mas tudo aqui é interessante e quem sabe o que vai se mostrar útil no final das contas? — disse Cassie. Ela estava decidida a se familiarizar com a gama de feitiços e amuletos do livro, aprender o máximo possível deles e enfim saber onde encontrar o resto. Ainda

assim, era um projeto que consumiria anos e eles não tinham todo esse tempo. — Diana, acho que é melhor conversarmos com as idosas da cidade... e logo. Antes... Bem, antes que alguma coisa aconteça e não *possamos* falar com elas. — Ela olhou nos olhos de Diana com firmeza.

Diana piscou, entendendo o que Cassie queria dizer, e concordou.

— Tem razão. Ele já matou quatro pessoas no mínimo. Se pensar que elas são uma ameaça... — Ela engoliu em seco. — Vamos falar com elas amanhã.

Vou dizer ao Adam quando ele ligar... Ele deve me telefonar quando terminarem de seguir Black John.

— Espero que Black John não perceba que está sendo seguido — disse Cassie.

— Eu também — disse Diana baixinho, e curvou a cabeça sobre os papéis de novo.

A reunião foi no dia seguinte, na praia. Faye não teve a chance de vetar o local porque não estava presente.

— Ela está com *ele* — disse Deborah

rispidamente. — Eu a segui esta manhã... Adam e eu combinamos na noite passada. Ela o encontrou na mesma cafeteria onde eles se encontraram ontem...

— Peraí, peraí... — disse Laurel. — Você está se adiantando. Que cafeteria?

— Eu conto — disse Adam, em resposta ao olhar de Diana. — Ontem saímos do cemitério e seguimos o... Sr. Brunswick. O que é uma piada, aliás.

Diana concordou.

— Eu antigamente fazia um pouco de pintura a óleo e Brunswick é um tipo de

tinta — disse ela a Cassie e ao grupo. —
Tinta preta.

— Muito engraçado — disse Cassie.
Ela estava sentada ao lado de Nick, numa
nova posição, o que a deixava um tanto
constrangida. Estava muito consciente
dele, de seu braço ao lado. Se ela se
inclinasse um pouco para a direita, podia
tocar em Nick, e isso era reconfortante.
— O que será que ele fez com a pessoa
que devia ser o diretor? — perguntou ela.

— Não sei. — Adam não pôde deixar
de perceber ao lado de quem ela se
sentava e a nova expressão nos olhos de

Nick, uma espécie de senso de proteção. Neste momento Cassie podia ver seus olhos cinza-azulados vacilando para Nick, olhando-o de cima a baixo. Não era um olhar simpático. — Não sei como ele conseguiu o cargo. Também não sei *por que* ele o queria. — Ele olhou novamente para Nick e abriu a boca, mas Diana falava.

— Continue com a história. Continue, Adam. Conte o que aconteceu quando vocês o seguiram ontem.

— Hein? Ah, sim. Bom, ele foi embora sozinho, num Cadillac cinza, e

nós o seguimos; Deborah de moto e eu no meu jipe. Ele entrou na cidade e foi para o Perko's Koffee Kup... E adivinha quem apareceu de carro minutos depois?

— Com um minivestido de renda preta e *muito* insolente — acrescentou Deborah.

— Faye — sussurrou Diana, parecendo enjoada. — Mas como ela *pôde?*

— Não sei, mas foi o que fez — disse Deborah. — Nós ficamos vendo pelo vidro e ela foi até a mesa dele. Ele é um homem vivo, de carne e osso, é verdade...

Estava bebendo café. Eles conversaram por cerca de uma hora. Faye se empinava e jogava a cabeça como uma garotinha num show. E ele parecia gostar... De todo modo, estava sorrindo para ela.

— Esperamos até que eles saíssem, depois Deb seguiu Faye, e eu fui atrás dele — disse Adam. — Ele foi para um chalé de verão no continente... Acho que alugou. Ficou ali a noite toda, eu acho; acabei saindo a uma da manhã.

— E para onde foi a Faye? — perguntou Melanie a Deborah.

Deborah fez uma careta.

— Não sei.

— Por que não?

— Porque eu a perdi, está bem?

Dirigir uma Harley não é um disfarce muito bom. Ela começou a ultrapassar os sinais vermelhos, dava umas reviravoltas de repente, e no final das contas me despistou. Quer fazer uma tempestade a respeito disso?

— Deb — disse Cassie. Deborah fechou a cara para ela, depois revirou os olhos e deu de ombros.

— Mas então, hoje de manhã eu estava na frente da casa dela, e ela voltou

para se encontrar com ele. Mas eles pegaram uma mesa no fundo, e não perto da janela. Então eu entrei, mas não consegui ver o que estava acontecendo. *Acho* que ela entregou alguma coisa a ele, mas não sei o que foi.

— Que maravilha — disse Suzan e Deborah a fuzilou com os olhos.

— Quer dizer que maravilha que ela está... Como se diz mesmo? Associada a ele. Alguém vai comer esse donut? — Suzan sacudiu o açúcar polvilhado e mordeu.

Laurel murmurou alguma coisa sobre

o açúcar branco ser pior do que veneno de rato, mas não teve energia para dizer mais nada.

— Está *bom* — disse Suzan indistintamente. — Só falta o recheio de creme.

— Acho melhor falarmos com as senhoras — disse Cassie. — Digo, com a avó de Adam, a avó de Laurel e a tia-avó de Melanie.

— Hoje é um bom dia. — Melanie se ofereceu. — Todo domingo à tarde elas se reúnem e almoçam na nossa casa: uma espécie de chá, sabe como é, com

sanduíches, bolinhos e essas coisas.

— É verdade — disse Cassie. —
Minha avó costumava ir também.

— Bolos? — disse Suzan, mostrando
interesse. — Por que não disse isso antes?
Vamos.

— Sim... Não, esperem — disse
Diana. Ela fitou o grupo. — Olha,
provavelmente é uma pergunta inútil,
mas algum de *vocês* pegou o pedaço de
hematita no quarto de Cassie? — Todos
a olharam, depois uns aos outros. Todos,
menos Cassie e Laurel. Cabeças
balançaram, todos os rostos tinham a

mesma expressão confusa.

— Alguém pegou a hematita? — perguntou Deborah. — A pedra que você achou no número 13? — Cassie confirmou, examinando abertamente os outros integrantes do Círculo. Adam estava com a testa franzida, os irmãos Henderson tinham um olhar vago. Sean estava nervoso, mas Sean sempre parecia nervoso. Melanie parecia perturbada, Nick balançava de leve a cabeça e Suzan dava de ombros.

— Acho que ninguém confessaria isso — disse Diana. — Mas desconfio

que é porque a pessoa que pegou não está aqui. Está na Perko's Koffee Kup — Diana suspirou. — Muito bem. Vamos para o número 4.

Cassie já estava ficando bastante familiarizada com a casa de Melanie, desde que a mãe foi levada para lá. A casa tinha o estilo neoclássico americano, muito parecido com a da avó de Cassie, mas num estado de conservação muito melhor. As paredes de ripas brancas estavam recém-pintadas e tudo dentro dela tinha um ar de arrumação e ordem. A tia-avó Constance estava sentada na

sala da frente com a velha Sra. Franklin, a avó de Adam, e a avó de Laurel Quincey. Ela não pareceu nada satisfeita ao ver os 11 entrando na sala de visitas.

— Tia Constance? Podemos conversar com a senhora?

A mulher idosa voltou um olhar frio e reprovador para Melanie. Ela era magra e majestosa, e em seu rosto de maçãs saltadas Cassie detectava alguma semelhança com a beleza clássica de Melanie. Seu cabelo ainda era muito escuro, mas talvez ela pintasse.

— Veio para ver sua mãe? — disse

ela, localizando Cassie no grupo. — Ela está dormindo agora; não acho que deva ser perturbada.

— Na verdade, tia Constance, viemos conversar com as senhoras — disse Melanie. Ela olhou as outras mulheres na sala. — Com as três.

Uma ruga apareceu entre as sobrancelhas da tia-avó Constance, mas a mulher baixa e roliça sentada no sofá disse:

— Ah, deixe que entrem, Connie. Por que não? Aí está você, Adam. O que o manteve acordado até tão tarde ontem

à noite, hein?

— Não sabia que tinha percebido, vovó — disse Adam.

— Ah, eu percebo mais do que as pessoas pensam. — A Sra. Franklin riu, pegando um biscoito e colocando na boca. O cabelo grisalho estava preso em tranças desordenadas, e havia um ar de desorganização nela que contrastava com a austera sala branca e dourada. Cassie gostou dela.

— O que está havendo, Laurel? — perguntou uma voz trêmula e Cassie viu a vovó Quincey, uma mulher baixinha

com uma cara de maçã seca. Na verdade ela era bisavó de Laurel, e era tão pequena e magra que parecia que um golpe de vento poderia derrubá-la.

— Bem... — Laurel olhou para Adam, que falou.

— Na verdade, tem a ver com o que minha avó me perguntou. Sobre o que eu estava fazendo na rua ontem à noite. E tem a ver com uma coisa que aconteceu há muito tempo, na época em que todos nós nascemos.

A tia-avó Constance agora franzia o rosto enquanto a vovó Quincey tinha os

lábios franzidos. A velha Sra. Franklin ria, mas olhava a sala de um jeito que fez Cassie se perguntar se ela realmente ouvira o neto.

— E então? — disse a tia-avó Constance incisivamente. — Explique-se.

Adam olhou para o resto do Círculo, todos ali dando seu apoio, silenciosamente elegendo-o como seu porta-voz. Ele respirou fundo e se voltou para as idosas.

— O que eu estava fazendo era seguir o novo diretor de nossa escola, o Sr. Jack

Brunswick — disse ele. O nome não incitou nenhuma reação. — Acho que talvez o conheçam por um nome diferente. — Completo silêncio.

— O nome com que a maioria está mais familiarizada é Black John — disse Adam.

O silêncio foi espatifado quando a tia-avó Constance se levantou tão abruptamente que uma das frágeis xícaras de chá com estampa de salgueiro caiu no chão.

— Saiam desta casa! Saiam! — disse ela a Adam.

— Tia Constance! — disse Melanie, ofegante.

— Vocês me ouviram — disse a mulher de cabelo escuro a Adam. Ela olhou o resto do grupo. — Saiam todos daqui! Não gosto desse tipo de brincadeira, principalmente agora. Já não

tiveram problemas suficientes por bisbilhotarem as coisas? A coitada da Alexandra no quarto de hóspedes e Maeve mal foi enterrada... Melanie, quero todos fora desta casa!

Laurel e a vovó Quincey tremiam.

— Ah, meu Deus, ah, meu Deus — dizia a vovó Quincey, levantando as mãos que pareciam garras de passarinho, enquanto Laurel suplicava, quase às lágrimas:

— Ah, por favor, Srta. Burke.

— Vocês não têm respeito nenhum — disse a tia Constance, respirando com

dificuldade. Seus olhos brilhavam como se ela tivesse febre.

— Os jovens nunca têm, Constance — disse a avó de Adam, rindo. — Ora, lembro quando tínhamos a idade deles, as travessuras que costumávamos fazer com... Ah, sim. — Ainda rindo e meneando a cabeça, a avó de Adam colocou outro biscoito na boca.

— Vovó, escute, por favor. Não é brincadeira — Adam começou a dizer, mas foi em vão. Havia barulho demais; todos falavam ao mesmo tempo. Mais alto que todos, a tia-avó Constance

continuava a ordenar que saíssem, dizendo a Melanie para se esquecer da bagunça no chão e simplesmente *ir embora*. A vovó Quincey falava de forma melodiosa e fazia gestos tranquilizadores, que todos ignoravam. A velha Sra. Franklin sorria para eles com benevolência. Diana pedia à tia de Melanie para ouvir, mas de nada adiantava.

— Pela última vez! — gritou a tia Constance, agitando a mão como que para enxotar Diana e o Clube porta afora.

— Sra. Burke! — gritou Cassie. Ela mesma se sentia prestes a chorar, embora Nick tentasse em silêncio acompanhá-la para fora desde que a gritaria começou. Cassie não queria sair; pensava que entendia o que a tia-avó Constance dizia quando falou que eles bisbilhotaram. — Srta. Burke — repetiu ela, avançando à força de novo. Ela se viu bem de frente para a tia-avó Constance.

— Me desculpe — disse ela, e de repente houve silêncio suficiente para que ela ouvisse a instabilidade na própria voz. — É minha mãe que está no seu quarto

de hóspedes, e a senhora sabe que sou grata por cuidar dela. E é minha avó que está no cemitério. Mas quem a senhora acha que fez isso a elas? Não foi o Clube. Minha avó me disse antes de morrer que o tempo todo ele pretendia voltar e que ela sempre soube que ele conseguiria. É verdade que parte da culpa pela volta dele é do Círculo... Parte disso é *minha* culpa. E nós lamentamos muito, mais do que a senhora pode imaginar. Mas ele está realmente aqui. — Ela parou por um momento, depois acrescentou quase num sussurro: — De verdade.

A tia Constance respirava muito rapidamente pelo nariz. Empertigou-se mais majestosamente do que nunca, os lábios numa linha fina que cortava o rosto.

— Creio que não posso acreditar em nada que você está dizendo. É simplesmente im-impossível... — A expressão da mulher mudou, retorcendo-se de dor. Ela ofegou e agarrou o peito.

— Tia Constance — gritou Melanie, correndo para ela. Foi necessária a ação dela e de Adam para ajudar a mulher rígida a se sentar numa cadeira.

— Chamo um médico? — perguntou Diana.

— Não! — disse a tia Constance, levantando a cabeça. — Não é nada. Eu já estou bem.

— Não é verdade que não é nada, Constance — disse uma voz trêmula, e Cassie viu a vovó Quincey sair do sofá para se colocar ao lado da cadeira. — É seu coração lhe dizendo a verdade. Acho que é melhor ouvir essas crianças.

Houve um silêncio enquanto a tia de Melanie olhou para a sobrinha, depois para Adam, em seguida para Cassie, que

se obrigou a retribuir o penetrante olhar.

Os olhos da tia Constance se fecharam e ela lentamente se recostou na cadeira.

— Você está certa — disse ela, sem olhar para mais ninguém. — Entrem todos vocês e sentem-se em algum lugar. Depois podem contar a sua história.

— Então acabamos decidindo que era melhor falar com a três, porque são as senhoras que podem se lembrar dele da última vez — disse Diana. — Pensamos em perguntar a nossos pais também...

— Não procurem seus pais — disse a tia Constance categoricamente. Ela sentou-se e ouviu toda a história com a expressão ficando cada vez mais sombria. Uma aura de horror melancólico pendia na sala. — Eles não entenderiam — disse ela e seu olhar caiu em Cassie, fazendo-a pensar nos olhos vagos da mãe. — Eles não se lembrariam. Meu bom Senhor, como queria poder *eu mesma* me esquecer disso...

— O que passou passou — disse a vovó Quincey.

— Sim — disse a tia-avó Constance,

endireitando-se. — Mas não sei como vocês podem pensar que três velhas vão poder ajudar... contra *ele*.

— Achamos que vocês podiam se lembrar de alguma coisa sobre ele, algum ponto fraco; algo que possamos usar para lutar com ele — disse Adam.

A tia Constance balançou devagar a cabeça. A vovó Quincey estava com a testa franzida, com o rosto amassado em centenas de rugas. A velha Sra. Franklin tinha uma expressão muito agradável; Cassie não sabia se ela estava acompanhando a história ou não.

— Se ele pode voltar dos mortos, não pode ter muitos pontos fracos — sussurrou asperamente a tia Constance. — E ele sempre foi um mestre da manipulação. Você disse que Faye Chamberlain está do lado dele?

— Achamos que sim — disse Adam.

— Isso é péssimo. Ele vai usá-la para atingir vocês, em *seus* pontos fracos. Precisam afastá-la dele, se puderem. Mas como? — A testa da tia Constance se enrugou de concentração. — A hematita... Tire-a dela. É muito perigosa; ele pode usar para influenciar a mente de

Faye. — Diana olhou para Cassie, como quem diz, *Eu te falei*. A tia Constance continuava. — E você disse que o crânio desapareceu? Tem certeza?

— Desapareceu — disse Adam.

— Parece que explodiu quando Faye o estava segurando, pouco antes de todos nós desmaiarmos — disse Cassie. — Alguma coisa explodiu para *fora* dele, de qualquer modo. E não conseguimos encontrar o menor vestígio dele depois.

— Bem... então não há como usar isso contra ele. E você, Cassie, não achou nada que ajudasse no Livro de sua avó?

— Ainda não. Mas não li ele todo — admitiu Cassie.

A tia Constance balançava a cabeça em negativa.

— Poder, vocês precisam de poder para usar contra ele. Todos são novos demais para a luta... E nós somos velhas demais. E entre os de nossa idade, só existem tolos. Não há poder forte o bastante por aqui...

— Mas já houve — disse a vovó Quincey em sua voz aguda.

A tia Constance olhou para ela e a expressão da vovó Quincey mudou.

— Já houve... Sim, é claro. — Ela se voltou para o Círculo. — Se as antigas histórias forem verdadeiras, antigamente havia um poder forte o bastante para destruir Black John.

— Que poder? — perguntou Laurel.

A tia Constance respondeu com uma pergunta.

— Como foi exatamente que Adam achou o crânio?

— Não foi por acaso — disse Diana.

— Ele procurava pelas Chaves Mestras...

— Ela parou. — As Chaves Mestras — sussurrou Diana.

— Sim. Aquelas que pertenciam ao coven original, às verdadeiras bruxas de Salem. Nossos ancestrais, que fundaram New Salem depois da caça às bruxas, as tiraram de Salem Village.

Cassie estava falando em voz alta antes mesmo de pensar.

— Mas o que *eram* exatamente as Chaves Mestras?

Foi a vovó Quincey quem respondeu.

— Os símbolos da líder das bruxas, é claro. O diadema, o bracelete e a liga.

— Aqueles que usamos são só imitações — disse Melanie. — São só

símbolos. O coven original era muito poderoso; usava Chaves reais. Mas tia Constance — ela se virou para a tia —, foi Black John que escondeu as Chaves Mestras. Adam vem procurando por elas há anos, daqui a Cape Cod. Como vamos achá-las agora?

— Não sei — disse a mulher. — Mas vocês entenderam mal uma coisa aqui. Black John não as escondeu, foi o coven original. Eles esconderam as Chaves *dele*, para que Black John não pudesse usar. Eles sabiam que ele seria invencível com o poder do crânio reunido ao das Chaves.

Foi o que a *minha* avó me disse, de qualquer modo.

— Eles não teriam escondido as Chaves tão longe — acrescentou a vovó Quincey. — Não teria sentido. Black John era um viajante, mas nossos ancestrais não. Era uma gente pacífica e caseira.

— Vocês pediram nosso conselho... Bem, este é o meu — disse a tia Constance. — Encontrem as Chaves Mestras. Se todos se unirem, usando as Chaves, podem ter uma chance contra ele. — Seus lábios estavam numa linha

de novo.

— Muito bem — disse Adam devagar. — Nós entendemos.

Cassie soltou a respiração, tentando não ficar decepcionada. Era um bom conselho, mas ela esperava — pelo quê? Pela própria avó, ela supôs. Queria a avó, que era tão sensata, que sempre conseguia que Cassie se sentisse mais forte do que se julgava.

— E continue lendo o livro que a sua avó lhe deu! — disse a vovó Quincey de repente, olhando para Cassie. Cassie fez que sim, e a velha lhe abriu um sorriso

enrugado, mas estranhamente intenso.

A Sra. Franklin também sorria, afagando os joelhos como se tivesse se esquecido de alguma coisa.

— E amanhã? — disse ela.

Houve uma pausa. Cassie não sabia se a avó de Adam estava falando com eles ou sozinha. Mas ela repetiu, olhando para todos, com estímulo:

— E amanhã?

— Er... Nosso aniversário — propôs Chris.

Mas Diana ficou assustada.

— Eu acho... Acho que é a noite de

Hécate — disse ela. — Foi o que quis dizer?

— É isso mesmo — disse a Sra. Franklin agradavelmente. — Ah, quando eu era jovem, fazíamos uma cerimônia. Lembro as cerimônias sob a lua, quando havia índios nas sombras...

Todos se olharam. A Sra. Franklin não podia se lembrar disso; não tinha índios na região havia séculos.

Mas Diana estava ficando animada.

— Acha que devemos fazer a cerimônia?

— *Eu* faria, querida — disse a Sra.

Franklin. — Uma cerimônia de mulheres. Nós, mulheres, sempre temos nossos segredos, não é verdade, Connie? E apoiamos uma à outra.

Diana ficou meio confusa, depois lentamente concordou, decidida.

— Sim. *Sim*. Seria bom para as meninas se unirem... *Todas* as meninas. E acho que sei que tipo de cerimônia faremos. Não é a época certa do ano, mas isso não importa.

— Eu sei que vocês vão gostar, querida — disse a Sra. Franklin. — Agora vamos ver... Cassie!

Cassie a olhou, assustada.

— Cassie — disse a avó de Adam de novo. Sua cabeça estava de lado e ela suspirava, como se faz quando alguém mostra uma foto de um bebê sorridente.

— Minha nossa, você é uma coisinha linda, mesmo que não seja nada parecida com sua mãe. Ainda assim... — Ela se interrompeu de repente e olhou em volta.

— Hum?

A tia-avó Constance parecia mais severa do que nunca, os olhos brilhantes fixos nos da Sra. Franklin.

— Edith — disse ela, numa voz

severa.

A Sra. Franklin olhou para vovó Quincey, que também a encarava muito concentrada.

— Ora... Eu só ia dizer que posso ver um pouco da mãe dela em sua expressão — disse ela e acenou para Cassie com simpatia. — Procure não se preocupar muito, querida. No fim tudo vai ficar bem.

Quase imperceptivelmente, tia Constance relaxou.

— Sim. É só isso, Melanie; é melhor levar seus amigos embora.

E foi assim. Os 11 se levantaram, agradeceram e se despediram educadamente, depois saíram da grande casa branca para o sol fraco de novembro.

— Caramba! — disse Cassie. — Adam, sabe o que foi que ela disse no fim?

— Desculpe — disse Adam, com uma careta. — Ela às vezes fica assim.

— Não foi tanto ela, mas as outras duas — Cassie começou, mas Deborah interrompeu, impaciente.

— Então, o que é essa noite de Hécate?

— É a noite das anciãs — respondeu Diana. — É o que Hécate significa.

— As anciãs? — repetiu Suzan com desprazer e Cassie entendeu o que ela quis dizer. No caso das bruxas, a palavra conjurava uma imagem desagradável, uma figura recurvada e enrugada segurando uma maçã venenosa.

— Sim. — Diana olhou para Cassie. — Não é ruim, Cassie. Anciã só significa velha... É a última fase da vida de uma mulher. Virgem, mãe, depois anciã. As anciãs são sábias e... Bem, resistentes. Não fisicamente, talvez, mas

mentalmente. Elas já viram muito; são vividas e sabem das coisas. São elas que nos transmitem conhecimento.

— Como minha avó — disse Cassie, compreendendo. É claro — aquela figura recurvada e enrugada era a imagem de sua avó. Mas não com uma maçã envenenada, pensou ela. Se a avó oferecesse alguma coisa a alguém, seria ajuda. — Os contos de fadas nos dão a ideia errada — disse ela.

— É verdade. — Diana assentiu com firmeza. — Quando eu for velha, espero ser uma anciã, como a sua avó.

— Como quiser — disse Doug, revirando os olhos.

— Todas tentaram ajudar — disse Melanie. — Até a tia Constance. Mas o que vamos fazer na noite de Hécate, Diana?

— É uma noite de profecias e adivinhações — disse Diana —, e temos de encontrar uma encruzilhada onde possamos celebrá-la. Hécate era a deusa grega dos cruzamentos... Elas simbolizam a transformação. O início de uma nova passagem na vida. Pode ser a velhice, a morte ou outro tipo de mudança.

— Acho que todos estamos numa encruzilhada — disse Melanie seriamente.

— Também acho. — Diana olhou para Adam. — Acho que as avós tinham razão; é uma coisa que nós, meninas, devemos fazer. Mas isso deixará os meninos sozinhos...

Adam sorriu.

— Ah, acho que conseguiremos nos entreter por uma noite sem vocês. Talvez Chris e Doug tenham algumas ideias. — Ele falava com tranquilidade; Cassie percebera que nenhum menino do

Círculo se deixava perturbar pelos direitos e privilégios das meninas. Eles não se sentiam ameaçados; pareciam saber que eram igualmente importantes, mas de uma forma diferente.

— Mas acho que vocês devem ter muito cuidado — disse Nick, com certo humor na voz. Chris e Doug se socavam, discutindo sobre o que fazer para comemorar o aniversário. Quando Nick falou, eles se calaram.

— É melhor acharem uma encruzilhada perto daqui — continuou Nick, falando com Diana e Cassie. — E

é melhor que a gente não esteja muito longe.

Cassie olhou em seu rosto, viu a preocupação por trás do esforço em se manter firme nos olhos. Ela segurou a mão dele, sentiu seus dedos fortes entrelaçados nos dela.

— Vamos ter cuidado — prometeu ela em voz baixa. Viu o olhar afiado de Deborah para as mãos unidas, viu um sorriso malicioso aparecer no rosto da motoqueira. Chris socava Doug, que estava furioso de indignação. Os olhos normalmente frios de Melanie estavam

arregalados e Laurel e Suzan sorriam.

Cassie não pôde deixar de perceber que Adam *não* estava sorrindo. Ele não voltou a sorrir pelo resto do dia.

Naquela noite, Cassie teve sonhos. Sonhos que giravam sem forma e pareciam ter algo a ver com os Livros das Sombras. Ela e Diana ficaram acordadas até tarde, lendo e estudando. Não acharam nada de útil. Mas nos sonhos, Cassie sentia que estava à beira de uma descoberta importante.

Teve mais um vislumbre da sala

iluminada pelo sol. Só um clarão rápido que se fundiu quase de imediato com a escuridão. Ela se viu acordada, olhando o quarto de Diana como se pudesse achá-lo ali.

— Cassie — murmurou Diana. —
Você está bem?

— Estou — Cassie sussurrou. Ela ficou feliz quando Diana voltou a ficar imóvel. Foi Diana que insistiu que Cassie dormisse com ela, preocupada com os pesadelos da amiga. Mas se Cassie realmente começasse a incomodar Diana, não poderia se permitir continuar lá. Ela

já era problema o suficiente para Diana sem mantê-la acordada a noite toda.

Na verdade, Cassie dormira muito bem na casa dos Meade. Não era como o número 12, que gemia e estalava tanto que Cassie era constantemente acordada aos sobressaltos. Alguma diferença no modo como as casas eram construídas, ela supôs. Os anexos à casa de Diana eram muito mais novos; talvez feitos com material melhor.

Cassie ficou deitada por um tempo na escuridão quente, ouvindo a respiração suave de Diana. Onde estaria Black John

esta noite?, perguntou-se ela. Lá fora, no continente, em seu chalé alugado? Ou aqui, na ilha de New Salem?

Por algum motivo, pensar em New Salem como uma ilha a incomodava. Ela se sentia... isolada, de certo modo. Sitiada. Como se Black John pudesse recortá-los do resto do mundo e os lançar à deriva no mar.

Não seja boba, disse ela a si mesma. Mas as garras do pânico que reviravam seu estômago não se aquietavam. Ela se perguntou de repente se a mãe não ficaria melhor numa clínica — longe daqui.

Bem longe daqui.

Não havia motivo para ele machucá-la. É a nós que ele odeia, pensou ela desesperadamente.

Mas ele veio atrás da avó. Por quê? Pelo Livro das Sombras?

Agora sou eu que tenho o Livro das Sombras, ela percebeu com um salto do coração que lhe deu náusea. E se ele decidir vir pegá-lo?

A ideia se apoderou de sua imaginação. Ela sentia a cama tremer com o martelar de seu coração. E se Black John viesse aqui, agora? Ele era um

homem vivo, de carne e osso — mas também era um bruxo. Estaria ele preso às regras dos outros homens? Ou podia entrar aqui como uma sombra, esgueirando-se pelo chão até a cama?

Eu preciso ficar calma. Preciso. Se eu tiver um colapso, acabou. Para minha mãe, para o coven, para todo mundo. Precisamos de todos para combatê-lo. Eu não posso ser o elo fraco.

— Não há nada de assustador nas trevas, se você as enfrentar — sussurrou ela consigo mesma entre dentes. — Não há nada de assustador nas trevas, se você

as enfrentar.

As lágrimas que se derramavam dos olhos ardiam, mas ela continuou sussurrando a frase da avó. Repetidas vezes, até que por fim adormeceu.

O dia seguinte na escola começou com uma assembleia. De novo Faye não estava em seu lugar de sempre na aula de redação, mas quando Cassie chegou ao auditório, ficou surpresa ao ver a menina de cabelos pretos de pé perto do palco.

Faye estava em silêncio, quase modesta — para os padrões de Faye.

Usava um terninho e parecia uma secretária muito inteligente e muito sexy. A cabeleira preta estava num leve coque, e ela trazia consigo uma pilha de papéis e uma prancheta. Só precisava de óculos de armação de tartaruga e podia ser a secretária particular de algum bilionário.

Cassie não conseguia acreditar.

Ela olhou o auditório e viu Suzan e Sean, que tinham a mesma aula de reposição de inglês no primeiro tempo. Empinou o queixo na direção deles, que se separaram da turma e juntaram-se a ela. Os olhos azuis de Suzan estavam

enormes.

— Você viu Faye? O que ela está fazendo lá?

— Não sei — disse Cassie. — Coisa boa não é.

— Ela *está* boa — disse Sean, umedecendo os lábios rapidamente. — Ela está ótima.

Cassie olhou para Sean, notando-o pela primeira vez em muito tempo. Desde que dançou com ele na festa de Halloween, talvez. Era tão fácil deixar de ver Sean; numa multidão, ele simplesmente parecia se misturar. Mas

aqui, com apenas ele e Suzan ao lado dela, Cassie se concentrou.

Devia prestar mais atenção nele, pensou ela. Uma imagem disparou em sua cabeça: Sean, como na primeira vez em que o vira. Olhos brilhantes, cinto reluzente com o nome gravado na fivela. Parado ao lado de seu armário cheio de anúncios de aparelhos de musculação, sorrindo para ela. Algo nessa imagem a perturbava profundamente, mas ela não conseguia distinguir o quê.

Os últimos alunos do penúltimo e do último ano entravam no auditório. Cassie

viu os irmãos Henderson e Deborah sentando-se com a turma de história. Lá estavam Diana, Melanie e Laurel, da turma de literatura inglesa, e Sally Waltman também, ao lado da agora familiar cabeça com cabelos cor de palha de Portia Bainbridge. Ela viu Adam e sua turma de química, mas não localizou Nick.

— Parece que Faye está fazendo uma atividadezinha extracurricular — murmurou uma voz atrás dela e Cassie se virou, agradecida. Nick fez um gesto com a cabeça para o cara que ocupava aquela

cadeira e ele se levantou, atrapalhado, e saiu. Cassie mal percebeu o incidente, de tão comum. Os garotos da Crowhaven Road indicavam o que queriam e os forasteiros davam. Sempre. Era assim que as coisas funcionavam.

Nick se sentou na cadeira vaga e pegou um maço de cigarros. Abriu, sacudindo para tirar um. Depois percebeu Cassie.

Cassie olhava para ele com as sobrancelhas erguidas, na melhor expressão de Diana. A reprovação irradiava dela como ondas de calor.

— Ah — disse Nick. Ele olhou os cigarros, depois para ela de novo. Devolveu o cigarro que se projetava do maço com um tapinha e meteu o mesmo no bolso.

— Um mau hábito — disse ele.

— Testando, um, dois, três... — Era a voz de Faye ao microfone. Cassie se virou rapidamente.

— Está ligado — disse Faye com um sorriso que Cassie só podia descrever como travesso. Faye se afastou do púlpito e o homem alto que também estava no palco se aproximou. Ajeitou o microfone,

com os olhos na multidão de alunos sentados.

— Bom dia — disse ele, e sua voz enviou ondas de escuridão que se quebravam em Cassie. Cada músculo de seu corpo se enrijeceu defensivamente, pronto para obedecer a algum instinto profundo de lutar ou fugir. Só a voz dele, pensou ela perplexa, como era possível que só uma voz fizesse isso?

— Como alguns de vocês já sabem, eu sou o Sr. Brunswick, seu novo diretor.

Soaram alguns aplausos, hesitantes, que rapidamente esmoreceram. O clima no auditório já revelava insegurança e atenção. Os cochichos e o nervosismo habituais apagaram-se como uma chama de vela assoprada, até que o salão ficou em completo silêncio. Todos os olhos

estavam no palco.

Ele é um homem bonito, pensou Cassie, reprimindo o martelar em seu cérebro que lhe dizia para correr, fugir dali. Por que reagia com tanta violência à presença dele? Foi como sua reação na noite da iniciação, quando Adam pegou o crânio de cristal. Bastou que Cassie desse uma olhada rápida nele para que o pavor subisse por sua espinha — para ela, ele parecia cercado por um halo de trevas. Só mais tarde ela percebeu que nem todos os membros do coven podiam ver o que ela via.

Agora olhando a sua volta, Cassie sabia, pelas expressões dos outros alunos, que eles não sentiam a escuridão emanando do novo diretor. Para Cassie, ele lançava uma sombra por todo o auditório. Para eles, o diretor simplesmente parecia poderoso e impressionante.

— Sei que houve alguma turbulência na New Salem High School recentemente — dizia ele, com os olhos movendo-se devagar pelas filas de alunos. Cassie teve a estranha impressão de que ele memorizava cada um dos rostos. —

Mas vocês ficarão felizes em saber que agora isso acabou. As... infelizes ocorrências... que atormentaram esta escola agora fazem parte do passado. Está na hora de um recomeço.

“Turbulência” significava dois alunos e um diretor mortos, pensou Cassie. Como foi *você* que matou os três, acho que também você pode decidir quando isso acaba. Ao mesmo tempo, ela se perguntou como exatamente ele conseguiu realizar os assassinatos de seu túmulo. Será que foi a energia maligna que fez isso?, perguntou-se ela. Cassie

queria cochichar a pergunta a Nick ou Suzan — ou Sean, sua mente acrescentou apressadamente e com culpa —, mas era difícil desviar os olhos do homem no palco.

— Fui informado de que a atitude da última administração para com a disciplina era um tanto... branda. Uma política, vamos dizer, *permissiva*, que sem dúvida pretendia ser benévola. — O diretor olhou para os professores enfileirados nas paredes do auditório, como quem insinua saber que eles podiam usar outras palavras para

descrever essa política, mas não tinha sentido falar mal dos mortos. — Algumas das atividades permitidas foram prejudiciais não só aos alunos que afetaram, mas também ao próprio espírito da educação formal. Certos grupos receberam privilégios especiais.

Do que ele estava falando?, pensou Cassie. Parece um político; um monte de palavras vazias sem significado nenhum. Mas algo dentro dela afundava em desânimo.

— Bem, a política agora é outra e creio que no final a maioria de vocês

ficará satisfeita com as mudanças. Temos uma nova mão no leme deste barco. — O diretor ergueu a mão com um leve sorriso de autodepreciação.

E voltou a falar. Depois disso, Cassie não conseguiu se lembrar exatamente do que ele disse, mas lembrava-se de sua voz grave, cheia de autoridade. Controladora. Ela capturou uma ou outra expressão de efeito em seu discurso: “amor com disciplina”, “disciplina à moda antiga”, “punição condizente com o delito”. Ela sentia a reação da plateia: escuro, escuro. Como algo inchando e crescendo na

multidão. Deu-lhe mais medo do que o próprio Black John. Era como se ele estivesse alimentando e cultivando um poder horrível dentro dos alunos. Eles deviam odiá-lo, mas em vez disso estavam enfeitiçados.

As regras. As regras devem ser obedecidas. Os alunos que não obedecerem às regras deverão ser *enviados à direção...*

— Creio que agora está na hora da circular — acrescentou Jack Brunswick com suavidade, e Faye e várias outras meninas desceram do palco, passando

papéis. Cassie viu o diretor olhar o público, à vontade, controlando sua atenção tranquilamente mesmo quando não estava falando. Sim, um homem bonito, pensou ela. Ele parecia um jovem Sherlock Holmes: olhos fundos, nariz aquilino, boca firme. Sua voz até tinha traços de um sotaque britânico. Culto, pensou Cassie. Culto... e cheio de convicções.

Mais parecia um caçador de bruxas do que um bruxo.

Faye chegou à fila de Cassie, atirando-lhe um maço de papéis. Cassie

sussurrou “Faye!” e foi recompensada com um olhar rápido dos olhos dourados antes que ela seguisse seu caminho. Desconcertada, Cassie pegou uma circular e passou o resto a Suzan. Tinha três páginas e era coberta de uma letra pequena.

Atos Proibidos — Tipo A. Atos Proibidos — Tipo B. Atos Proibidos — Tipo C.

Era uma lista de regras. Mas eram várias, linha após linha. Seus olhos pegavam palavras aqui e ali.

Usar roupas que não sejam apropriadas

ao propósito sério e digno da educação formal... Usar um armário ou estar nos corredores em qualquer hora fora do período de intervalo entre as aulas... Posse ou uso de pistolas d'água... Espalhar lixo... Correr pelos corredores... Mascar chicletes... Não cumprir a ordem de um professor ou monitor...

Monitor?, pensou Cassie. Não temos monitores.

Exibições públicas de afeto... Não reciclar as bandejas de almoço... Colocar os pés nas cadeiras ou nos encostos...

— Não pode ser sério — cochichou

Suzan. Ouviu-se um assovio fraco de Nick.

— Vocês terão tempo em aula para ler essas diretrizes e se familiarizarem com elas — disse o novo diretor. Pelo canto do olho, Cassie viu as filas de cabeças se erguendo. O farfalhar dos papéis se aquietou.

— Agora gostaria de pedir voluntários para serem monitores. É um cargo de muita responsabilidade, então por favor, pensem bem antes de levantar a mão.

Voaram mãos para o alto em todo o

auditório. Os alunos da New Salem High School nunca se prontificaram a fazer nada com tanta rapidez. Cassie viu Portia, rígida e tremendo como um cão de caça apontando o ar. Sally, ao lado dela, acenava como louca, como uma aluna do primário doida para ser chamada pela professora. A sala parecia abrigar uma imensa saudação nazista.

Os olhos de Black John moveram-se de um lado a outro, examinando-os, analisando cada um deles.

E então Cassie percebeu que a mão de Sean estava erguida.

— Sean! — sibilou ela. O auditório estava em tal silêncio que ela não se atrevia a falar em voz alta. Suzan olhou para Sean, depois se encolheu, afastando-se dele. Sean estava fora do alcance de Nick.

— Sean! — disse ela.

Ele não parecia ouvi-la. Seus olhos brilhantes estavam fixos no palco. Seu rosto era ansioso e tenso.

O desespero formigava nas palmas das mãos de Cassie. Ela estendeu a mão para Suzan a fim de segurar o braço esquerdo de Sean e, com todo o poder

que conseguiu conjurar, pensou: *Sean!*

Cassie sentiu que isso saiu dela como uma lufada de calor, a mesma sensação que teve ao ficar diante do cachorro do depósito de abóbora. Uma rajada de puro poder. A cabeça de Sean se virou repentinamente para ela, sua expressão cheia de perplexidade.

— *Baixe sua mão* — cochichou ela, sentindo-se trêmula e exausta depois disso. Sean olhou a mão como se nunca a tivesse visto e a recolheu às pressas. Agarrou-se no assento da cadeira, ainda olhando de lado para Cassie.

Agora Suzan se encolhia para longe *dela*, percebeu Cassie. A loura-arruivada e Sean pareciam ter medo. Cassie olhou o palco e viu que o novo diretor olhava diretamente para ela, com os lábios curvados num leve sorriso.

Que ótimo. *Ele* gostou, e meus próprios amigos têm medo de mim.

Black John continuou a olhar Cassie firmemente por um momento, depois voltou o leve sorriso para o resto do auditório.

— Muito bem. Os escolhidos, por favor, continuem aqui depois da

assembleia para saber de seus novos deveres. Os demais estão dispensados. Bom dia a todos.

Os pelos da nuca de Cassie se eriçaram. “Escolhidos?”, sussurrou ela, olhando em volta. Não houve seleção nenhuma. Mas alguns alunos que estavam de mão erguida aproximavam-se do palco de uma maneira silenciosa e ordenada. Portia e Sally estavam entre eles.

Não estão vendo? Vocês têm que ter visto como isso é estranho, pensou Cassie, girando para olhar o Sr.

Humphries, de pé no corredor. Mas Sr. Humphries não parecia ver nada de incomum nos acontecimentos. Parecia calmo e satisfeito ao conduzir a turma para fora. *Tranquilizado*, pensou Cassie, tremendo. Hipnotizado.

Black John ainda estava no púlpito. Ela sentia os olhos dele em suas costas ao sair do auditório.

Cassie ficou para trás da turma de redação que descia o corredor, reduzindo o passo para ficar com Nick, Suzan e Sean. Suzan e Sean a olharam com estranheza, mas Nick pôs o braço em seu

ombro.

— Essa foi muito boa — disse ele suavemente. Cassie sentiu-se melhor, até perceber que ele não estava com a circular.

— Deixei na cadeira — disse ele, e o coração de Cassie afundou um pouco mais.

— Isso é espalhar lixo — disse ela. — E espalhar lixo é delito do Tipo A. Nick, precisamos ter cuidado... Ele está aqui para nos pegar.

— Sem brincadeira — disse Adam, juntando-se a eles. Seus olhos cinza-

azulados caíram rapidamente no braço de Nick no ombro de Cassie, mas a expressão não se alterou. — Já leu os Atos Proibidos, Tipo C?

Cassie não lera. Folheou até a última página da circular e olhou.

— Andar de patins, skate ou bicicleta... Tocar ou usar rádios nas dependências da escola... fumar ou usar derivados de tabaco... não deviam ser piores do que os delitos Tipo B, como usar drogas e brigar?

— Eles parecem ter um alvo específico — disse Adam, carrancudo.

E então Cassie entendeu. Ela se lembrou do primeiro dia de aula na New Salem High, quase sendo atropelada pelos irmãos Henderson — só que na época ela não sabia quem eram os irmãos Henderson. Só viu dois caras malucos usando camisetas de heavy-metal e cabelo louro despenteado, andando de patins pelos corredores e ouvindo os walkmans.

Ela engoliu em seco.

— São para *nós* — cochichou ela.

Adam a olhou nos olhos, assentindo.

— Fumar — disse Cassie, apertando

a mão de Nick e virando-se para olhar bem em seu rosto. — Nick, por favor, você precisa ter cuidado. Ele quer nos pegar e ainda não estamos prontos para enfrentá-lo... Nick! — Ela teve uma sensação horrível quanto a isso. Nick odiava autoridades, tomava qualquer regra como um desafio. Neste momento ela não via nenhum sinal de mudança nele, a julgar por sua expressão. — Nick!

— A punição de delitos Tipo C é ser enviado à direção — disse Adam. — Ele *está* tentando nos pegar, Nick. Está fazendo o joguinho dele.

— Nick, quero que me prometa que vai tentar não se meter em problemas — disse Cassie. — Por favor, Nick. Você precisa me prometer.

Nick a olhou de cima lentamente. Cassie apertou ainda mais a mão dele, devolvendo a intensidade de seu olhar. Por favor, pensava ela. Por mim, por favor.

A testa de Nick se franziu e ele virou o rosto.

— Tudo bem — disse ele, concordando com um leve aceno, com os olhos no teto. — Tudo bem, vou tentar...

não ser pego.

Os músculos de Cassie relaxaram.

— Obrigada — sussurrou ela, quando Diana, Melanie e Laurel apareceram, com uma expressão fria.

— Vocês pegaram aquelas coisas do começo, sobre a administração anterior permitir certas atividades? — perguntou Melanie. — Era de *nós* que ele estava falando. O Clube e seus privilégios especiais. Ele disse que agora tudo isso vai mudar.

Cassie falou baixinho.

— Ele estava dizendo a todos que

não estamos mais no poder. Foi o mesmo que dar a eles permissão para...

A voz dela sumiu. Ela e os outros membros do Clube se olharam em silêncio.

— Peguem as armas. Parece que a temporada de caça às bruxas está aberta — disse Nick por fim. Ele abraçou Cassie de novo.

— Vamos sair daqui — disse Suzan.

— Não podemos — disse Laurel. — Sair das dependências da escola sem permissão é um delito.

— *Tudo* é um delito — disse Suzan.

— Onde estão Chris e Doug? — perguntou Cassie incisivamente. — E Deborah?

Todos olharam em volta. Além de Nick, os irmãos Henderson e a motoqueira eram os que mais provavelmente se meteriam em encrenca.

— Eles têm aula de história no primeiro tempo, mas acho que a turma voltou sem eles — disse Sean. — Acho que ainda estão no auditório.

— Vamos — disse Adam ríspidamente.

Chris e Doug estavam na frente do

auditório, no meio de um grupo de forasteiros, e se preparavam para brigar.

— ... Não vão mais se safar dessa. —

Um dos meninos forasteiros cantava vantagem com triunfo.

— Ah, é? — gritou Chris.

— É! Seus dias acabaram, cara! Você vai ser *enviado à direção*.

— Não demoraram muito para pegar os dois — cochichou Nick no ouvido de Cassie.

— Vocês todos serão enviados à direção — disse Adam, colocando-se entre os forasteiros para alcançar Chris e

Doug. Ele os encarou, estendendo a circular como um talismã mágico. — Brigar é delito Tipo B. *Todos* vão pagar por isso.

Houve um minuto de incerteza, depois os forasteiros recuaram, olhando-se.

— A gente se vê depois — decidiram eles por fim, virando-se para o corredor. Doug tentou ir atrás deles.

— A qualquer hora, em qualquer lugar — gritou ele enquanto Nick o segurava e o mantinha parado. — Me solta! — rosnou para Nick.

— Ainda não podemos ter um confronto — disse-lhe Diana. — Bom trabalho — acrescentou ela a Adam.

— Deu certo... desta vez — disse Adam. — Se eu tiver razão, eles vão acabar deduzindo que as regras são principalmente contra *nós*. Talvez eles não tenham problemas pelas brigas, mas nós teremos.

Para forte alívio de Cassie, Deborah dobrou a esquina naquele momento.

— Deb, onde esteve?

— Vendo os monitores receberem as ordens. Eles terão distintivos, como os

homens da SS.

— Parece *mesmo* coisa de nazista — disse Cassie.

— Ele está organizando uma caça às bruxas — disse Adam.

— Me pergunto se já fez isso antes — disse Suzan.

Cassie ia dizer, “Como assim?”, mas parou no meio da frase e a olhou. Suzan, que parecia tão... fútil, tão descerebrada, que mesmo agora vasculhava a bolsa procurando o pó compacto, tinha feito isso de novo.

— E Faye está trabalhando para ele...

— dizia Diana. Cassie a interrompeu.

— Não, espere aí, escute. Você ouviu o que Suzan disse? Não entendeu? *Me pergunto se ele já fez isso antes.* Sabe de uma coisa, aposto que ele fez.

— Em 1692 — disse Adam devagar.

— Em Salem. Como pudemos ser tão idiotas?

— Hein? — disse Chris.

— Acho que eles estão dizendo que Black John pode ter organizado a caça às bruxas de Salem — disse Diana. — Mas...

— Talvez não organizado, mas

contribuído, pode ter ajudado — disse Cassie. — Pode ter feito o que podia para que não acabasse, alimentando a histeria. Como está fazendo hoje.

— Mas *por quê?* — perguntou Laurel.

Eles ficaram em silêncio, depois Adam levantou a cabeça, suavizando as rugas da testa. Sua voz era severa.

— Para convencer o coven a ir embora e seguir *a ele*. Eles não suportavam aquele ambiente, então o seguiram a New Salem, com todas as Chaves... inclusive as Chaves Mestras.

— Você me disse que ele era líder do

coven original — disse Cassie. — Mas será que ele era líder antes do coven se mudar para New Salem... ou foi só depois?

Os rostos do Círculo ficaram ainda mais sérios.

— Acho que ele está tentando fazer isso de novo — disse Adam. — Voltar todo mundo contra nós para não termos para onde ir... a não ser a ele. Ele é o único que pode nos defender.

— Ele que vá para o inferno — disse Deborah, como se isso fosse óbvio.

— Tá legal, estou certa de que ele

não acha que vamos nos arrastar para ele agora — murmurou Nick. — Mas as coisas podem ficar diferentes daqui a algumas semanas.

— Acho melhor termos uma conversa com Faye — disse Diana.

Eles esperaram por Faye na entrada dos fundos do auditório, onde Deborah achou que era mais provável que ela aparecesse. Quando ela surgiu, trazia a prancheta no braço.

— Enfim sós — disse Nick e eles a cercaram, os onze, obrigando-a a parar. Olhando os rostos dos membros do

Círculo ali, Cassie se lembrou do modo como Faye, Deborah e Suzan a olharam quando a pegaram espionando na frente da escola. Bonita, concentrada e mortal. Perigosa.

Faye olhou para eles e lançou a cabeça para trás. Não deu tão certo com o cabelo preso num coque.

— Saiam da minha frente. Tenho trabalho a fazer — disse ela.

— Para ele? — perguntou Adam severamente. Diana pôs a mão em seu braço e falou.

— Faye, nós sabemos que você não

pode falar agora. Mas vamos ter uma cerimônia esta noite, porque é noite de Hécate...

— E nosso aniversário — acrescentou Chris, magoado.

— ... e queremos que você esteja lá.

— *Vocês* vão fazer uma cerimônia? — disse Faye, parecendo menos a secretária particular do homem rico e mais ela mesma, a pantera negra. — Não podem. Eu sou a líder do coven.

— Como você pode ser a líder do coven se nunca está com o coven? Vamos fazer a cerimônia esta noite, Faye, no

cruzamento da Crowhaven com a Marsh Street. Com ou sem você. Se estiver lá, será bem-vinda para liderar.

Faye procurou o apoio de Deborah e Suzan, suas antigas partidárias. Mas o rosto mignon da motoqueira estava com uma expressão feia e os olhos de porcelana azul de Suzan eram vagos. Não viria nenhuma ajuda daquele lado.

— Traidoras — disse Faye com desdém. Sua boca bonita e ressentida se apertou, mas ela disse: — Estarei lá... para *liderar* a cerimônia. Agora é melhor saírem daqui antes que um monitor veja

vocês.

Ela se virou e se afastou.

Todos conseguiram passar por aquele dia sem problemas sérios, embora Suzan tenha recebido uma detenção por não jogar na lixeira a embalagem de um cupcake. Não que tenha deixado na mesa nem nada disso, só por não jogar na lixeira assim que terminou de comer. Era uma infração do tipo A.

Naquela noite, eles celebraram o aniversário dos irmãos Henderson tranquilamente, na casa de Adam. Chris e Doug estavam muito decepcionados.

Queriam uma festa na praia com direito a nadar pelados.

— Todo tipo de loucura — disse Chris. Adam disse que era isso ou nada.

Faye apareceu lá pelas dez, com o manto de seda crua preta que usou na noite da eleição da liderança.

— Nos meus tempos era branco — riu a velha Sra. Franklin, levando-a para a sala de estar desarrumada com a mobília confortável e gasta. — Mas os tempos mudam.

Faye sequer respondeu.

— Estou aqui — disse ela com um

olhar arrogante a todos. — Vamos.

Cassie examinou o diadema de prata aninhado no cabelo preto de Faye, o bracelete de prata no braço redondo e a liga, feita de couro verde e forrada de seda azul-celeste, na coxa dela. Perguntou-se como seriam os artefatos reais, aqueles usados pelo coven original.

As sete meninas não falaram muito ao andarem lentamente pela Crowhaven Road. Diana e Faye estavam na frente, e Cassie ouviu Diana falar em voz baixa. A loura levava uma bolsa branca que continha os objetos necessários para

traçar um círculo e dar início a uma reunião.

Elas chegaram à encruzilhada.

— Deve ser uma convergência de três ruas — dissera Diana — para simbolizar as três fases da vida da mulher: virgem, mãe e anciã. — Aqui a Marsh Street encontrava a Crowhaven Road, que seguia para o norte e o sul.

— Tem de ser justo *na* rua? — dizia Suzan. — E se alguém aparecer de carro?

— Nós saímos do caminho, rápido — disse Laurel.

— Acho que vamos ficar seguras —

disse Diana. — Não há muitos carros a essa hora da noite. Vamos, gente, está frio.

— A cerimônia é minha — Faye a lembrou, sacando a faca ritual de cabo preto.

— Eu nunca disse que não era — disse Diana em voz baixa. Ela recuou para ver Faye traçar o círculo. Cassie sentiu o sangue arder no rosto ao ficar atrás de Diana, vendo Faye fazer o que Diana sempre fez, o que Diana ainda estaria fazendo — se não fosse por Cassie. Ela queria cochichar alguma coisa

para Diana, mas em vez disso só fez uma promessa para si mesma.

De algum modo eu vou consertar as coisas. Faye não será líder para sempre. Haja o que houver, eu vou conseguir, pensou ela. E acrescentou, quase distraidamente, eu juro pela Terra, pela Água, pelo Fogo e pelo Ar.

Faye traçou um círculo na rua com a faca de cabo preto. Depois percorreu o círculo borrifando água de um copo, em seguida com uma longa vareta de incenso, depois com uma vela acesa. Simbolizando os quatro elementos que Cassie mencionou: Terra, Água, Ar e

Fogo. O cheiro doce e pungente do incenso vagou até Cassie pelo ar frio da noite.

— Muito bem, todas para dentro — disse Faye. Elas entraram no círculo por um espaço que dava para o nordeste e se sentaram pelo perímetro. Era estranho ver apenas os rostos das meninas pelo círculo, pensou Cassie.

— Quer explicar ou explico eu? — perguntou Diana a Faye, com a mão na bolsa branca. Ainda havia alguma coisa ali dentro.

— Ah, você pode *explicar* — disse

Faye com negligência.

— Muito bem. Cada uma de nós pega uma vela, a acende e coloca num círculo no meio. E cada uma de nós diz uma palavra, nomeando um dos aspectos da mulher. Não as fases, sabem como é, como virgem, mãe e anciã, mas uma qualidade. Uma...

— Virtude. — Melanie a ajudou.

— Isso mesmo. Uma virtude. Algo que a mulher tem. Depois de todas nós falarmos, mostramos as velas aos elementos e pedimos sua bênção. É uma afirmação do que as mulheres são, mais

ou menos; uma celebração.

— Acho isso lindo — disse Cassie mansamente.

— Muito bem; vamos fazer. Quem quer a vermelha, ou preciso perguntar?

— Diana pegou uma vela vermelha da bolsa. Muito levemente, Cassie pensou ter sentido o cheiro quente e picante de canela.

— Eu. Eu sou a vermelha — disse Faye. Ela girou a vela nas mãos, examinando a cera lisa. Segurou-a no alto e colocou a mão em concha rapidamente em volta do pavio. Cassie

viu a chama surgir, brilhando nos dedos de Faye como se eles fossem conchas cor-de-rosa, transformando suas unhas vermelhas e compridas em pedras preciosas.

Diana, que segurava uma caixa de fósforos para Faye, baixou-a.

— Paixão — disse Faye numa voz gutural, abrindo seu velho e lento sorriso para o grupo enquanto pingava cera na rua e ali fixava a vela.

— Isso é uma virtude? — perguntou Melanie com ceticismo.

Faye ergueu uma sobrancelha.

— É um aspecto do caráter feminino.

Aquele que eu quero celebrar.

— Deixe assim — disse Laurel. —

Tudo bem com a paixão.

A vela vermelha ardia como uma estrela.

— Em seguida a laranja — disse Diana. — Quem quer essa?

— Eu — disse Suzan. A vela laranja tinha quase a mesma cor do cabelo de Suzan. Suzan a cheirou.

— Pêssego — disse ela, e Cassie sentiu a fragrância doce e voluptuosa de onde estava sentada. — Tudo bem:

beleza — disse Suzan. Ela acendeu a vela à moda convencional, com um fósforo.

— A beleza *definitivamente* não é...

— Bem, não é uma virtude, mas é algo que as mulheres têm — argumentou Cassie. Melanie revirou os olhos. Suzan prendeu a vela laranja em sua própria cera na rua, ao lado da vermelha.

— Aqui, me deixa ser a próxima. *Eu* sei fazer isso — disse Deborah. Ela pegou a bolsa branca e a vasculhou, pegando uma vela amarela.

— Fósforos — disse ela com autoridade a Suzan, que os colocou na

palma estendida. Deborah acendeu a vela amarela.

— Coragem — disse ela, com clareza, tombando a vela para que um fio transparente de cera amarela corresse na rua. Cassie sentiu o cheiro pungente de limão e o achou parecido com o perfume de Deborah, como a coragem. A chama da vela amarela iluminou o cabelo escuro de Deborah e bruxuleou loucamente em sua jaqueta preta ao queimar ao lado das outras duas.

— Muito bem, verde — disse Diana, pegando a bolsa.

— Eu — disse Melanie, pegando a vela verde. Ela estava sentada bem ao lado de Cassie e esta se curvou para o cheiro da cera quando Melanie a pegou. Parecia algo vindo da mata: pinho, decidiu Cassie. Como uma árvore de Natal.

— Sabedoria — disse Melanie, os olhos cinza e frios fixos ao acender o pavio. Ela respirou o cheiro por um momento, depois colocou a vela verde na rua. As quatro velas acesas formavam um semicírculo.

— Agora a azul — disse Diana.

Cassie sentiu uma onda de nervosismo e excitação. O azul era sua cor preferida e ela a queria, mas não sabia se devia se manifestar. Diana e Laurel não disseram nada e ela se lembrou de que Laurel gostava de ametistas e costumava vestir roxo. Cassie limpou a garganta.

— Eu fico com essa — disse ela, e estendeu a mão para a vela azul clara que Diana oferecia. Ficou muito satisfeita ao pegá-la, para representar o azul no arco-íris do coven — mas não tinha pensado em nada para dizer. Como era o azul?, perguntou-se, cheirando a vela para

ganhar tempo. Que virtude as mulheres têm que eu queira celebrar?

Não consegui identificar o cheiro, que era doce, mas pungente.

— É loureiro — disse-lhe Melanie, enquanto Cassie ainda cheirava. — Um cheiro com história. Todos os colonos costumavam fazer velas de loureiro.

— Ah. — Talvez por isso parecesse familiar. Talvez a avó tivesse acendido velas de loureiro — a avó fazia muitas coisas à moda antiga. Agora Cassie sabia que virtude queria celebrar.

— Inspiração — disse ela. — Isto é

imaginação... Como o lampejo de uma ideia, sabem como é. Quando minha avó ajudou a fazer minha roupa de musa para o Halloween, disse para que serviam as musas. Elas davam inspiração às pessoas, a capacidade de pensar coisas novas, de ter ideias brilhantes. E elas são mulheres, as musas.

Cassie não pretendia fazer um discurso e baixou os olhos, constrangida. Eu não peguei o fósforo, percebeu ela — e então teve uma inspiração. Com a mão em concha em volta do pavio, como fez Faye, ela se concentrou muito, pensando

no fogo, um fogo luminoso e saltitante — depois o *empurrou* para fora da mente, como tinha feito com o dobermann e com Sean. Sentiu o poder sair dela como uma lufada de calor focada no pavio e de repente apareceu uma chama, tão alta que ela teve de afastar rapidamente a mão para não ser queimada.

— Uma ideia... como esta — disse ela, meio trêmula, pingando a cera na rua para fixar a vela azul. As outras meninas olhavam para ela de olhos arregalados, a não ser por Faye, cujos olhos eram estreitos e semicerrados.

Deborah sorriu com malícia.

— Acho que temos mais de uma senhora do fogo por aqui — disse ela. Faye pareceu ainda menos satisfeita.

— Ah... roxo — disse Diana, dando-se uma pequena sacudida e pegando uma vela cor de lavanda na bolsa.

— Essa é minha. Como você *fez isso*, Cassie? Tudo bem; vou continuar com a cerimônia. Eu só queria saber — disse Laurel. Ela olhou a vela. — Não sei como colocar a minha em uma palavra só — disse ela. — Eu queria a consciência ambiental... Mais ou menos isso, a

conectividade com todas as coisas. Somos parte da Terra e devemos cuidar de todos os outros seres que vivem aqui conosco.

— Que tal “compaixão”? — disse Melanie em voz baixa. — Acho que isso cobriria tudo.

— Isso mesmo, compaixão. — Laurel acendeu a vela roxa.

— Que cheiro tem? — cochichou Suzan enquanto Laurel prendia a vela na rua entre a azul clara de Cassie e a vermelha de Faye, completando o círculo de arco-íris.

— É doce e floral; deve ser jacinto —

cochichou Laurel de volta.

— Espere — disse Cassie. — Se é assim, e Diana? Você não tem uma vela, Diana? — Ela sentiu inveja por Diana e queria que a loura também tivesse sua vez.

— Sim; a branca fica no meio e só falta eu. — É perfeito, pensou Cassie, vendo Diana pegar a vela branca com aroma de baunilha e a erguer. Diana representava o branco como Faye o vermelho.

O branco também se mostrou na virtude que Diana escolheu.

— Pureza — disse ela simplesmente, acendendo a vela branca com um fósforo e aproximando-se do círculo de velas para colocá-la no meio. Qualquer outra ficaria ridícula dizendo isso, mas Diana parecia a encarnação da pureza sentada ali, com o rosto bonito iluminado pelas velas, o cabelo liso e sedoso daquela cor inacreditável caindo nas costas. Sua expressão era séria e não tinha nenhum constrangimento. Quando Diana disse pureza, ela *pretendia* dizer pureza, e nem mesmo Faye se atreveu a zombar disso.

O círculo de velas era bonito; sete

línguas de chama saltando e dançando no ar da noite; sete cheiros misturando-se na combinação de uma fragrância deliciosa. Lufadas da brisa pareciam trazer o cheiro de canela a Cassie, depois um toque de pinho, em seguida a acidez do limão.

— Paixão, beleza, coragem, sabedoria, inspiração, compaixão e pureza — relacionou Laurel, apontando as velas que representavam cada uma.

— Vamos apelar... — incitou Diana, cutucando Faye.

— Vamos apelar a todas elas — disse Faye. — Terra, Água, Fogo, Ar,

testemunhem. Apesar de já termos todas essas virtudes — acrescentou ela, olhando o círculo brilhante com um sorriso satisfeito. Os olhos de Laurel cintilaram para Cassie do outro lado das chamas e Cassie deixou que seus olhos fizessem o mesmo.

— Bem, temos, se contar todas *nós* — disse Deborah, sorrindo com ironia. Diana abriu seu sorriso gentil. Por um momento, todas as meninas sorriam por sobre as velas e Cassie sentiu como se fizessem parte de algo maior. Cada uma delas contribuía com alguma coisa

importante e juntas elas eram mais do que a soma das partes.

— Agora temos de deixar que queimem a noite toda — disse Melanie, indicando as velas com um aceno de cabeça.

— E se alguém passar por cima? — perguntou Suzan, pragmática.

— Bem, acho que se não virmos, não importa — disse Diana. — Mas espere, tem mais uma coisa que eu queria fazer. Não faz parte da noite de Hécate, mas é outra coisa grega, a Anetophoria. Significa festival da confiança. — Ela

alcançou a bolsa branca de novo. — As sacerdotisas gregas de Atenas costumavam fazer isso. É quando um dos integrantes mais velhos do grupo... ou seja, eu... dá uma caixa à integrante mais nova... você, Cassie. Você deve enterrar a caixa em algum lugar sem ver o que tem dentro. Deve ser uma jornada escura e perigosa para você, mas acho que Nick tem razão e é melhor que você fique por perto. Vá até algum lugar da rua e enterre.

— É só isso? — Cassie olhou a caixa que Diana lhe dera. Era feita de uma

madeira clara, entalhada com figuras mínimas e complexas: abelhas, ursos e peixes. Alguma coisa dentro dela fez barulho. — Só enterrar?

— Só isso — disse Diana, passando a Cassie o último item da bolsa branca: uma pequena espátula. — O importante é você não olhar o que tem dentro. Por isso é chamado de festival da confiança; é uma celebração dessa virtude, da responsabilidade e da amizade. Um dia vamos voltar e desenterrar.

— Tudo bem. — Carregando a caixa e a espátula, Cassie saiu do círculo e se

afastou do grupo, deixando os pontinhos dançantes das chamas para trás.

Ela não queria enterrar a caixa perto da rua. Primeiro, a terra era dura e tomada de cascalho; não seria fácil cavar ali; ela só arranharia a superfície. Além disso, assim tão perto, alguém podia ver que o chão foi mexido e desenterraria a caixa antes da hora.

Cassie continuou seguindo para leste. Podia ouvir os sussurros do mar vindos daquela direção e sentia uma brisa fraca e salgada. Subiu em algumas pedras grandes e a praia se estendeu diante dela,

deserta e um tanto sinistra. Ondas de renda branca se quebravam em silêncio na orla.

Uma lua amarela, pela metade, erguia-se acima do mar. A lua fúnebre, Cassie se lembrou. Era da cor exata dos olhos de Faye. Na realidade, parecia um olho antigo e amarelado, e Cassie teve a sensação desagradável de ser espionada enquanto metia a espátula na areia fria e seca e começava a cavar.

Já estava bem fundo. A areia que vinha agora era mais compacta e ela esperava que a umidade não estragasse a

caixa de Diana. Enquanto Cassie colocava a caixa no buraco, o luar cintilou no fecho de bronze. Não estava trancada. Por um instante ela teve a tentação de abri-la.

Não seja *idiota*, disse ela a si mesma. Depois de tudo o que você e Diana passaram, se não pode fazer uma coisinha à toa como enterrar uma caixa sem olhar o que tem dentro...

Ninguém ia saber, argumentou a voz em sua mente, na defensiva.

Eu ia saber, disse Cassie à voz. Então, pronto. Ela jogou a areia na caixa com

determinação, pegando-a com a espátula e a mão para cobrir mais rápido.

Algum tempo depois de cobrir a caixa, ela percebeu a escuridão.

Era só uma sombra, pensou ela. A lua estava alta o bastante para lançar uma sombra comprida atrás de uma formação rochosa que estava mais próxima da água do que Cassie. Ela observou pelo canto do olho enquanto alisava a areia por cima da caixa enterrada. Pronto, agora não dá para saber que tem algo enterrado aqui. A sombra se estendia mais para perto, mas isso era porque a lua subia...

Está errado, pensou Cassie. Ela estacou enquanto espanava a areia das mãos e olhou a sombra.

Sombras não ficam *mais curtas* à medida que a lua fica mais alta. É como o sol, pensou ela, mas esta sem dúvida estava mais perto.

O sussurro do mar ficou alto de repente.

Eu devia ter dado ouvidos a Diana. Devia ter ficado perto do grupo, pensou Cassie. De forma lenta e casual, ela olhou por sobre o ombro. As pedras em que subira pareciam distantes e não havia

sinal do círculo de velas atrás delas. Também não havia nenhum som, só o das ondas. Cassie se sentiu exposta e muito sozinha.

Não demonstre medo. Levante-se e saia, disse ela a si mesma. O coração batia contra as costelas. Ao se levantar, a sombra se moveu.

Ah, *meu Deus*. Não havia como fingir que aquilo era normal. A sombra nem mesmo estava mais presa à pedra. Era só uma escuridão na areia, fluindo como água, avançando para ela. Estava viva.

Vá, vá!, a mente de Cassie lhe gritou.

Mas suas pernas não obedeciam. Estavam travadas, paralisadas. Ela não ia a lugar nenhum.

Cassssssie. Sua cabeça se virou de repente; ela procurou a pessoa que tinha falado. Mas não era uma pessoa. Eram as ondas.

Cassssssie.

Eu quero sair daqui, pensou Cassie. As pernas ainda não se mexiam.

A escuridão fluía como alcatrão, ondulando para ela. Dividiu-se, vertendo dos dois lados de Cassie, envolvendo-a.

Cassssssie.

A sombra sussurrava para ela com a voz de Black John. Fluía em volta dela, uma escuridão amorfa como fumaça. Ao olhar para baixo, Cassie parecia ver serpentes dentro dela, e besouros pretos, todo tipo de coisas rastejantes e abomináveis. Estavam em volta dela, mas não pretendiam matá-la. Queriam entrar em sua mente.

Ela podia *sentir* que tentavam. Uma pressão, enquanto a coisa girava por seus pés. Só o que ela pôde pensar foi graças a Deus não tenho mais a hematita.

Eu devia ter ouvido; por que não dei

ouvidos?, pensou ela então. As meninas não sentiriam falta dela por um tempo. Tempo demais. Ela queria gritar, mas sua garganta estava tão paralisada quanto as pernas. Só o que podia fazer era ficar ali parada, vendo a escuridão ondulante girar em volta de seus pés.

Empurre com a mente, pensou ela, mas estava apavorada demais. Não podia afugentar essa escuridão como fez com o dobermann. Não tinha força suficiente.

Por favor, socorro, pensou ela.

E então, de forma confusa, foi só no que pensou. Ah, por favor, alguém me

ajude, alguém apareça, não consigo sair disso sozinha, ah, por favor, *alguém...*

Casssssie, veio o sussurro. As ondas, a escuridão e a lua, todas pareciam dizer isso.

Socorro...

— Cassie! — Foi um grito, não um sussurro, e por atrás dele Cassie ouviu o latido de um cão. Sua mente então foi inundada de imagens de segurança, de conforto. Ela olhou em volta, freneticamente. Suas pernas ainda não se mexiam.

— Estou aqui! — gritou ela. Só de

gritar, se sentiu livre. A escuridão recuava, retraindo-se para a pedra, fundindo-se com a sombra real.

— Cassie! — A voz era familiar e amada.

— Estou aqui — chamou Cassie de novo, cambaleando para ela. As visões de conforto, segurança e proximidade ainda giravam dentro dela, atraindo-a. Ela as seguiu. Ao chegar às pedras, braços fortes a pegaram, abraçaram-na com intensidade. Ela sentiu o calor de um corpo humano contra o dela.

Por sobre o ombro de Nick, ela olhou

nos olhos de Adam.

A lua brilhava em cheio em seu rosto, conferindo cores estranhas àqueles olhos, um azul-violeta, como a base de uma chama. Como o céu antes de uma estranha tempestade. Ela pensou que podia ver a prata se refletindo em suas pupilas. Raj saltava ao lado dele, ainda latindo. O rabo do pastor-alemão se agitava freneticamente ao se aproximar de Cassie. Adam o segurou pela nuca.

— Você está bem? Você se machucou? — disse Nick em seu ouvido.

— Não. Eu estou bem — sussurrou

ela. Ela não sabia o que estava dizendo.

— Não devia ter se afastado sozinha — disse Nick com raiva. — Elas não deviam ter deixado você fazer isso.

— Está tudo bem, Nick. — Ela se abraçou a ele com toda a força e enterrou o rosto em seu ombro bem quando Adam se virou, levando o relutante Raj. Depois ela ficou ali, sabendo que ele a sentia tremer.

— Cassie. — Ele afagou as costas dela, tranquilizando-a.

Cassie recuou um pouco. Adam se fora. Ela olhou para Nick à luz da lua,

para a beleza esculpida de suas feições, com seu toque de frieza. Só que seus olhos agora não eram frios.

Paixão, pensou ela, e a vela vermelha de Faye lhe veio à mente. E então ela o beijou.

Cassie nunca havia beijado ninguém além de Adam, mas achou que saberia o que fazer. A boca de Nick era quente e isso era bom. Ela sentiu que ele ficou assustado, e de imediato sentiu a surpresa sendo substituída por algo mais profundo e mais doce. Ela o sentiu retribuir o beijo.

Ela beijou para não pensar. Beijar era

bom por isso. Suzan estava muito enganada sobre Nick. Ele não era um iguana. Filetes de fogo correram pelos nervos de Cassie, fazendo seus dedos formigarem. Ela sentiu calor pelo corpo todo.

Por fim, os dois se separaram. Cassie olhou para ele, com os dedos ainda entrelaçados nos de Nick.

— Desculpe — disse ela, hesitante.
— Eu só estava com medo.

— Me lembre de lhe deixar com medo com frequência — disse Nick. Ele parecia meio tonto.

— É melhor a gente voltar. Black John estava aqui.

Cassie tinha de reconhecer a coragem de Nick; ele não gritou “*O quê?*” e a sacudiu. Lançou um olhar rápido e caçador em volta do local, passando a segurá-la pelo braço com a mão esquerda e libertando a direita.

— Agora ele foi embora — disse ela. — Tinha uma sombra que saiu daquela pedra, mas não está mais lá.

— Depois disso, ninguém mais sai sozinho — disse Nick, guiando-a para as pedras que eles tiveram de escalar para

voltar ao cruzamento.

— Acho que ele estava tentando entrar na minha mente — contou Cassie aos demais quando todos estavam de volta à casa de Adam. Ela se sentou ao lado de Nick, segurando a mão dele com força. — Para me influenciar, ou me levar, não sei. Eu não sabia como impedir. Se vocês não tivessem aparecido, ele teria conseguido.

— Ninguém deve mais sair sozinho — disse Nick, com um olhar firme a Diana. Era improvável que ele dissesse alguma coisa nas reuniões, mas agora sua

voz era decisiva, não devia ser contrariada.

— Eu concordo — disse Melanie. — Além disso, acho que devemos fazer alguma coisa para nos defender, para erguer alguma espécie de escudo contra ele.

— O que você tem em mente? — perguntou-lhe Adam. Ele estava sentado no braço da poltrona de Diana, com a expressão calma e a voz estável.

— Algum tipo de cristal pode ser útil. Talvez ametista. Deve nos ajudar a nos concentrar e lutar contra ele, contra

qualquer ataque psíquico. É claro que se alguém estiver usando ao mesmo tempo outro cristal que ele possa usar contra a pessoa... como a hematita... não vai adiantar de nada. — Melanie olhava para Faye.

Faye fez um gesto de impaciência.

— Como eu já disse à minha prima intrometida, não tenho a droga da hematita. Não preciso roubar cristal dos outros.

— Tudo bem; não vamos discutir — disse Diana. — Melanie, tem ametista suficiente na sua casa? Ou pode nos

emprestar algumas, Laurel? Acho que temos de prepará-las logo, assim todos podem usar em casa esta noite.

— Sim, e ficaremos com elas o tempo todo — disse Melanie. — Na hora do banho, na hora de dormir, na escola, onde for. Mas usem por baixo das roupas; não deixem que ele veja os cristais, se possível. Serão mais eficazes assim.

— Que jeito de terminar uma festa — resmungou Doug ao pegar o casaco.

— Pense nisso como um brinde de festa — respondeu Nick sem nenhuma simpatia. — Uma lembrança. — Ele

apertou rapidamente os dedos de Cassie com um olhar de canto de olho, como quem diz que sabia do que *ele* se lembraria.

Cassie se sentiu agradecida por isso. Mas quando iam à casa de Melanie, ela perguntou despreocupadamente:

— A propósito, por que vocês vieram atrás de mim?

— É, ficaram entediados com a festa ou coisa assim? Descobriram que não conseguiam ficar sozinhos, então tinham que achar as meninas? — acrescentou Deborah, com os olhos escuros

disparando para Chris.

Chris olhou para ela de um jeito estranho.

— Não, estávamos indo muito bem. Foi Adam quem nos disse para ir. Ele disse que Cassie estava com problemas.

O pedaço de ametista de Cassie era bem grande. Era um pingente, preso nas garras de uma coruja de prata de asas abertas, e era frio contra o peito de Cassie, por baixo do suéter azul e branco. Ela olhou no espelho de Diana para ter certeza de que não fazia volume e a

tocou, nervosa. Cassie teve três pedras até agora: a calcedônia rosa que Adam lhe dera, o colar de quartzo que Melanie colocou em seu pescoço no baile da escola e a hematita que achou no número 13. Não ficou muito tempo com nenhuma das três. A calcedônia ela teve de devolver a Adam, o quartzo foi perdido na mesma noite no cemitério e a hematita foi roubada. Ela só esperava que nada acontecesse com esta ametista.

Nuvens se acumularam na noite e o céu estava com uma cor cinza aço enquanto Diana os levava de carro para a

escola naquela manhã. E a escola ultimamente estava tão melancólica quanto o clima. Monitores, usando distintivos e uma expressão gélida, postavam-se em cada corredor esperando que alguém infringisse as regras. O que em geral não demorava muito a acontecer; havia tantas que era impossível não infringir uma ou duas só por estar vivo.

— Nós quase fomos para a direção por usar um dispositivo que faz ruído — disse Chris enquanto andavam pelo corredor na hora do almoço.

Cassie ficou tensa.

— O que vocês fizeram?

— Nós o subornamos — disse Doug com um sorriso malicioso. — Demos um walkman a ele.

— O *meu* walkman — disse Chris, ofendido.

— Qual será a punição para subornar um monitor? — refletiu Laurel enquanto eles chegavam ao refeitório.

Cassie abriu a boca, mas as palavras ficaram paralisadas em seus lábios. Pelas janelas de vidro do refeitório, ela pôde ver algo que varreu todos os seus

pensamentos.

— Ah, *meu Deus* — disse Laurel.

— Não acredito — sussurrou Diana.

— Eu acredito — disse Adam.

Bem no meio do refeitório havia uma estrutura de madeira que Cassie reconheceu dos livros de história. Era composta de duas partes, que quando se fechavam nos pulsos e no pescoço mantinha a pessoa presa, projetando-se dos buracos do outro lado.

O tronco.

E estava ocupado.

Havia um menino dentro dele, um

grandalhão que Cassie reconhecia da turma de álgebra. Ele dançou com ela no baile da escola e ficou cheio de intimidades com as mãos. Ele também gostava de responder mal aos professores. Mas ela nunca o vira fazer nada que merecesse *isso*.

— Ele não vai se safar dessa — dizia Diana, com os olhos verdes brilhando de intensidade.

— Quem, o diretor? — perguntou Deborah. Ela, Suzan e Nick estavam na porta do refeitório, esperando pelos outros. — Já se safou. Ele levou alguns

pais por uma excursão guiada há alguns minutos e eles passaram por aqui... Ele *mostrou* isso a eles, pelo amor de Deus. Disse que fazia parte do programa de “amor com disciplina”. Disse que outras escolas faziam os baderneiros subirem em mesas para que todos pudessem vê-los, mas que ele achava o tronco mais humano, porque você podia se sentar. Ele quase fez com que parecesse *razoável*. E eles só assentiam e sorriam... Engoliram tudo.

Cassie teve náuseas. Pensava no Calabouço das Bruxas de Salem, onde

ela, Chris e Doug tinham andado por corredores estreitos ladeados de celas escuras e mínimas. O tronco lhe dava o mesmo enjoo. Como as pessoas podem fazer isso com os outros?, pensou ela.

— ... transmitindo isso como parte de nossa herança — dizia Nick, com o lábio retorcido de nojo, e Cassie sabia que ele sentia o mesmo que ela.

— Não podemos conversar enquanto comemos? — perguntou Suzan, remexendo-se de um pé para outro. — Estou morta de fome.

Mas ao irem para a sala dos fundos

— o domínio privativo do Clube nos últimos quatro anos —, uma figura baixa de cabelo ferrugem colocou-se diante deles.

— Desculpe. — Sally Waltman sorriu com malícia. — Esta sala agora é só dos monitores.

— Ah, é? — disse Deborah.

Dois caras com distintivos apareceram do nada e se colocaram de cada lado de Sally.

— É — disse um deles.

Cassie olhou a sala dos fundos pelas janelas de vidro — hoje não havia a

multidão de parasitas na frente delas — e viu a cabeça castanha de Portia. Estava cercada de meninas e meninos que a olhavam com admiração. Todos tinham distintivos.

— Vão ter de se sentar em outro lugar — dizia Sally ao Clube. — E como não há lugares suficientes numa só mesa, terão de se separar. Que pena.

— Vamos lá para fora — disse Nick ríspidamente, pegando Cassie pelo braço.

Sally riu.

— Acho que não. Não é mais permitido comer lá fora. Se não acharem

um lugar aqui dentro, terão de ficar de pé.

Cassie sentiu os músculos de Nick. Ela se segurou no braço dele com força. Diana segurava-se de um jeito parecido em Adam, cujos olhos cinza-azulados eram como lascas de aço, fixos nos meninos ao lado de Sally.

— Não vale a pena — disse Diana em voz baixa, com uma calma forçada. — É isso que ele quer. Vamos ficar por aqui mesmo.

Sally pareceu decepcionada quando todos se deslocaram para junto da parede.

Depois o triunfo brilhou em seus olhos.

— *Ele* já está violando as regras — disse ela, apontando Doug. — Está usando um rádio.

— Não está ligado — disse Doug.

— Não precisa. Só usar já é delito Tipo A. Venha comigo, por favor. — Os dois meninos avançaram para ajudar a conduzir Doug.

— Nick, não. Espere... — Cassie ofegou, colocando-se na frente dele. Só o que eles precisavam era de uma briga no refeitório.

Os olhos de Doug cintilavam

loucamente. Ele parecia irritado o bastante para bater em Sally, para não falar nos outros dois meninos.

— Tragam-no — disse Sally numa voz exultante. Os meninos estenderam a mão para Doug. O punho de Doug recuou e depois uma voz gutural atravessou a confusão.

— O que está havendo aqui? — disse Faye, com os olhos âmbar em brasa. Estava vestindo outro terninho profissional; este era preto e amarelo.

Sally a fuzilou com os olhos.

— Eles se recusam a cumprir as

ordens de um monitor — disse ela. — E *ele* está usando um rádio.

Faye estendeu a mão e desenganchou o walkman do cinto de Doug.

— Agora não está — disse ela. — E vou dizer a eles que comam em outro lugar... Talvez lá fora. Sob *minha* autoridade.

Sally soltava faíscas. Faye riu e levou o Clube para fora do refeitório.

— Obrigada — disse Diana, e por um momento ela e Faye se olharam nos olhos. Cassie pensou nas velas ardendo no círculo na rua. Uma nova fase de sua

vida, estaria Faye entrando numa nova fase da vida? Voltando ao coven?

Mas as palavras seguintes de Faye a desenganaram.

— Sabe de uma coisa, não há motivo para vocês *não comerem* na sala dos fundos — disse ela. — Todos vocês podem se tornar monitores. É isso que ele quer...

— Ele quer nos pegar — interrompeu Deborah com desdém.

— Ele quer que a gente se una a ele. Ele é um de nós.

— Não, ele não é, Faye — disse Cassie, pensando na sombra debaixo da

pedra. — Ele não é nada parecido com a gente.

Faye lhe lançou um olhar estranho, mas só o que disse foi:

— Haverá uma reunião de monitores no último tempo na C-207. Pensem nisso. Quanto mais cedo se unirem a ele, mais fáceis as coisas serão. — Ela jogou o walkman de volta a Doug com um gesto displicente e se afastou.

O almoço foi desagradável; estava frio no pátio da frente da escola e ninguém, além de Suzan, tinha muito apetite. Sean apareceu atrasado, depois que toda a

confusão acabou. Eles discutiram planos para combater Black John. Mas, como sempre, voltavam à questão do poder. Precisavam de poder para lutar com eficácia. Precisavam das Chaves Mestras.

Todos tinham uma ideia diferente de onde procurar. Adam propôs a praia — especialmente perto da Devil's Cove, onde o Sr. Fogle, o ex-diretor, fora morto por um deslizamento de pedras. Deborah pensava que talvez estivessem no antigo cemitério.

— Aquilo lá existe desde nos anos 1600 — disse ela. — O coven original

pode muito bem ter escondido coisas lá.
— Melanie e Diana discutiram a possibilidade de fazer um pêndulo de cristal projetado para buscar vestígios da “energia branca” que as Chaves pudessem emitir.

Cassie ficou sentada em silêncio, perto de Nick, sem falar muito. Tinha o impulso idiota e desesperado de esquecer tudo isso e enterrar a cabeça no ombro dele. Ela não conhecia New Salem como os outros — como poderia pensar num lugar razoável onde procurar? E ela sentia tanto medo das coisas ruins que

podiam acontecer.

Vamos perder, pensou ela, ouvindo as vozes preocupadas dos outros. Somos só crianças e ele tem séculos de experiência. Nós vamos perder.

O pavor se agravou com o passar do dia. Ela encontrou Nick quando ia para a última aula e ele a parou no corredor.

— Você parece péssima — disse ele.

— Obrigada. — Cassie tentou abrir um sorriso irônico para ele.

— Não, eu quero dizer que está muito pálida... Está se sentindo bem? Quer ir para casa?

— Sair das dependências da escola sem permissão — citou Cassie automaticamente, cansada, e depois estava nos braços dele.

— Eles podem pegar a permissão deles e...

Cassie se agarrou a ele. Nick era tão bom com ela; ela queria amá-lo. Ela se *obrigaria* a amá-lo, decidiu. Talvez eles devessem voltar para a Crowhaven Road; ir a um lugar onde pudessem ficar a sós. Nick não gostava de fazer esse tipo de coisa em lugares onde pessoas pudessem ver.

— Me abraça — disse ela. Ele obedeceu. Depois a beijou.

Isso. Basta deixar rolar. Seja parte de Nick — isso é seguro. Nick cuidaria dela. Ela podia parar de pensar agora.

— Ora, ora, ora... Parece uma violação do Tipo A para *mim* — disse uma voz impertinente. — Exibições públicas de afeto, inadequadas para o propósito sério e digno da educação formal. O que me diz, Portia?

Nick e Cassie se separaram, Cassie ruborizando.

— Acho que é muito revoltante —

disse Portia Bainbridge.

Atrás dela havia uma turma de monitores, aparentemente a caminho da reunião. Eram talvez trinta. De repente o coração de Cassie batia com força e acelerado.

— E é culpa *dela* — continuava Portia, olhando do alto de seu nariz aristocrático para Cassie. — Ouvi Cassie tomar a iniciativa. Vamos levá-la.

— É isso mesmo, a sedutorazinha — disse Sally. Cassie se lembrou da voz de Sally no banheiro; a raiva que tinha, a crueldade. *Essa consegue que cada garoto da*

festa de Halloween vá atrás dela com a língua de fora. Inclusive o meu namorado.

Cassie passou a se observar de uma forma bem diferente desde que ouvira Sally dizer isso sobre ela naquele dia.

Nick olhava o grupo de monitores com a expressão fria — como o velho Nick, de quando Cassie o conheceu. Fria como gelo.

— Levá-la para onde? A punição para delito Tipo A deve ser a detenção. Ou não leram suas próprias regras? — disse ele.

— *Nós* decidimos quais são as

punições... — começou Portia, mas Sally a interrompeu.

— Ela se recusou a cooperar com um monitor na hora do almoço — disse ela. — É por isso que vamos levá-la. O Sr. Brunswick nos deu instruções específicas. Vamos levá-la à direção... Ela pode falar com *ele*.

— Então terão de levar a nós dois — disse Nick. O braço dele apertou Cassie.

Eles eram muitos. Os olhos de Cassie percorreram a multidão de monitores, sem ver nenhum rosto amistoso entre eles. Todos veteranos, todos odiavam

bruxas. E Faye não estava ali.

— Nick — disse ela com a voz branda e cautelosa por sobre o martelar de seu coração. — Acho melhor eu ir com eles. — Ela olhou para Sally. — Posso me despedir dele?

Irônica, Sally concordou. Cassie pôs os braços no pescoço de Nick.

— Encontre os outros — cochichou ela em seu ouvido. — Os monitores estarão na reunião... Você terá de achar um jeito de me tirar de lá.

Ao se afastar, os olhos mogno de Nick encontraram os dela, concordando.

Depois, lançando para Sally um olhar sem expressão, ele se afastou saindo lateralmente.

O grupo de monitores cercou Cassie e a acompanhou pelo corredor, tratando-a como a líder de um assassinato em massa. Ela teve o impulso louco de rir, mas ao chegarem à direção, o impulso desapareceu numa onda de pavor e ansiedade.

Ele planejou isso, pensou ela. Talvez não isto especificamente, não hoje. Mas ele sabia que nos pegaria de algum modo, um por um. Ela tentou ignorar a vizinha

que sussurrava, *ele sabia que ia te pegar. É você que ele persegue.*

Porque ela era uma forasteira — ou porque ela não se encaixava nos planos dele. Uma visão de Kori lampejou por sua mente: Kori prostrada, rígida e imóvel, com o pescoço quebrado, ao pé da colina. Ela vira o que acontecia com as pessoas que não se encaixavam nos planos de Black John.

— Talvez ele te deixe sair, se você jogar charme para ele — sussurrou Sally com desprezo e abriu a porta da direção.

Cassie não respondeu. Não

conseguia.

Ela não vinha a esta sala desde que procurou o Sr. Fogle para se queixar de que Faye a perseguia. Parecia a mesma, só que agora havia um fogo crepitando na lareira. E o homem atrás da mesa era diferente.

Não olhe para ele, pensou Cassie, enquanto a porta se fechava a suas costas, mas não pôde evitar. Aqueles olhos negros se fixaram nos dela desde o instante em que ela se voltou para a mesa. A cara de falcão não mostrava surpresa por Cassie estar ali.

O diretor colocou uma caneta folheada a ouro na mesa com um clique que mal foi audível.

— Cassandra — disse ele.

Os joelhos de Cassie perderam a força.

Era a voz da sombra. Uma voz escura e fluida. Tão baixa, tão insidiosa — tão *cruel*. Sob os olhos pretos de hematita ela se sentiu nua, exposta. Como se ele olhasse em sua mente. Procurando uma fresta por onde entrar.

— Sr. Brunswick — disse ela. Sua voz parecia estranha a seus próprios

ouvidos. Educada, mas distante.

Ele sorriu.

Ele vestia um suéter de gola rulê preto e um casaco preto. Levantou-se, pousando a ponta dos dedos na mesa.

— Tão corajosa — disse ele. — Eu tenho orgulho de você.

Era a última coisa que ela esperava. Cassie se limitou a olhar para ele. Seus dedos voaram automaticamente para o volume do pingente de ametista sob o suéter.

Os olhos dele seguiram o movimento.

— Eu não me daria a esse trabalho

— disse ele, abrindo um leve sorriso. — Este cristal é pequeno demais para ser eficaz.

A mão de Cassie baixou lentamente. Como ele sabia? Ela se sentia tão confusa, tão desequilibrada. Olhou o homem diante dela, tentando relacioná-lo com a criatura queimada que se agachara sobre a avó na cozinha, com o bruxo do século XVII que conduziu um coven assustado para New Salem. Como poderia estar aqui, esta era a questão. Qual era a fonte do seu poder?

— E ametista é uma pedra fraca, uma

pedra do coração — continuava ele com brandura. — Pureza de intenções, Cassie; é esse o segredo. Pureza e clareza. Nunca se esqueça de suas intenções.

Ela teve a estranha sensação de que ele respondia a sua pergunta. Ah, meu Deus, por que Nick não chegava? Seu coração martelava tanto... Ela estava *com medo*.

— Deixe-me demonstrar — disse o homem sombrio. — Pode me dar o pingente? Só por um momento — acrescentou ele, enquanto Cassie continuava imóvel.

Lentamente, Cassie estendeu a mão para a nuca. Com dedos frios, soltou a corrente de prata e a retirou. Não sabia mais o que fazer.

Lenta e precisamente, ele a pegou.

De repente, desvairada, Cassie pensou em um mágico prestes a fazer um truque. Não tem nada *naquelas* mangas, pensou ela. Só um corpo que nem deveria estar ali em primeiro lugar.

Ainda segurando o colar no ar, o diretor o afastou de Cassie. O fogo saltava e crepitava na lareira e Cassie sentiu sua pulsação na garganta e na

ponta dos dedos. Não suporto mais isso, pensou ela. Nick, onde você está?

— Veja bem — disse o diretor, num tom que parecia estranhamente distorcido —, a ametista é uma pedra tomada de impurezas. Para o poder, o quartzo é sempre de minha preferência... — Ele começou a girar o colar.

Não, pensou Cassie. Tudo entrava em câmera lenta, como se ela visse um vídeo quadro a quadro. Um vídeo reproduzido em um aparelho muito superior, cada quadro claro e nítido, sem borrões. Cassie nem sabia de onde tinha

vindo o *não*, só que algo no fundo de seu cérebro gritava em protesto, tentando alertá-la. Não olhe, ah, não olhe.

Cassie queria parar a ação, congelar a imagem. Mas não conseguia. Demorou uma eternidade, mas o homem ainda girava o colar. Ele estava de frente para ela.

Ela viu o casaco preto e elegante, o suéter preto de gola rulê. Mas acima da gola havia uma monstruosidade que arrancou lágrimas de seus olhos e prendeu o grito em sua garganta. O homem não tinha rosto.

Sem cabelo, sobrancelhas, olhos ou nariz. Sem boca, só um contorno sorridente de dentes cerrados. Até mesmo isso, até os ossos fortes que a encaravam eram transparentes como água.

Cassie não conseguia gritar, não conseguia respirar. Sua mente estava fora de controle.

Ah, meu Deus, meu Deus, o crânio não sumiu, não admira que não o tenhamos achado, ele não explodiu porque está na cabeça dele, ah, Diana, ah, Adam, está na *cabeça* dele...

— Está vendo, Cassandra — veio a voz inumana de trás dos dentes cerrados —, pureza mais clareza é igual a poder. E eu tenho mais poder do que vocês, crianças, já sonharam ter.

Ah, meu Deus, não acredito nisso, não acredito que isso esteja acontecendo, não quero ver mais nada...

— Meu espírito não está confinado neste corpo — continuava a voz calmamente, com uma lucidez terrível. — Pode fluir como água sempre que mando. Eu posso focalizar seu poder para qualquer lugar.

As órbitas vazias dos olhos baixaram, para o pingente de ametista que pendia de uma mão de aparência inteiramente normal. A luz do fogo bruxuleava no fundo do crânio de cristal. Depois Cassie sentiu um jato de poder, como o que ela enviou para assustar o cachorro, e chamar a atenção de Sean e acender o fósforo. Só que este era muito mais intenso, muito mais concentrado do que suas fracas explosões. Ela quase podia *vê-lo*, como um clarão.

O pingente de ametista se espatifou.

A coruja de prata balançava, mas

agora não havia nada em suas garras. O cristal desaparecera.

Os ouvidos de Cassie captaram o tinido dos cacos no chão. Mas ela não percebeu o som conscientemente. Estava cega e surda de pânico.

— Agora, Cassandra — recomeçava a voz, mas foi interrompida por um barulho tão alto que nem Cassie podia ignorar. Um *rugido* vinha do pátio da frente da escola, um som de comício, só que colérico. Gritos estridentes soaram contra o fundo do tumulto.

O diretor deixou cair a corrente de

prata e foi até a janela que dava para a frente da escola.

E o cérebro de Cassie despertou. Ele só queria uma coisa, sair dali. Com a atenção do homem sombrio desviada, ela investiu para a porta.

Correu pelo escritório sem olhar para as secretárias. Havia um caos nos corredores do segundo andar. Todos saíam das salas de aula.

— É uma briga! — gritava um garoto na escada. — Vamos!

Parecia um motim; eles não podem controlar todos ao mesmo tempo,

percebeu Cassie vagamente. Ela ainda corria. Desceu a escada em disparada e pegou um corredor, indo instintivamente para o meio da confusão.

— Cassie, espere!

Não era uma voz de homem, mas era ameaçadora. Faye. Cassie parou por um instante, olhando desesperadamente em volta à procura de Nick, Diana ou Adam.

— Cassie, pare, pelo amor de Deus. Ninguém está tentando te machucar. Estou correndo atrás de você o tempo todo desde que saiu da direção.

Cautelosa, Cassie recuou. O corredor

estava deserto. Todos estavam do lado de fora.

— Cassie, me *escute*. Ele não está tentando te matar, eu garanto. Ele quer *ajudar* você. Ele gosta de você.

— Faye, você está louca! — Cassie perdeu o controle e gritava. — Você não sabe o que ele é! Tudo que você vê nele é uma ilusão. Ele é um monstro!

— Não seja ridícula. Ele é um de nós...

— Ah, meu Deus, ah, meu *Deus* — disse Cassie. Agora lhe vinha a reação e seus joelhos tremiam tanto que ela teve

de se recostar na parede. Ela escorregou para baixo, rasgando um cartaz sobre o jogo de futebol do Dia de Ação de Graças. — Você não o enxerga. Você não sabe.

— Eu sei que você está sendo infantil. *Você* nem mesmo fica para ouvir o que ele tem a lhe dizer. Ele vai explicar tudo...

— Faye, acorda — gritou Cassie. — Pelo amor de Deus, quer por favor acordar e *olhar* para ele? Ele não é nada do que você pensa. Você está completamente cega.

— Você acha que sabe tanta coisa

sobre isso. — Faye parou, de braços cruzados. Empinou o queixo e encarou Cassie de cima, com os olhos de pálpebras caídas e triunfantes. Seus lábios vermelhos se curvaram num sorriso. — Acha que sabe de tudo... Mas nem mesmo sabe qual era o nome dele quando esteve aqui da última vez. Quando procurou nossos pais e morou no número 13.

A intensidade do terror que Cassie sentiu momentos antes passara e o chão de repente parecia muito instável. Ela colocou a mão no piso. Faye ainda a

olhava com aqueles olhos estranhos e triunfantes.

— Não — sussurrou Cassie.

— “Não” de não sabe? Ou “não” de não me conte? Mas eu quero te contar, Cassie, e está na hora de você saber. O nome que ele usou da última vez foi John Blake.

Cassie a encarou, sem conseguir falar, nem pensar. Sem acreditar — mas por dentro, alguma coisa nela sabia.

— É verdade. Ele é o seu pai.

Cassie ficou sentada.

— E ele quer que você seja feliz, Cassie. Quer que seja a herdeira dele. Ele

tem muita coisa planejada para você.

— E você é o quê? — exclamou Cassie, ofendida, pressionada além dos limites de sua resistência. — Minha nova madrasta?

Faye riu — aquele riso enfurecedor e presunçoso.

— Talvez. Por que não? Sempre gostei de homens mais velhos... E ele só tem uns três séculos de idade.

— Você é nojenta! — Cassie não conseguia encontrar as palavras certas. Nenhuma era ruim o bastante e ela não queria acreditar que isso realmente

estivesse acontecendo. — Você está...
Você...

— Eu ainda não *fiz* nada, Cassie. John e eu temos... um relacionamento profissional.

Cassie sentiu que ia vomitar. Por si mesma, por Faye...

— Você o chama de John? — Ela sussurrou.

— Como acha que devo chamá-lo? Sr. Brunswick? Ou como ele se chamava da última vez em que esteve aqui, Sr. Blake?

Tudo girava ao redor de Cassie agora.

As paredes verde-claras de concreto rodavam. Ela queria desmaiar. Se desmaiasse, não teria de pensar.

Mas não conseguia. Lentamente, a sensação estabilizou e ela sentiu o chão firme. Não havia como escapar disso. Não havia alternativa a não ser lidar com o problema.

— Ah, meu Deus — sussurrou Cassie. — É verdade. É mesmo verdade.

— É verdade — disse Faye em voz baixa, com satisfação. — Sua mãe foi namorada dele. Ele me contou a história toda, que ela se apaixonou quando ele foi

pegar fósforos emprestados no número 12. Eles nunca *se casaram*, ao que parece... Mas sei que ele não relutou em lhe dar seu nome.

Era verdade... E era o que a avó de Cassie tentou lhe contar quando morreu. “Há mais uma coisa que você precisa saber”, disse ela, e Laurel entrou. As últimas palavras foram só um sussurro, “John” e mais alguma coisa que Cassie não conseguiu entender. Mas ela se recordava da forma dos lábios de sua avó tentando falar. Diziam “Blake”.

— Por que ela não tentou me contar

antes? — sussurrou Cassie numa voz entrecortada, mal tendo consciência de que falava em voz alta. — Por que esperar até estar morrendo? *Por quê?*

— Quem, sua avó? Ela não queria te chatear, eu acho — disse Faye. — Deve ter pensado que você ficaria transtornada... se soubesse. E talvez — Faye se inclinou para a frente — ela soubesse que isso a aproximaria dele. Você tem o sangue dele, Cassie. É filha dele.

Cassie balançava a cabeça, cega, nauseada.

— As outras senhoras... Elas também deviam saber! Meu Deus, todo mundo que o conheceu devia saber. E *ninguém* me contou. Por que não me contaram?

— Ah, pare de choramingar, Cassie. Sei que não te contaram porque tinham medo de sua reação. E eu devo dizer que me parece que tinham razão. Você está desmoronando.

A tia-avó Constance, Cassie pensava. *Ela* devia saber. Como pôde olhar na minha cara? Como aguentou hospedar minha mãe na casa dela?

E a Sra. Franklin *ia* dizer a ela,

percebeu Cassie de repente. Sim. Foi aquela cena de última hora na sala de visitas da tia Constance. A avó de Adam estava a ponto de contar, ia dizer algo a Cassie sobre o pai dela. A vovó Quincey e a tia Constance a impediram. Todas estavam numa conspiração de silêncio, para esconder a verdade de Cassie.

Provavelmente não os pais, pensou Cassie devagar, sentindo-se muito cansada. Eles nem deviam se lembrar. Eles se obrigaram a esquecer de tudo. Mas a tia Constance alertou o Círculo sobre mexer com antigas lembranças e

seu olhar caiu em Cassie quando ela fez isso.

— Pense bem, Cassie — dizia Faye, e essa voz rouca agora parecia razoável, e não vaidosa ou triunfante. — Ele só quer o melhor para você; sempre quis. Você nasceu como parte dos planos dele. Eu sei que você e eu tivemos nossos problemas no passado, mas John quer que a gente se entenda. Você não pode pelo menos tentar? Não pode, Cassie?

Lenta e dolorosamente, Cassie obrigou seus olhos a focalizarem. Faye estava ajoelhada diante dela. O rosto

bonito e sensual de Faye parecia meio iluminado de dentro. Ela falava sério, pensou Cassie. Era sincera. Talvez estivesse apaixonada por ele.

E talvez, refletiu Cassie às tontas, eu *devesse* pensar nisso. Tantas coisas mudaram desde que vim para New Salem — eu não sou a pessoa que era antigamente. A velha e tímida Cassie que nunca teve namorado e que nunca tinha nada a dizer se foi. Talvez esta fosse só outra mudança, outra fase da vida. Talvez eu esteja numa encruzilhada.

Ela olhou para Faye por um longo

tempo, procurando as profundezas daqueles olhos âmbar. Depois, lentamente, balançou a cabeça.

Não.

Só de pensar nisso, uma determinação gelada a inundou. Esta estrada que ela nunca iria percorrer, independente do que acontecesse. Ela jamais se tornaria o que Black John — o que seu *pai* — queria.

Sem dizer nada, sem olhar para trás, Cassie se levantou e se afastou de Faye.

Lá fora, ainda reinava o caos. Cassie olhou a entrada da escola e viu o sol fraco

de novembro brilhar numa cascata de cabelos claros. Foi até lá.

— Diana...

— Cassie, graças a Deus! Quando Nick nos contou que você estava sozinha na sala dele... — Os olhos de Diana se arregalaram. — Cassie, o que foi?

— Preciso te contar uma coisa. Em casa. Podemos ir agora? — Cassie segurava a mão de Diana.

Diana a olhou por mais um instante, depois se sacudiu.

— Sim. É claro. Mas Nick vai ficar procurando por você. Foi ele que teve a

ideia de que devíamos criar uma briga no primeiro andar, como uma distração; só pegar um bando de gente e começar a se empurrar. Todos os meninos participaram, além de Deborah e Laurel. Todos estão procurando por você.

Cassie não poderia encarar nenhum deles, em especial Nick. Depois que soubessem quem ela realmente era... Quem ele abraçara, quem ele beijara...

— Por favor, você não pode apenas dizer a eles que estou bem, mas que preciso ir para casa? — Suzan estava parada ali perto; Cassie apontou para ela

com a cabeça. — Suzan não pode contar a eles?

— Sim. Tudo bem. Suzan, diga a todos que levei Cassie para casa. Eles podem parar de brigar agora. — Diana levou Cassie colina abaixo até o estacionamento. Elas mal tinham chegado ao carro de Diana, porém, quando Adam apareceu, correndo.

— A briga está terminando... Eu vou com vocês — disse ele. Cassie queria argumentar, mas não tinha forças. Além disso, Diana podia precisar de Adam quando Cassie lhe contasse a história

toda.

Cassie fez que sim para Adam e ele entrou no carro sem discussões. Eles foram para a casa de Diana e subiram ao quarto.

— Agora nos conte o que houve antes que eu tenha um ataque cardíaco — disse Diana.

Mas não era assim tão fácil. Cassie foi até a janela, onde o sol batia nos prismas ali pendurados, e assim as fatias de arco-íris subiam e desciam, deslizando pelas paredes. Ela se virou para olhar as gravuras em preto e branco dos dois lados

da janela; a coleção de Diana de deusas gregas. Lá estava a orgulhosa Hera, majestosa com a cabeleira preta e os olhos caídos e indomados; lá estava Afrodite, deusa da beleza, com seu colomacio exposto; a feroz Ártemis, a virgem caçadora que não tem medo de nada. E ali, do outro lado, estavam Atena, a deusa de olhos cinza da sabedoria, e Perséfone, com seu frescor, delicada e cercada de flores. Por fim, em cores, havia a gravura de uma deusa mais velha do que a civilização grega, a grande deusa Diana, que governava a lua, as estrelas e a noite.

Diana, a Rainha das Bruxas.

— *Cassie!*

— Desculpe — sussurrou Cassie, e aos poucos se virou para Diana, que agora parecia passar mal com o suspense.

— Me desculpe — disse ela, mais alto. — Não sei como dizer isso. Mas agora sei por que nasci muito depois de todos vocês... Ou, na verdade, não, não é isso. — Ela refletiu por um instante. — Não porque nasci mais tarde. A não ser que ele soubesse, na época, que o covenantaria se livrar dele, e então achou que era melhor ter uma reserva... — Cassie

pensou mais um pouco e balançou a cabeça. Adam e Diana a olhavam como se ela tivesse enlouquecido. — Acho que não sei de tudo. Mas não sou meio forasteira, como pensávamos. Não foi por isso que ele veio atrás de mim; foi por um motivo inteiramente diferente. Achávamos que Kori e eu tínhamos estragado os planos dele... Ah, *meu Deus*. — Cassie parou, sentindo a dor como um caco de vidro penetrando-a. Seus olhos lacrimejaram. — Eu acho... Meu Deus, deve ser. Sei por que Kori morreu. Por *minha* causa. Se ela não tivesse morrido,

teria se unido ao coven em vez de mim e ele não queria isso. Não era *ela* que ele tinha planejado. Então ele teve de se livrar dela. — Outro espasmo de dor quase fez com que Cassie se dobrasse. Ela teve medo de vomitar.

— Sente-se — dizia Adam com urgência. Os dois a ajudaram a ir para a cama.

— Não... Vocês ainda não sabem. Talvez não queiram encostar em mim.

— Cassie, pelo amor de Deus, nos diga do que está falando. Não está fazendo sentido nenhum.

— Sim, está. Eu sou filha de Black John.

Nesse instante, se um deles tivesse soltado Cassie ou recuado, ela teria tentado saltar pela janela. Mas os olhos verde-claros de Diana só se arregalaram, as pupilas imensas e sem fundo. Os olhos de Adam ficaram prateados.

— A Faye me contou, e é verdade.

— Não é verdade — disse Adam ríspidamente.

— Não é verdade, e eu vou matá-la — disse Diana. Isto, partindo da gentil Diana, era surpreendente.

Os dois ainda abraçavam Cassie. Diana a segurava de um lado e Adam do outro, seguravam-se os dois, abraçando seu abraço. Cassie se mexeu, desvencilhando os três.

— É verdade — sussurrou Cassie, tentando se segurar. Ela agora precisava ficar calma; não podia perder o controle. — Isso explica tudo. Explica por que sonhei com ele... com ele e o barco que naufragava. Nós somos... ligados, de algum modo. Explica por que ele me persegue, como quando nós o invocamos no Halloween, e na noite passada, na

praia. Ele quer que eu me junte a ele. Faye está apaixonada por ele. Exatamente como a minha mãe foi.

Cassie tremeu. Adam e Diana continuavam abraçados a ela. Nenhum dos dois se encolheu quando ela os olhou no rosto.

— Isso explica a *minha mãe* — disse Cassie com a voz embargada. — Por que ele foi à nossa casa na noite em que voltou, quando o libertamos do túmulo. Ele foi vê-la... Por isso ela está assim agora. Ah, Diana, eu preciso ir até minha mãe.

— Daqui a pouco — disse Diana, a própria voz rouca de lágrimas reprimidas. — Daqui a pouco.

Cassie pensava. Não era de se surpreender que a mãe tivesse fugido de New Salem, não surpreendia que sempre houvesse um terror desesperado no fundo dos olhos da mãe. Como não ficar apavorada quando o homem que você amou acabou se mostrando ser algo saído de um pesadelo? Quando se tem de fugir com um bebê a um paradeiro que ninguém conhecesse?

Mas ela teve coragem para voltar e

trazer Cassie. E agora Cassie precisava ser corajosa.

Não há nada de assustador nas trevas, se você as enfrentar. Cassie não sabia como enfrentaria isto, mas tinha de fazer, de algum jeito.

— Agora estou bem — sussurrou ela.
— E quero ver minha mãe.

Diana e Adam telegrafavam pensamentos por cima da cabeça dela.

— Nós vamos com você — disse Diana. — Não vamos entrar no quarto, se não quiser, mas vamos te levar lá.

Cassie olhou para eles nos olhos de

Diana, agora escuros como esmeraldas, mas cheios de amor e compreensão; e nos de Adam, seu rosto calmo e equilibrado, de traços finos. Ela apertou a mão deles.

— Obrigada — disse. — Obrigada aos dois.

A tia-avó Constance atendeu à porta. Pareceu surpresa ao ver os três e ficou meio confusa, o que surpreendeu Cassie. Não achou que a tia de Melanie jamais ficasse confusa.

Mas enquanto Cassie ia para o quarto de hóspedes, a vovó Quincey e a velha

Sra. Franklin saíram de lá. Cassie olhou a frágil bisavó de Laurel e a roliça e desgrenhada avó de Adam, depois para a tia Constance.

— Nós estávamos... tentando uma ou outra coisinha para ajudar sua mãe — disse a tia Constance, parecendo pouco à vontade. Ela tossiu. — Remédios antigos — confessou. — Talvez façam algum bem. Estaremos na sala, se precisar de alguma coisa. — Fechou a porta.

Cassie se virou para olhar a figura deitada entre os lençóis brancos e engomados da tia Constance. Foi até lá e

se ajoelhou ao lado da cama.

O rosto da mãe estava pálido como os lençóis. Tudo nela era branco e preto: o rosto branco, cabelo preto, cílios pretos formando sombras crescentes nas faces. Cassie pegou sua mão fria e só então percebeu que não tinha a menor ideia do que ia dizer.

— Mãe? — disse ela, e depois: — Mãe? Está me ouvindo?

Nenhuma resposta. Nem um movimento.

— Mãe — disse Cassie com dificuldade —, sei que está doente e sei

que está com medo, mas há uma coisa que não precisa mais temer. Eu sei da verdade. Sei sobre meu pai.

Cassie esperou e pensou ter visto os lençóis sobre o peito da mãe subirem e descerem um pouco mais rápido.

— Eu sei de tudo — disse ela. — E... se estiver com medo de eu ficar chateada ou coisa assim, não precisa. Eu entendo. Vi o que ele faz com as pessoas. Vi o que ele fez com Faye, e ela é mais forte do que você. — Cassie segurava a mão fria com tanta força que teve medo de machucar. Ela parou e engoliu em seco.

— De qualquer modo, eu queria te contar que sei. E tudo vai acabar logo, vou cuidar para que ele não machuque você de novo. Vou impedi-lo de alguma maneira. Não sei como, mas vou. Eu prometo, mãe.

Ela se levantou, ainda segurando a mão flácida e macia e sussurrou:

— Se estiver com medo, mãe, pode voltar agora. É mais fácil do que fugir; é sério. Se enfrentar as coisas, verá que não são tão ruins.

Cassie esperou de novo. Não se via com esperanças de alguma coisa, mas

devia ter, porque os segundos passavam, nada acontecia e seu coração afundou em decepção. Só um pequeno sinal, não era pedir muito, era? Mas não houve sinal nenhum. Pelo que parecia a centésima vez naquele dia, os olhos de Cassie se encheram de carinho.

— Tudo bem, mãe — sussurrou ela, curvando-se para lhe dar um beijo no rosto.

Ao fazer isso, ela percebeu um fino cordão feito de algum tipo de fibra preso ao pescoço da mãe. Ela puxou, e da gola da camisola surgiram três pedrinhas

marrons douradas presas no cordão.

Cassie colocou o colar de volta, esperou mais um segundo, depois saiu.

Vou conseguir enfrentar isso se minha mãe morrer como minha avó?, perguntou-se ela ao fechar a porta do quarto. Cassie pensava que não, mas começava a perceber que talvez fosse preciso.

Na sala, Adam e Diana tomavam chá com as mulheres.

— Quem colocou os cristais no pescoço de minha mãe? E o que são eles?

As velhas se olharam. Foi a tia-avó

Constance quem respondeu.

— Fui eu — disse ela. Ela deu um pigarro. — São olhos de tigre. Para afastar os pesadelos... Ou era o que minha avó sempre dizia.

Cassie abriu um leve sorriso para ela.

— Ah. Obrigada. — Talvez a afinidade de Melanie com os minerais seja de família. Ela não se incomodou em contar à tia Constance o que Black John podia fazer com essas pedras, se tentasse.

— Os pesadelos são um transtorno — disse a velha Sra. Franklin enquanto Adam e Diana se levantavam para sair.

— É claro que os sonhos bons são coisa bem diferente.

Cassie olhou a avó de Adam, cujo cabelo grisalho desarrumado se soltava enquanto ela mastigava feliz um biscoito atrás do outro. Cassie nunca vira ninguém que gostasse tanto de comer, a não ser Suzan. Mas havia mais na Sra. Franklin do que se pensava à primeira vista.

— Sonhos? — disse Cassie.

— Os sonhos bons — concordou vagamente a avó de Adam. — Para sonhos bons, você dorme com uma pedra

da lua.

Cassie pensou nisso em todo o caminho para casa.

Ela e Diana jantaram em silêncio, só as duas, pois o pai de Diana ainda estava no escritório de advocacia. Adam foi conversar com o resto do Círculo.

— Não posso contar a eles — dissera Cassie. — Não esta noite... Talvez amanhã.

— Não há motivo para que você conte — respondeu Adam, com a voz quase áspera. — Você já passou por coisa demais. *Eu* vou contar... e farei com que

compreendam. Não se preocupe, Cassie. Eles vão apoiar você.

Cassie não podia deixar de se preocupar. Mas deixou a questão de lado, porque tinha mais no que pensar. Havia feito uma promessa à mãe.

Ela se deitou na cama, lendo o Livro das Sombras da avó. O Livro das Sombras *dela*. Procurava alguma coisa sobre cristais e sonhos.

E lá estava: *Para Induzir Sonhos. Coloque uma selenita embaixo do travesseiro e por toda a noite terá sonhos nítidos e agradáveis que lhe podem ser proveitosos.*

Ela também achou uma passagem sobre cristais em geral. Os cristais grandes eram melhores do que os pequenos; bem, ela já sabia disso. Melanie também dissera o mesmo e Black John demonstrou isso hoje inquestionavelmente.

Ela baixou o livro e foi até a mesa de Diana.

Havia uma bolsa branca de veludo ali, forrada de seda azul-clara. Diana há muito tempo dera permissão a Cassie para abri-la. Cassie levou a bolsa para a cama e despejou seu conteúdo na parte dobrada da colcha. As pedras formavam

um caleidoscópio contra o fundo branco.

Ágata laço azul — Cassie pegou a pedra triangular e passou sua superfície lisa no rosto. Ela viu citrino amarelado — a pedra de Deborah, boa para aumentar a energia. E aqui estava a cornalina laranja, que Suzan uma vez usou para aumentar as paixões de todo o time de futebol. Aqui estava o jade verde transparente, que Melanie usou para acalmar o pensamento, e a ametista roxa real — a pedra de Laurel, uma pedra do coração, dissera Black John. Havia dezenas de outras: âmbar, leve como

plástico; jaspe-de-sangue verde-escuro pontilhado de vermelho; uma granada cor de vinho; o peridoto verde-claro que Diana usava para rastrear a energia maligna.

Os dedos de Cassie separaram o tesouro tilintante até que ela achou uma pedra da lua. Era transparente, com um brilho azul prateado. Ela colocou na mesa de cabeceira de seu lado da cama.

Diana entrou, renovada do banho, e viu Cassie guardar as pedras na bolsa.

— Achou alguma coisa no seu Livro das Sombras? — perguntou.

— Nada de específico — disse Cassie. Ela não queria explicar o que estava fazendo, nem a Diana. Mais tarde, se desse certo. — Estou começando a achar que minha avó não quis dizer que houvesse nada de específico sobre Black John no livro — acrescentou ela. — Talvez ela só quisesse que eu fosse uma boa bruxa, uma bruxa *inteligente*. Talvez ela pensasse que assim eu seria esperta o bastante para derrotá-lo.

Diana deitou na cama e apagou a luz. Não havia lua; a janela continuou escura. Era tranquilo, de algum modo, com as

duas deitadas na cama — como uma festinha de pijama. Fez Cassie pensar nos velhos tempos, quando ela e Diana decidiram ser irmãs adotivas.

— Precisamos achar um jeito de matá-lo — disse ela.

Uma festinha de pijama com um propósito macabro e sangrento. Diana ficou em silêncio por um momento e falou calmamente.

— Bem, sabemos duas coisas que *não podem* matá-lo... Água ou fogo. Ele se afogou da primeira vez, quando o barco afundou, e queimou da segunda, quando

nossos pais atearam fogo na casa de número 13. Mas ele não continuou morto em nenhuma das ocasiões.

Cassie gostou dos “nossos pais”. A mãe *dela* não tentou queimar ninguém, ela apostava nisso.

— Ele disse que seu espírito não precisa ficar no corpo — disse ela. — Acho que ele pode ir a diferentes lugares. Talvez, quando morreu, ele só tenha mandado o espírito para outro lugar.

— Como para o crânio de cristal — disse Diana. — E pode ter ficado ali até que o trouxemos para seu corpo. Sim.

Mas o que podemos *usar* contra ele?

— Terra... ou Ar — refletiu Cassie.

— Mas não vejo como o Ar pode matar alguém.

— Nem eu. A Terra pode significar os cristais... Mas não temos um cristal tão grande para usar contra ele.

— Não — disse Cassie. — Parece que são as Chaves Mestras ou nada. Temos de encontrá-las.

Ela podia sentir Diana assentindo no escuro.

— Mas como?

Cassie estendeu a mão e tateou a

pedra da lua. Colocou debaixo do travesseiro.

Talvez não fosse o tamanho, mas como usá-los, pensou ela.

— Boa noite, Diana — disse ela, e fechou os olhos.

Desde o início, este sonho era mais nítido do que os outros. Ou talvez fosse Cassie que estivesse mais lúcida; mais calma, mais consciente do que acontecia. A água salgada batia em seu rosto; ela engoliu um pouco. Estava tão frio que ela não sentia as mãos e os pés.

Descendo. Ela ia se afogar... mas não morrer. Com o que restava de sua força de vontade, enviou seu espírito para o lugar preparado para ele... Para o crânio na ilha. Parte de seu poder já fora deixado no crânio; agora ela mesma se uniria a ele. E um dia, quando chegasse a hora certa, quando o suficiente de seu corpo se difundisse pelo mar e banhasse a ilha, ela viveria novamente.

Sonhos bons, eu queria sonhos bons, pensou Cassie freneticamente enquanto a água se fechava sobre sua cabeça.

Uma mudança...

O sol a ofuscou.

“Você e Kate podem ir brincar no jardim”, disse a voz aguda.

Sim. Ela conseguiu. Estava ali.

O jardim ficava nos fundos. Cassie se virou para a porta de trás.

“Jacinth! O que você esqueceu?”

Cassie parou, confusa. Não tinha ideia. A mulher alta de vestido recatado olhava o chão. Ali, nas tábuas de pinho limpas, estava o Livro das Sombras de capa de couro vermelho. Cassie agora se lembrava; tinha caído de seu colo quando ela se levantou.

“Desculpe, mãe.” As palavras saíram com tanta naturalidade de seus lábios. E seus olhos estavam adaptados — mas ela não conseguia saber onde o livro deveria estar. Em um lugar especial... Onde? Depois viu o tijolo solto da lareira.

“Muito melhor”, disse a mulher alta, enquanto Cassie colocava o livro pelo buraco e o fechava com o tijolo. “Lembre-se sempre, Jacinth: cuidado nunca é demais. Nem mesmo aqui em New Salem, onde todos os nossos vizinhos são de nossa espécie. Agora vá para o jardim.”

Kate já saía pela porta. Na luz do sol, Cassie percebeu que o cabelo de Kate era da cor do de Diana: não um dourado verdadeiro, mas de um tom mais claro, como pura luz. Os olhos de Kate também eram dourados, como o sol. Ela era uma menina inteiramente dourada.

“Céu e Mar, do mal me protejam”, ela riu, girando, examinando os arbustos de ervas medicinais e o trecho azul de mar depois do penhasco. Não havia muro nesta época — ainda não fora construído. Depois ela disparou para pegar alguma coisa.

“Sinta o cheiro desta lavanda!”, disse ela, estendendo um ramo a Cassie. “Não é doce?”

Mas Cassie permanecia perto da porta aberta. Outras duas pessoas entraram na cozinha; a mãe e o pai de Kate, ela deduziu. Eles falavam num tom baixo e urgente.

“... a notícia acabou de chegar. O barco afundou”, dizia o homem.

Houve uma exclamação de alegria e surpresa da mãe de Jacinth. “Então ele está morto!”

O homem fez que não com a cabeça,

mas Cassie não ouviu o que disse em seguida. Teve medo de ser apanhada escutando e ser mandada embora. “... o crânio...”, ela ouviu, e “... nunca se sabe... voltar...”

“E esse jasmim”, cantarolava Kate. “Não é maravilhoso?” Cassie queria dizer a ela para calar a boca.

Depois ela ouviu palavras que arrepiaram os pelos de seu braço, mesmo no sol quente. “... escondê-las”, dizia a mãe de Kate, “mas onde?”

Aí estava. Onde, *onde*? Se este sonho tinha algum significado, era dizer isso a

Cassie. Kate tentava colocar um braço em sua cintura, para fazê-la cheirar o jasmim, mas Cassie segurou sua mão, manteve-a parada e se esforçou para ouvir.

Os adultos discutiam em voz baixa; exclamações de preocupação e discordância chegaram aos ouvidos de Cassie. “Não podemos...?” “Não, ali não...” “Onde, então” “Ah, misericórdia, meu pão está queimando!”

E depois um leve riso. “É claro! Devíamos ter pensado nisso antes.”

Onde? Desvencilhando-se de Kate, Cassie girou para tentar ver a cozinha.

“Jacinth, qual é o seu problema?”, exclamou Kate. “Não está ouvindo uma palavra do que estou dizendo. Jacinth, olhe para mim!”

Desesperadamente, Cassie olhou a cozinha escura. Estava escura demais. O sonho estava desaparecendo.

Não. Ela precisava ficar nele. Tinha de ver o final. Vovó, me ajude, pensou ela. Me ajude a ver...

“Jacinth!”

Cada vez mais escuro...

Saias compridas farfalhando, saindo do caminho. E só um vislumbre...

“O antigo esconderijo”, dizia a mãe de Jacinth num tom satisfeito. “Até que sejam necessárias de novo.”

A escuridão caiu sobre Cassie.

Ela acordou confusa.

No começo, não conseguia se lembrar do que esteve procurando no sonho. Lembrava-se dele, porém. Quem era Jacinth? Uma ancestral? Uma de suas tataravós, ela supôs. E Kate?

Depois ela se lembrou de seu propósito.

As Chaves Mestras. Os membros do

primeiro coven esconderam de Black John, porque sabiam que ele podia voltar. Cassie entrou no sonho para descobrir onde, e conseguira.

Ela se perguntou por que Black John tinha ido atrás da avó na noite em que foi libertado. Não só por causa do Livro das Sombras, percebia ela agora; não só porque ele conhecia a sua mãe e a avó. Ele queria outra coisa da avó de Cassie. Queria as Chaves Mestras.

Mas a avó não sabia onde estavam. Cassie tinha certeza de que, se soubesse, a velha teria contado a *Cassie*. E sua avó

sabia que foi a avó dela, a trisavó de Cassie, que lhe contou que a lareira era um bom lugar para esconder coisas. E agora, graças ao sonho, Cassie sabia que o tijolo solto já tinha sido um esconderijo nos tempos de Jacinth.

Mas só havia um tijolo solto e nada além do Livro das Sombras estava guardado atrás dele. Cassie sabia disso, e também que o coven original procurara por uma solução de longo prazo, um lugar para colocar as Chaves Mestras “até que fossem necessárias” para uma geração futura. Não apenas um tijolo solto, então.

Cassie pensou no vislumbre da lareira que teve entre as saias da mulher no último segundo do sonho. A lareira tinha um formato diferente dos tempos de hoje.

Cassie ficou deitada por uns momentos, na escuridão aveludada. Depois rolou na cama e sacudiu gentilmente o ombro de Diana.

— Diana, acorde. Eu sei onde estão as Chaves Mestras.

Elas acordaram Adam jogando pedrinhas na janela dele. Os três foram ao número 12 armados de uma picareta, uma

marreta, vários martelos comuns e chaves de fenda, um pé de cabra e Raj. O pastor-alemão trotava feliz ao lado de Cassie, como se esse tipo de expedição na madrugada fosse exatamente do que ele gostava.

A lua minguante estava alta no céu quando eles entraram na casa da avó de Cassie. Em seu interior, parecia ainda mais fria do que do lado de fora e havia uma quietude no lugar que refreou o entusiasmo de Cassie.

— Ali — sussurrou ela, apontando para o lado esquerdo da lareira, onde os

tijolos foram acrescentados desde a época de seu sonho. — É ali que está diferente. Onde eles devem ter coberto tudo de tijolos.

— Que pena que não temos uma britadeira — disse Adam animadamente, pegando o pé de cabra. Ele não se deixava perturbar pelo frio e pelo silêncio, e na luz artificial e enjoativa da cozinha seu cabelo cintilava com a cor das granadas da bolsa de Diana. Raj se sentou ao lado de Cassie, raspando o rabo preto e caramelo pelo chão da cozinha. Olhar os dois fazia com que Cassie se

sentisse melhor.

Levou muito tempo. Cassie ralou os nós dos dedos ajudando a desfazer o antigo reboco, usando uma chave de fenda como cinzel. Mas por fim os tijolos começaram a cair sobre as cinzas frias da lareira, enquanto um após outro era arrancado. Cada um tinha uma cor diferente; alguns vermelhos, outros laranja, outros ainda de um tom quase roxo-escuro.

— Sem dúvida nenhuma tem alguma coisa aqui — disse Adam, estendendo a mão pelo buraco que fizera. — Mas

vamos ter de nos livrar de mais alguns tijolos para tirar... Pronto! — Ele recolocou a mão no buraco, depois olhou para Cassie. — Por que não faz as honras? Está tudo bem, não tem nada vivo aí dentro.

Cassie, que não queria encontrar uma barata de 300 anos, fez que sim para ele, agradecida. Colocou a mão, que se fechou em algo macio e frio. Era tão pesado que precisou das duas mãos para erguê-lo.

— Uma caixa de documentos — sussurrou Diana quando Cassie colocou o

objeto no chão na frente da lareira. Parecia uma arca do tesouro para Cassie, uma pequena arca do tesouro feita de couro e bronze. — As pessoas as usavam para guardar documentos importantes nos anos 1600 — continuou Diana. — Pegamos os papéis de Black John e outras coisas dele em uma parecida. Ande, Cassie, abra.

Cassie olhou para Diana, depois para Adam, apoiado em sua ferramenta, o rosto decorado de cinzas. Seus dedos tremiam enquanto ela abria a caixa.

E se ela estivesse enganada? E se não

fossem as Chaves Mestras ali, mas só uns documentos antigos? E se...

Dentro da caixa, parecendo novos e intocados, como se tivessem sido enterradas na véspera, havia um diadema, um bracelete e uma liga.

— Ah — suspirou Diana.

Cassie sabia que o diadema que o Círculo sempre usava era de prata. Este na caixa também era de prata, mas parecia mais liso, de algum modo; mais pesado e valioso, com um brilho mais intenso. O diadema e o bracelete pareciam *artesanais*; não havia nada

industrial neles. Cada inscrição no bracelete, cada arabesco complexo do aro do diadema mostrava a mão de um artista. O couro da liga era macio e, em vez de uma fivela de prata, havia sete. Pesava na mão de Cassie.

Sem dizer nada, Diana estendeu um dedo para acompanhar o crescente lunar no diadema.

— As Chaves Mestras — disse Adam em voz baixa. — Depois de tanta procura, elas estavam bem debaixo de nosso nariz.

— Tanto poder — sussurrou Diana.

— Estou surpresa que ficassem aqui tão tranquilamente. Pensei que provocariam alguma perturbação psíquica... — Ela se interrompeu e olhou para Cassie. — Você não mencionou alguma coisa sobre a dificuldade de dormir aqui?

— Estalos e rangidos a noite toda — disse Cassie, depois olhou nos olhos de Diana. — Ah. Quer dizer... Você acha...

— Não acho que seja a casa se acomodando — disse Diana rapidamente. — Chaves com este poder podem fazer todo tipo de coisas estranhas.

Cassie fechou os olhos, revoltada consigo mesma.

— Como eu pude ser tão idiota? Era tão simples. Eu devia ter imaginado...

— Tudo sempre é simples quando se pensa depois — disse Adam de forma seca. — *Ninguém* adivinhou onde estavam as Chaves, nem mesmo Black John. O que me lembra de uma coisa: acho que é melhor não contar nada a Faye sobre isso.

As duas meninas olharam para ele, depois Diana concordou lentamente.

— Ela contou a Black John sobre a

ametista. Acho que você tem razão; não dá para confiar nela.

— Acho que não devemos contar a *ninguém* — disse Cassie. — Ainda não, pelo menos. Até decidirmos o que vamos fazer com elas. Quanto menos gente souber disso, mais seguros ficaremos.

— É verdade — disse Adam. Ele começou a recolocar os tijolos na lareira. — Se deixarmos tudo mais ou menos normal e acharmos um bom lugar para esconder a caixa antes de amanhecer, ninguém vai saber que as achamos.

— Tome. — Cassie devolveu a liga

para dentro da arca e colocou-a nas mãos de Diana. — A Faye tem outras; estas são suas.

— Elas pertencem à líder do coven...

— A líder do coven é uma imbecil — disse Cassie. — Estas são *suas*, Diana. Eu as achei e é o que eu digo.

Adam virou-se dos tijolos e os três se olharam à luz da cozinha fria e silenciosa. Todos estavam com sede; até as lindas maçãs do rosto de Diana tinham manchas de cinza. Cassie ainda estava dolorida e exausta do que foi o mais longo e mais terrível dos dias de sua vida.

Mas no momento sentia um calor humano e uma proximidade que eliminavam a dor e a fadiga. Eles estavam... ligados, os três. Faziam parte um do outro. E esta noite venceram. Eles triunfaram.

Se Diana não nos tivesse perdoado, onde estaríamos?, perguntou-se Cassie, ao olhar a lareira de novo.

Que bom que é você que o tem; eu fico muito feliz com isso. Olhando para cima, ela viu que Diana tinha lágrimas nos olhos, quase como se soubesse o que Cassie pensava.

— Muito bem. Vou aceitar, por enquanto... até que chegue a hora de usá-las — disse Diana.

— Terminamos aqui — disse Adam. Eles juntaram as Chaves e saíram da casa.

Foi quando voltavam de carro à casa de Adam que viram a silhueta ao lado da rua.

— Black John — sibilou Cassie, enrijecendo.

— Acho que não — disse Adam, parando o carro. — Baixo demais. Na verdade, acho que é o Sean.

Era Sean. Estava de jeans, camiseta de pijama e parecia muito sonolento.

— O que está havendo? — disse ele, os olhinhos pretos disparando sob as pálpebras pesadas. — Vi uma luz na casa de Cassie, depois vi um carro saindo da entrada... Pensei que vocês eram Black John.

— Foi coragem sua sair sozinho — disse Cassie, lembrando-se de seu juramento de ser mais gentil com Sean e tentando se livrar de certa inquietação. Diana e Adam se consultavam com os olhos e Sean olhava dos rostos sujos dos

três para as ferramentas no piso do jipe, e para o volume por baixo da jaqueta de Adam.

— Acho melhor contarmos a ele — disse Diana. Cassie hesitou, já que todos concordaram em não contar a ninguém, mas, ao que parecia, não havia alternativa. Ela concordou devagar, com relutância.

Então Sean subiu na traseira e jurou guardar segredo. Ficou animado com as Chaves Mestras, mas Adam não deixou que ele tocasse nelas.

— Vamos achar um lugar onde

esconder agora — disse Adam. — É melhor você voltar para a cama; vemos você amanhã.

— Tudo bem. — Sean saiu do carro. Começou a fechar a porta, depois parou, olhando para Cassie. — Ah, olha... Sabe aquela história de Black John ser seu pai? Bem, hum, eu só queria dizer... por mim, está tudo bem. Quer dizer, você devia ver o *meu* pai. É só isso. — Ele bateu a porta e correu dali.

Cassie sentiu a garganta inchar, as lágrimas ardendo por trás dos olhos. Esquecera-se sobre Adam ter contado a

todos; ela teria de encarar o resto do Círculo de manhã. Mas por ora Sean a fez se sentir feliz e envergonhada.

Eu *realmente* tenho de ser mais gentil com ele no futuro, pensou ela.

Eles esconderam as Chaves no porão de Adam.

— Se não as usarmos, ninguém vai saber onde estão — disse Diana. — Foi o que Melanie e eu concluímos. Mas elas são perigosas, Adam. É arriscado ficar com elas. — Ela olhou seriamente para ele.

— Então alguém, além de vocês duas,

tem de assumir o risco — disse ele com gentileza. — Pelo menos uma vez.

Cassie foi dormir pela segunda vez naquela noite, cansada mas vitoriosa. Colocou a pedra da lua de volta à cômoda; já teve sonhos suficientes por enquanto. Ela se perguntou se um dia veria Kate de novo.

— Não ligo se o pai dela é Adolph Hitler. — A voz de Deborah, nunca baixa, soava com clareza do primeiro andar. Cassie estava junto à porta do quarto de Diana, parada na soleira. — O

que isso tem a ver com *Cassie*?

— A gente sabe, Deborah, mas não dá para falar mais baixo? — Essa era Melanie, uma voz muito mais modulada, mas audível.

— Por que não subimos e pegamos a garota? — disse Doug com sensatez e Chris acrescentou: — Acho que ela nunca vai descer.

— Ela deve estar morta de medo de todos vocês. — Laurel os repreendeu, parecendo uma mamãe bicho com um bando de filhotes desobedientes nas mãos. — Suzan, esses muffins são para

ela.

— Tem certeza de que são de aveia?
Têm gosto de terra — disse Suzan
calmamente.

— Uma hora dessas você vai precisar
descer — disse Diana de trás de Cassie.

Cassie fez que sim, pousando a testa
brevemente na parede fria perto da porta.
A única voz que ainda não ouvira
pertencia ao que mais lhe preocupava —
Nick. Ela endireitou os ombros, pegou a
mochila e obrigou suas pernas a se
mexerem. Agora sei como é andar para a
frente de um pelotão de fuzilamento,

pensou ela.

Todo o Círculo — menos Faye — estava ao pé da escada, olhando para cima, na expectativa. De repente Cassie se sentiu mais uma noiva descendo a escada do que uma prisioneira. Ficou feliz por estar usando um jeans limpo e um suéter de cashmere que Diana lhe emprestara, tingido em suaves tons de azul e violeta.

— Oi, Cassie — disse Chris. — Então fiquei sabendo... Aiiiiii! — Ele cambaleou de lado com o chute de Laurel.

— Tome, Cassie — disse Laurel com doçura. — Pegue um muffin.

— Não — cochichou Suzan no ouvido de Cassie.

— Colhi isto para você — disse Doug, estendendo uma folhagem murcha para ela. Ele olhou o buquê, em dúvida. — Acho que são margaridas. Estavam melhor antes de morrer.

— Quer uma carona de moto para a escola? — disse Deborah.

— Não, ela não quer carona de moto para a escola. Ela vai comigo. — Nick, que estava sentado no banco de madeira

do corredor, se levantou.

Cassie teve medo de encará-lo, mas agora não podia evitar. Ele parecia frio e imperturbável, como sempre, mas no fundo de seus olhos cor de mogno havia um calor que era só para ela. Ao pegar a mochila de Cassie, os dedos fortes e habilidosos de Nick apertaram sua mão, uma vez.

Foi quando ela entendeu que tudo ficaria bem.

Cassie olhou o Clube.

— Vocês todos... Não sei o que dizer.

Obrigada. — Ela olhou para Adam, que

os fez entender. — Obrigada.

Ele deu de ombros, e só alguém que o conhecesse bem teria percebido a dor nos cantos de seu sorriso. Seus olhos eram escuros como nuvens de tempestade graças a alguma emoção reprimida.

— Quando precisar — disse ele, enquanto Nick a conduzia para a porta.

No caminho, Cassie olhou para Doug.

— O que houve com seu *rosto*?

— Ele sempre foi feio assim — garantiu Chris.

— Foi a briga — disse Doug, tocando

o olho roxo com certo orgulho. — Mas você devia ver os outros cinquenta caras — gritou ele atrás dela.

— Estamos todos encrencados por causa da briga? — perguntou Cassie a Nick, do lado de fora da casa.

— Não... Não sabem quem começou. Teriam de castigar a escola toda.

O que, pelo que se viu, foi o que o diretor fez. O jogo de futebol do Dia de Ação de Graças foi cancelado e havia muito mal-estar entre os alunos. Cassie rezava para que ninguém descobrisse para onde

deviam dirigir esse mal-estar.

— Podemos manter as coisas calmas até o feriado de Ação de Graças, na semana que vem? — perguntou Diana no almoço. Cassie e Adam eram os únicos que sabiam exatamente por que ela queria que as coisas ficassem assim, desse modo eles teriam tempo de decidir como usar melhor as Chaves Mestras, mas os outros concordaram em tentar. Por ora ninguém, a não ser Doug e Deborah, estava realmente interessado em outras brigas.

— Mas acho... Acho que ele vai nos

perseguir assim mesmo. Ele pode mandar os monitores nos pegarem sem motivo nenhum — disse Cassie a Diana depois.

Não aconteceu. Uma estranha paz, uma espécie de tranquilidade bizarra, envolveu a New Salem High. Como se todos aguardassem, mas ninguém soubesse pelo quê.

— Não vá sozinha — disse Diana. — Espere um pouquinho que vou com você.

— Eu sei exatamente onde o livro está — disse Cassie. — Não vou demorar mais de um minuto na casa. — Ela queria

emprestar *A Morte de Artur* a Diana há muito tempo. Era um de seus livros preferidos e a avó tinha um lindo exemplar de 1906. — Posso pegar um pouco de sálvia para o recheio quando eu estiver lá — disse ela.

— Não, não pegue. Não faça mais nada; só volte o mais rápido que puder — disse Diana, tirando uma mecha de cabelo da testa com as costas da mão engordurada. Elas estavam cansadas mas estavam fazendo algo interessante, tentando rechear um peru de Ação de Graças.

— Tudo bem. — Cassie foi de carro até o número 12. Estavam atrasadas com o peru; o sol baixava no céu.

Só entrar e sair, disse Cassie a si mesma enquanto corria pela porta. Ela achou o livro numa prateleira da biblioteca e o meteu debaixo do braço. Não estava realmente receosa — a última semana foi muito serena. O Círculo comemorou o aniversário de Suzan tranquilamente dois dias antes, no dia 24.

Está vendo, eu te disse, pensou ela para Diana ao sair da casa. Não há motivo para se preocu...

Ela viu o carro, o BMW cinza, ao lado do antigo Golf branco da avó. Naquela fração de segundo, ela já ia agir, saltando de volta pela porta, mas não teve essa chance. A mão rude cobriu sua boca e ela foi arrastada para fora.

— Saia daqui antes que um deles nos veja — disse a voz, tensa. Cassie podia sentir o cheiro acre de suor.

Jordan, ela pensava. O cara da arma. Aquele do Clube de Tiro. O outro era Logan, da equipe de debates do MIT, e era mais novo do que Jordan — ou seria

mais velho? Cassie nunca soube identificar direito os irmãos de Portia, mesmo quando ela contava sobre eles, em Cape Cod.

Seus pensamentos operavam com muita calma e clareza.

Eles a levaram de carro para fora de New Salem, para o continente, mantendo-a achatada no chão da parte de trás o tempo todo. Jordan ficou com os pés em sua nuca. Como se eu fosse uma bandida perigosa ou coisa assim, pensou Cassie. Meu *Deus*. O que eles acham que vou fazer, transformá-los em sapos?

O outro par de pés que pousava nela era de mulher. Portia, imaginou Cassie. Não, Sally. Portia era aristocrática demais para pisotear as pernas de alguém.

Cassie ouviu o impacto dos pneus atravessando a ponte para o continente. Depois disso houve várias curvas, em seguida um longo percurso por uma estrada esburacada. Quando finalmente pararam, o silêncio era intenso.

Eles estavam no meio de um bosque. Bétulas, faias e carvalhos, as árvores nativas de Massachusetts, cresciam densos por toda a volta. Eles deixaram

Cassie sair do carro, depois os meninos a fizeram andar para o bosque. Cassie ouvia os passos leves das meninas atrás. Pareceu uma longa caminhada, cada vez mais distante da estrada e de qualquer coisa parecida com a civilização. Quando caiu a noite, eles chegaram a uma clareira.

Alguém já estivera ali. A lanterna de Logan mostrou uma cova de fogueira e cordas pendiam de uma árvore. Portia e Sally — Cassie tinha razão, *era* Sally — acenderam uma fogueira, enquanto os meninos amarravam Cassie à árvore.

Usaram muito mais corda do que Cassie achava necessário.

E ela não gostava do jeito daquela fogueira.

— Por que estão fazendo isso? — perguntou ela a Logan enquanto ele recuava depois de amarrá-la. Quando ela conseguiu ver os rostos, pôde distinguir Logan de Jordan — Jordan era o dos olhos de tubarão.

— Porque você é uma bruxa — disse Logan ríspidamente.

— Esse é o *motivo*?

Portia avançou.

— Você mentiu — disse ela num tom de acusação. — Sobre o menino na praia, sobre tudo. O tempo todo, você mesma era uma bruxa.

— Na época não era — disse Cassie, tentando manter a voz tranquila. — Agora sou.

— Então você admite. Bem, vamos fazer agora o que devíamos ter feito na época.

O pulso firme do medo comprimiu o estômago de Cassie e ela olhou a fogueira de novo. Jordan colocava alguma coisa nela, algo comprido, de metal.

Estou encrencada, Cassie percebeu. Estou muito, mas muito encrencada.

Ela precisava de ajuda. Sabia disso, e sabia que só havia um jeito de apelar. Sua única arma era seu poder.

Muito bem, disse Cassie a si mesma; faça o que fez para chamar Sean. Prepare-se, fique calma... *Agora.*

Adam, ela tentou chamá-lo com a mente. *Adam, é Cassie. Estou com problemas.* Ela queria ter a calcedônia rosa enquanto invocava; Adam tinha dito que isso a ajudaria a entrar em contato com ele. Mas a calcedônia rosa era de Diana.

Não pense nisso agora. Pense em Adam. Você precisa conseguir que Adam a escute.

Adam, ela chamou de novo, colocando toda sua força nisso. Estranho que a capacidade de empurrar com a mente, de fazer o que fez para enviar o poder, não parecesse se deteriorar com o uso. Ao contrário, era como um músculo, fortalecendo-se com o exercício. *Adam*, ela chamou de novo, mantendo a mensagem simples e clara. *É Cassie. Preciso de ajuda.*

Ele virá, disse ela a si mesma. Ele vai

encontrar esse lugar de alguma maneira; ele virá se eu ficar calma e esperar. Era a ideia do que podia acontecer *antes* de Adam chegar que gelava o sangue em suas veias.

Então ali estava ela, presa no meio do nada com quatro caçadores de bruxas. E o silêncio lhe dava nos nervos.

— O mínimo que vocês podem fazer — disse ela lentamente, falando com Logan e Sally, porque não achava que Jordan ou Portia responderiam —, é se explicar. Vocês me trouxeram aqui e o mínimo que podem fazer é me dizer por

que odeiam tanto as bruxas. Porque eu não entendo.

— Você é maluca? — disse Logan, como se devesse ser óbvio. Depois, enquanto ela continuava a encará-lo, ele simplesmente disse: — Porque vocês são maus.

— Logan... — Cassie procurou o rosto dele na luz do fogo. — Nós somos iguais a vocês. Temos mais... contato com a natureza, e só isso. Nós a estudamos e a celebramos, e às vezes conseguimos que ela faça coisas por nós. Mas não somos maus. Olhe — disse ela, enquanto Logan

se virava —, temos nossos defeitos como qualquer pessoa, mas basicamente tentamos ser *bons*.

— E Faye Chamberlain? — rebateu Sally, juntando-se à conversa de repente. — Ela é boa?

— Existe bondade em Faye — disse Cassie, ainda mais devagar. — Diana me disse isso uma vez, e é verdade. Faye só precisa descobrir. Mas de qualquer forma, não pode julgar a todos nós só por uma pessoa.

— E o que eles fizeram com a escola toda durante anos? Chama isso de

bondade? Eles trataram todos como escravos!

— Isso foi errado, eu admito — disse Cassie. — Mas *Diana* não fez isso... Se as pessoas a tratavam como uma princesa, não era culpa dela. Era Faye que tratava as pessoas como escravas. Alguns a seguiam porque não *pensaram* sobre a coisa. E o que quer que tenham feito, essa não é a forma de resolver a questão!

— O Sr. Brunswick vai resolver — disse Portia ríspidamente.

— O Sr. Brunswick é um assassino! Ele *não* é amigo de vocês, Portia. E foi

ele que matou Kori Henderson, irmã de Chris e Doug. Ele a matou porque ela não se encaixava nos planos dele. E ele matou o Sr. Fogle, o antigo diretor, porque queria tomar seu lugar. E — disse Cassie — ele matou Jeffrey, Sally! *Sim*. Ele fez isso por maldade, pelo que sei... Ou para fazer com que bruxas e forasteiros se dividissem. Ele quer que a gente se odeie.

— Isso é ridículo — disse Logan. — Por que ele ia querer isso?

— Porque — disse Cassie, fechando os olhos, sabendo que provavelmente

seria inútil — ele é um bruxo. Do tipo mau. O único inteiramente mau que já conheci. E acho que ele quer nos eliminar. Ou talvez só queira nos levar para outro lugar e eliminar as pessoas *lá*. Não *sei* o que ele quer — disse ela abrindo os olhos —, mas seja o que for, não é bom. Não é algo que vá deixar vocês felizes.

— Ah, deixa essa porcaria pra lá. Vamos começar — disse Jordan.

— Não, espere, quero esclarecer melhor isso. — Sally se colocou na frente de Cassie, olho no olho. — Você disse

que Brunswick matou Jeffrey... Mas ele não pode ter feito isso. Ele nem estava em New Salem naquela noite, ou quando os outros assassinatos foram cometidos.

— Ah, estava sim, só não apareceu — murmurou Cassie. Ela olhou para Sally. — Ele não precisava estar lá. Ele é um bruxo. Envia seu poder... a energia maligna... para fazer isso. Ou talvez ele assuma o controle da mente de alguém e o obrigue a agir.

Como Faye, pensava Cassie melancolicamente. Pensando bem, Faye pode ter empurrado Kori pela escada para

quebrar seu pescoço, e pode ter deslocado uma pedra para provocar um deslizamento em cima do Sr. Fogle. Pode até ter levado Jeffrey para a sala das caldeiras sob algum pretexto e o estrangulado. Para isso bastaria se aproximar dele por trás e, de algum modo, passar a corda por seu pescoço. Os legistas disseram que pode ter sido feito por uma pessoa.

— Que diferença isso faz, e como? — perguntou Cassie, cansada. — Ele fez, é só o que importa. E ele *fez* isso, Sally, eu lhe garanto. Ele matou Jeffrey.

Sally a encarava com firmeza, seu rosto com uma expressão briguenta a centímetros do de Cassie. Ela balançou a cabeça e se virou.

— Eu sinto muito — disse Cassie às costas de sua cabeça arruivada. — Eu também gostava do Jeffrey. Sei o que você pensa, que eu estava tentando roubá-lo ou coisa assim. Mas não estava. Eu só estava... Só fiquei tão animada naquela noite do baile. Foi o primeiro baile onde os meninos quiseram dançar comigo.

— Ah, mas é claro que sim! —

rebateu Sally sem se virar.

— *Foi.* É a verdade, Sally — disse Cassie apaixonadamente. — Na Califórnia, eu não conhecia menino nenhum. E era tímida demais. Nem sei por que eles quiseram dançar comigo no baile da escola, Sally... — Desanimada, ela olhou os ombros rígidos da menina ruiva.

Sally se virou devagar.

— Acho que você não tem espelho — disse ela, mas havia menos animosidade em sua voz.

Cassie piscou para se livrar das

lágrimas que ameaçavam cair.

— Eu tenho, mas não vejo nada de especial nele — disse ela. — E não queria roubar Jeffrey; só fiquei lisonjeada por ele ter me convidado. Era uma noite linda e tudo parecia encantado. E depois... — Ela olhou de Sally para Logan, piscando de novo. — Você não sabe como me senti quando percebi que ele estava morto. Eu teria feito qualquer coisa para pegar a pessoa que fez isso.

Logan deu uns passos para ela, mas a voz de Portia, afiada como um ferrão de abelha, o deteve.

— Ela está fazendo aquilo! Está usando os poderes de bruxa em vocês, agora mesmo. Não seja idiota, Logan.

Cassie olhou para ela.

— Portia, pelo amor de Deus...

— Portia tem razão — disse Jordan com brutalidade. — Se dermos ouvidos, ela vai nos enganar. Ela foi uma mentirosa desde o começo. — Ele tirou a coisa de metal do fogo.

— O que é isso? — perguntou Cassie.

— Um marcador de gado.

Cassie pensou e tentou manter o pouco controle que tinha sobre a situação.

Jordan se postou na frente dela, segurando o ferro comprido cuja ponta estava em brasa. Isso não surpreendeu Cassie. O que a surpreendeu foi o que ele disse.

— Onde estão as Chaves Mestras? — perguntou ele.

Cassie ficou embasbacada.

— *Como é?*

— O Sr. Brunswick nos contou — disse Portia, a voz fina e dura. — Ele nos disse que elas são a origem do poder de vocês e que se destruímos as Chaves, vocês perdem tudo. Ele mesmo quer

destruí-las para deter vocês para sempre.

Cassie teve o selvagem impulso de rir, mas sabia que isso só lhe traria mais problemas. Então foi *ele* que preparou isso. E ele sabia que ela achara as Chaves Mestras. Neste momento, devia estar esperando que ela contasse a Jordan e se salvasse. Ou talvez ele estivesse por perto, na esperança de que Cassie fosse pedir ajuda a ele.

Não vou, pensou Cassie. Por pior que isso fique, não vou fazer isso. Não quero ser salva por ele.

Ela olhou a clareira, especialmente as

sombras que bruxuleavam na margem da fogueira.

— Muito bem, ele quer as Chaves Mestras — disse ela com clareza. — Mas não para destruí-las. Ele as usaria para destruir *vocês*, e nós também, se não conseguirmos que a gente ceda.

Jordan não pareceu surpreso.

— Você vai nos contar daqui a pouco — disse ele. — Eu já esperava que mentisse primeiro.

Todo o corpo de Cassie enrijeceu quando ele aproximou o marcador em brasa. Eu sou corajosa, pensou ela,

tentando acalmar o coração. Sou tão forte quanto preciso. Mas quando sentiu o cheiro de metal quente, um horror sombrio e puro a tomou.

— Espere! Parem agora mesmo, Jurgen e Lowdown, ou sei lá que nomes vocês têm. — Era a voz de Deborah, colérica e cheia de uma selvageria primitiva. A menina estava parada entre as árvores como se tivesse se materializado ali naquele momento. Com o cabelo preto misturando-se nas sombras e a postura graciosa de caçadora, ela podia ser uma deusa da floresta em

missão de vingança.

Jordan largou o marcador de gado e pegou a arma, apontando diretamente para Deborah.

Outra voz falou baixo do outro lado do bosque.

— Se você se afastar de Cassie e baixar a arma — disse Adam num tom baixo e preciso —, não precisaremos machucá-los. — Ele tinha aparecido de modo igualmente silencioso e parecia tão perigoso quanto Deborah. Cassie pensou na fantasia que ele usou no Halloween, o chifre de cervo e as folhas de outono do

deus cornífero. Agora ela não se surpreenderia em ver um cervo ao lado dele.

Houve outro leve movimento, e Cassie viu Diana.

Era como se o luar de repente tivesse descido ao bosque. Uma aura extraterrena pendia sobre a menina que se postava com o cabelo claro em cascata a sua volta, como um manto reluzente. Alta e magra, tinha um ar de autoridade que podia ser da deusa Diana, com a lua e as estrelas na ponta de seus dedos. Ela olhou para os forasteiros em silêncio, os

olhos verdes como pedras preciosas, depois falou.

— Afaste-se de minha amiga — disse ela.

Por um instante Cassie pensou que eles obedeceriam por força de sua autoridade. A arma de Jordan oscilou. Depois ele a apontou de novo, desta vez para Adam, e Logan pegou um graveto em brasa na fogueira. Ergueu-o perto do rosto de Cassie, como Jordan fizera com o marcador.

— Afastem-se vocês ou vamos machucar *a garota* — disse ele.

Adam soltou um suspiro.

— Nós avisamos — disse mansamente.

Cassie olhava nos olhos esmeralda de Diana. Ela olhou o graveto em brasa de Logan, depois para trás. Cassie sabia que Diana se lembrava da cerimônia da vela.

Fogo — tão perto que ela sentia seu calor no rosto. As chamas dançavam e mudavam de forma a cada segundo, fluindo sua radiância interminavelmente para cima. Havia poder no Fogo, como Cassie descobrira quando Faye agitou uma folha de papel em chamas para ela

no antigo prédio de ciências. Um poder a ser usado...

Desta vez ela o usou.

O graveto se incendiou como se alguém tivesse jogado gasolina e Cassie virou o rosto, fechando os olhos para se proteger do brilho. Logan gritou e atirou o graveto longe. A cabeça de Jordan se virou rapidamente, ele se distraiu por um instante...

... E foi o suficiente. Jordan foi derrubado quando os irmãos Henderson apareceram do nada, saltando como duas chamas douradas e idênticas. A arma

disparou um tiro para o céu e eles o prenderam, cada um segurando um braço. Cassie viu Nick surgir das sombras e pegar Logan por trás. Logan lutou, mas Adam se juntou a Nick e a briga acabou em segundos.

Ao olhar para o outro lado, Cassie viu que tinham cuidado das forasteiras. Sally estava virada para baixo, com Deborah ajoelhada em suas costas e Melanie parada junto dela. Portia estava imprensada contra uma árvore, imóvel. A meio metro dela, Raj rosnavava, com a boca repuxada, o pelo eriçado. Laurel se

colocava atrás dele, alta e terrível.

— Estas árvores — disse ela a Portia — já suportaram muito de sua espécie. Se tentar fugir, acabará perdida no meio delas. Para não falar no que o cachorro pode fazer. Se eu fosse você, não mexeria nem um músculo.

E Portia não mexeu.

Diana se aproximou e cortou as cordas de Cassie com uma faca de cabo branco. Levou algum tempo.

— Bom trabalho — disse Suzan da lateral.

— Você está bem? — perguntou

Diana a Cassie, ainda com aquela aura assustadora e extraterrena que a cercava. Cassie fez que sim.

— Já estávamos a caminho quando você chamou Adam — disse Diana. — Laurel viu o carro deles acelerando pela Crowhaven Road e Adam sentiu que havia alguma coisa errada. Ele nos levou ao carro deles, mas foi Raj que seguiu seu rastro pelo bosque.

Cassie apenas concordou com um aceno de cabeça, agradecida. Nem conseguia falar.

— Como Cassie está bem, não vamos

machucar vocês quatro — disse Diana em voz alta, então. — Mas vamos ficar com *isto* — ela pegou a arma de Jordan, segurando-a como se fosse uma cobra venenosa — e vamos deixá-los aqui. O carro de vocês está com alguns pneus vazios. Podem ir para casa andando.

Os quatro forasteiros nada disseram. Sally, ainda no chão, ofegava; Logan, com o braço de Nick em seu pescoço, tremia; Portia continuava paralisada contra a árvore. Mas era Jordan que chamava a atenção de Cassie. Ele encarava Diana com olhos de puro ódio,

como um cão selvagem encurralado.

Não vai parar nunca, pensou Cassie. Eles vão nos odiar ainda mais depois disso. Vão fazer outra coisa conosco, nós vamos fazer com eles, e isso nunca vai parar.

Por impulso, ela andou até Jordan, que jazia esparramado de costas no chão do bosque, e estendeu a mão para ele.

— Não precisamos ser inimigos — disse ela. — Não podemos simplesmente encerrar isso agora?

Jordan cuspiu em sua mão.

Cassie ficou imóvel, surpresa demais

para se aborrecer. Ninguém jamais cuspiu nela na vida. Chocada, ela olhou a mão estendida, depois a limpou nos jeans.

O que aconteceu em seguida ela ouviria mais tarde de Laurel, porque na hora olhava para baixo. Nick partiu para Jordan de imediato, mas se atrapalhou por ter de soltar Logan, e de qualquer modo Adam simplesmente *foi mais rápido*. Ele se moveu mais rápido do que o olho pode acompanhar, segurando Jordan pela frente do casaco e o erguendo, depois o jogando no chão com um soco na cara veloz. Atrás de Cassie,

as chamas da fogueira subiram alaranjadas a 3 metros de altura. Jordan caiu de costas, com as mãos no nariz.

— Levante-se — disse Adam. As chamas rugiram e estalaram, provocando uma chuva de faíscas que flutuaram na escuridão do bosque.

Agora Nick estava ao lado de Adam. Seu rosto não tinha emoção, era inteiramente frio, o velho Nick.

— Não, amigo, acho que ele já teve o bastante — disse ele num tom arrastado, segurando o braço de Adam.

Jordan tirou uma das mãos do nariz e

Cassie viu o sangue.

— Ela é uma mentirosa, vocês vão descobrir — berrou ele numa voz grossa, olhando de Cassie para Adam.

Por um momento Cassie pensou que Adam ia bater nele de novo. Mas Adam se virou, como se esquecesse da existência de Jordan. Também não pareceu dar pela presença de Nick. Ele pegou a mão de Cassie, aquela onde Jordan havia cuspidido, virou-a e beijou.

Cassie pensou que era melhor que alguém fizesse alguma coisa, e rápido.

— Devíamos amarrá-los — disse

Melanie, sua voz calma e pensativa penetrando na clareira. — Pelo menos três deles... O quarto pode desamarrar os outros enquanto nós vamos embora.

— Mas não muito apertado — disse Diana, consentindo. Enquanto Jordan, Logan e Sally eram amarrados, ela meteu a faca de cabo branco no chão ao lado de Portia. — Pode cortar as cordas quando formos embora. Não tente nos seguir — disse ela. Portia não parecia que seguiria alguém; seus olhos estavam arregalados ao máximo. Diana seguiu o olhar dela até a fogueira, que ainda rugia, mais como

um poço de petróleo em chamas do que uma fogueira, e falou de mansinho com Cassie.

— Pode baixar um pouco o fogo? Acho que eles já ficaram bem assustados.

Cassie, que não estava causando aquilo, resmungou alguma coisa desarticulada e apressadamente foi verificar as amarras de Sally.

Sally olhou para ela de lado e falou sem mexer os lábios.

— Eu estava errada sobre você.

Cassie a olhou, surpresa, mas não disse nada, inclinando-se como se fosse

examinar os pulsos amarrados de Sally.

— Você pode ter razão sobre o Brunswick — disse Sally, ainda num tom quase inaudível. — Se tiver, eu lamento por você. Ele vai fazer alguma coisa no dia 9. Tem uma lua cheia ou coisa assim... É quando ele vai agir. Ele queria as Chaves antes disso.

— Obrigada — Cassie cochichou e apertou a mão de Sally às costas dela. Depois endireitou o corpo quando Diana disse, “Vamos”. Ao saírem, Cassie cutucou Adam disfarçadamente.

— O fogo foi coisa sua? — cochichou

ela.

— O quê? Ah. — As chamas diminuíram, baixando de repente ao nível de uma fogueira normal. — Acho que sim.

Eles andaram pelo bosque, Laurel e Deborah liderando-os com segurança pelas árvores escuras, Raj trotando ao lado. Cassie passou a caminhada toda pensando em Nick.

Ela foi para o carro dos Armstrong com ele quando chegaram à estrada. Ele dirigiu em silêncio, com um braço no encosto. Os outros carros estavam na

frente, com os faróis brilhando na estrada solitária, voltando para New Salem.

Cassie tentava encontrar as palavras certas. Nunca teve de fazer nada disso na vida e tinha medo de errar. Tinha medo de magoar Nick.

Mas não havia como fugir. Desde o instante em que Adam beijou sua mão, ela *sabia*. Cassie podia gostar ou detestar, mas não havia como fazer alguma coisa a respeito disso.

— Nick... — disse ela, e engasgou.

— Não precisa dizer nada — disse ele, em sua antiga voz, desligada, de

nada-me-atinge. Cassie ouvia a dor por baixo dela. Ele a olhou e seu tom ficou mais brando.

— Eu sabia o que estava fazendo quando entrei nessa — disse ele. — E você nunca fingiu outra coisa. Não é sua culpa.

Ele disse que ela não precisava dizer nada — mas Cassie precisava. Precisava explicar a ele.

— Não é por causa de Adam — disse ela baixinho. — Quer dizer, não é *por* ele, porque sei que não há esperança. Eu... *aceito* isso agora e estou feliz por ele e

Diana. Mas eu só...

Ela parou e balançou a cabeça, desamparada.

— Isto vai parecer uma completa idiotice, mas não posso ficar com mais ninguém. Nunca. Eu terei de... — Ela tentou pensar num jeito de dizer isso, mas só o que lhe veio à mente foi uma frase de um dos livros de etiqueta vitoriana da avó que ela lia nas tardes chuvosas.

— Terei de viver uma vida de celibato — murmurou ela.

Nick jogou a cabeça para trás e riu.

Riu de verdade. Cassie o olhou, constrangida, mas feliz por pelo menos ele estar sorrindo. Sua voz era mais normal também, enquanto ele a olhava de lado, tirando o braço do encosto do banco.

— Ah, é isso que você acha? — disse ele.

— Bem, o que mais eu devo fazer?

Nick não respondeu, só balançou a cabeça de leve, com outra gargalhada.

— Cassie, que bom que te conheci — disse ele. — Você é... singular. Às vezes acho que pertence à Idade Média, e não

ao presente. Você, Diana e *ele*, os três. Mas de qualquer forma, eu fico feliz.

Cassie ficou ainda mais sem graça e não entendeu nada.

— Eu é que fico feliz por ter conhecido *você* — disse. — Você foi muito legal comigo... Você é um cara tão bom.

Ele bufou de novo.

— A maioria das pessoas discordaria — disse ele. — Mas não sou tão mau. Precisaréi não ser mesmo, ou vou te ver me olhando com aqueles olhos arregalados. — Ele ia pegar um cigarro

no maço do bolso, depois olhou de lado para ela e o recolocou de volta.

Cassie sorriu. Queria poder segurar a mão dele, mas isso não era direito. Ela teria de se virar sozinha.

Cassie se recostou e viu pelas janelas as casas iluminadas que passavam.

— É a Lua das Noites Longas — disse Diana. — E o dia 9 não terá só lua cheia. Haverá um eclipse.

— Isso é ruim para nós?

Diana refletiu.

— Bem, todos os poderes das bruxas ficam mais fortes à luz da lua. E é melhor

fazer alguns feitiços na lua nova, ou na lua cheia, ou em determinada fase. Tenho certeza que se Black John vai agir nesta noite específica, um eclipse deve ser melhor para o que ele pretende. E pior para nós o combatermos.

— A não ser — disse Adam — que a gente saiba que ele vai agir... E ele não saiba de nós. Ele não perceberia que estamos preparados.

O Círculo concordou, pensativamente. Era o dia depois do Dia de Ação de Graças e todos que foram resgatar Cassie na véspera se reuniram na

casa de Adam. Cassie lhes contara o que aconteceu na clareira antes de eles chegarem — exceto pela parte de Jordan perguntando pelas Chaves Mestras. Isso ela cochichou a Adam e Diana na frente da casa de Diana naquela noite. Agora ela olhava os dois com uma pergunta nos olhos.

Adam e Diana olharam o grupo, infelizes.

— Muito bem — disse Adam. — Acho melhor contar a eles. Como *ele* sabe, não vai importar muito, não é?

— Faye deve ter descoberto de

alguma maneira — disse Diana, parecendo mais infeliz do que nunca. — Ela procurou Black John...

— Não — disse Cassie.

Diana a olhou, surpresa.

— Mas...

— Não foi a Faye — disse Cassie, severa e com absoluta certeza. — Foi *Sean*.

Adam xingou em voz baixa. Diana o olhou, depois para Cassie. Depois sussurrou.

— Ah, meu Deus.

— O que tem o Sean? O que ele fez?

— perguntou Deborah. Nick estava em alerta, com os olhos semicerrados fixos em Cassie.

Depois de um olhar a Diana — que concordou e apoiou a cabeça em uma das mãos —, Cassie disse simplesmente a Deborah:

— Ele contou a Black John que Adam, Diana e eu encontramos as Chaves Mestras.

— Vocês encontraram... Quer dizer que vocês... Quer dizer que realmente...?

— Deborah gaguejava. Os outros olharam, mudos de assombro.

— A *Cassie* nos levou até elas — disse Adam. — Estavam na lareira do número 12. No caminho de volta, encontramos Sean, que disse que viu uma luz. Mas você acha...? — Ele olhou para *Cassie*.

Cassie respirou fundo.

— Acho que *Black John* o esteve influenciando o tempo todo. Acho que foi ele quem roubou a hematita do meu quarto. Pensei nisso na noite passada, enquanto tentava dormir. Comecei a pensar sobre quem pode ter contado a *Black John*... E não parava de vir à minha mente a imagem de Sean quando

o conheci. Ele usava um cinto com o próprio nome gravado em uma pedra brilhante. Eu o via usar o tempo todo, mas agora está frio e todo mundo usa agasalho, e não percebi. Mas aposto que ele continua usando por baixo, e aposto que estava usando na noite em que saiu de camiseta de pijama e aposto que a pedra brilhante é...

— Hematita — disseram meia dúzia de vozes gélidas em coro e todos olharam para Melanie.

— Hematita ou magnetita — confirmou Melanie. — Sim, é; eu

também vi esse cinto. Que idiotice incrível a nossa. Isso nunca me ocorreu.

Nick se curvou para a frente.

— Então você acha que *não* foi a Faye que contou a Black John que estávamos usando ametistas para nos proteger? Acha que foi Sean?

Cassie olhou a linha tensa na boca dele.

— Não foi culpa dele, Nick. Se Black John entrou na mente dele... Bem, eu sei como me senti quando ele tentou entrar na *minha* mente. Sean não deve ter conseguido resistir. Na realidade, *nós*

vimos que ele não podia resistir, na assembleia, quando ele se ofereceu para ser monitor. Eu tive de gritar com ele para que saísse do transe.

— Sean... Meu Deus! — disse Laurel, recuando. — É tudo simplesmente tão medonho.

— Acho que é pior — disse Cassie. Ela olhou a mesa de centro da Sra. Franklin, colocando a mão nela. Não sabia o que dizer agora. — Eu acho... Acho que Black John usou Sean para cometer os assassinatos.

Houve um silêncio ensurdecedor. Até

Diana parecia apavorada demais para apoiar Cassie. Mas Adam olhou nos olhos dela e lentamente concordou, fechando os próprios olhos.

— Sim — disse ele

— Ah, *não* — disse Suzan.

— Eu acho — Cassie engoliu em seco — que ele pode ter escrito um bilhete para Kori na noite anterior, pedindo a ela para encontrá-lo na frente da escola. Ela não teria desconfiado dele; deve ter pensado que era assunto do Círculo. Ele pode ter aparecido por trás dela e...

— Eu vou matá-lo! — gritou Doug, ficando de pé num salto. Nick e Deborah o contiveram, mas Chris também gritava, disparando para a porta. Adam e Melanie o derrubaram no chão.

— Não foi *ele*; não foi o Sean — gritou Cassie. — Escutem, vocês todos! Foi Black John; foi *ele* que matou Kori. Se eu tiver razão, Sean nem deve se lembrar disso! Ele só foi... um *receptáculo* para uso da energia maligna.

— Meu Deus — disse Laurel. — Meu Deus... Lembra a cerimônia do crânio na garagem de Diana? Sean e

Faye começaram a brigar, a vela se apagou e a energia maligna escapou. Sean disse que foi Faye que começou e todos acreditamos nele. Mas Faye disse que Sean tentava romper o Círculo. E se ela estava certo?

— Aposto que *estava mesmo* — disse Cassie. — Black John estava conosco o tempo todo. O que Sean viu, ele viu. E quando foi liberada suficiente energia maligna do crânio... Coisa que Black John *arranjou* para acontecer sempre que fosse possível... Funcionou com Sean, que cometeu os assassinatos.

— Também teria sido fácil levar o Sr. Fogle para a Devil's Cove — disse Suzan. — Sean pode ter fingido que tinha alguma coisa ruim a contar sobre outra pessoa do Clube. Eu fazia isso o tempo todo; contar ao diretor coisas sobre... — Ela olhou para Diana. — Bem... isso foi nos velhos tempos. De qualquer modo, Sean pode ter pedido a Fogle para se encontrar com ele debaixo das pedras e depois... *Bum*. — Ela fez o gesto de quem empurra. — Adeus, Sr. Fogle.

— Podemos soltar você agora? — perguntou Adam a Chris e “Podemos

confiar que serão sensatos?”, foi a pergunta de Deborah a Doug.

Houve rosnados incoerentes dos irmãos Henderson e, quando foram soltos, sentaram-se com os rostos vermelhos e os olhos verde-azulados brilhando como chamas de gás.

— Vamos pegar esse safado — disse Doug em voz baixa.

— Nem que seja a última coisa que façamos na vida — disse Chris, igualmente baixo. Cassie teve esperanças de que eles se referissem a Black John.

— Mas e o Jeffrey? — perguntou

Diana a Cassie.

Cassie deu de ombros.

— Não sei como Sean pode ter levado Jeffrey para a sala das caldeiras...

— Dizendo onde *você* estava, talvez — disse Laurel.

— ... Mas se ele fez isso, pode ter aparecido por trás dele e o estrangulado com uma corda... Não, o Sean é baixo demais. Ah, não sei como ele pode ter feito isso...

— Fazendo Lovejoy se sentar ou se curvar — disse Nick, com a voz clara e baixa. — Era o que eu teria feito, se

estivesse tentando estrangular alguém muito mais alto. E olha, se Sean tinha a energia maligna *dentro* dele, podia ter uma força descomunal. Devia ter, para conseguir colocar o laço no pescoço de Lovejoy e puxar o corpo para o cano depois.

Cassie sentiu náuseas.

— É verdade... Não vi nem Jeffrey nem Sean na pista por um tempo antes do assassinato. Depois, de repente, Sean apareceu, me procurando. Então fui para a sala das caldeiras... E achei Jeffrey.

— Acho que precisamos falar com

Sean — disse Diana.

— Não — disse Adam, com surpreendente veemência. — É exatamente isso que não devemos fazer. Se falarmos com ele agora, Black John vai perceber que sabemos. Mas se não dissermos nada, se fizermos o jogo de Sean e fingirmos que *não* sabemos, podemos dar informações falsas a ele. Contar coisas que não são verdadeiras, para ele passar a Black John.

— Tipo dizer a ele que não sabemos quando Black John vai agir — disse Deborah, com os olhos escuros

começando a brilhar. — Dizemos que estamos apavorados com Black John... Não sabemos usar as Chaves Mestras... Não estamos preparados...

— Ou que estamos todos brigando — sugeriu Laurel. — Não concordamos com nada. Que estamos num impasse.

— Isso! E nessa noite estaremos prontos para ele. Que horas será o eclipse, Melanie? — disse Adam.

— Lá pelas 6h40 da noite. É o que eu ia dizer que temos de procurar. A lua na sombra.

— A lua na sombra — repetiu Cassie

em voz baixa. — Acho que entendo por que ele escolheu essa hora. — Ele próprio é uma sombra, pensou ela.

— E até lá todos nós temos de fingir estar completamente desorganizados, apavorados e às turras — disse Melanie.

— Não deve ser assim tão difícil — disse Suzan, erguendo uma sobrancelha.

— Tem uma pessoa com quem acho que *devemos* falar — disse Cassie —, sem entregar segredo nenhum. Acho que um de nós devia conversar com a Faye.

— E acho que você foi a eleita — disse Nick. — Não consigo pensar em

mais ninguém para essa tarefa. — Ele piscou para Cassie, mas era uma piscadela amarga.

— Precisamos de você.

— Tenho certeza — disse Faye devagar, examinando-se no espelho. Ela experimentava o cabelo de diferentes maneiras: torcido para trás, no alto da cabeça, preso na nuca. Cassie não entrava no quarto de Faye desde a noite em que Faye preparou um anel de pedras preciosas na cama em volta do cristal e liberou a energia maligna que por fim

matou Jeffrey. O quarto tinha a opulência e o luxo de sempre: o papel de parede com orquídeas selvagens, a cama com uma pilha de almofadas, o sistema de som cheio de acessórios caros. Os gatinhos vampiros de Faye mais uma vez contorcendo-se sinuosamente pelos tornozelos de Cassie.

Mas agora o clima ali era diferente. As velas vermelhas sumiram do alto da cômoda; em seu lugar havia pilhas de papéis. Na colcha junto com o telefone sem fio, havia um pager. Um caderno de anotações estava na frente do espelho e

as roupas espalhadas com descuido eram do estilo executiva sedutora que Faye passara a usar.

O quarto estava... opressivo. Um estilo de vida Tipo A. Mais parecia o quarto de Portia do que de Faye.

— Acho que você sabe que Portia Bainbridge e Sally me sequestraram dois dias atrás — disse Cassie.

Faye lhe lançou um olhar irônico pelo espelho.

— E sei que você sabe que só precisava abrir sua boquinha e gritar, e papai estaria bem ali para ajudar.

Cassie tentou não demonstrar a náusea que sentia.

— Eu não quero a ajuda dele — disse ela, engolindo em seco.

Faye deu de ombros.

— Quem sabe mais tarde.

— *Não*, Faye. Nem mais tarde. Não quero mais vê-lo. Mas se você sabe que fui sequestrada, deve saber o que eles queriam. Nós achamos as Chaves Mestras. — Cassie olhou a estranha imagem invertida de Faye no espelho, depois se virou para olhar nos olhos da verdadeira Faye. — Elas pertencem a

você — disse ela claramente. — Você é a líder do coven. Mas o coven vai combater... Black John.

— Você nem consegue dizer isso, não é? Não é tão difícil. Papai. Pai. Papi. Pode chamar como quiser, sei que ele não ia se importar...

— Você não está me ouvindo, Faye!
— Cassie quase gritou. — Fica sentada aqui com suas quimeras...

— E ela conhece palavras difíceis também!

— ... enquanto uma coisa *séria* está acontecendo! Algo mortalmente sério.

Ele vai *matar* a gente. É só o que ele é, Faye, ódio e desejo de matar. Eu sei disso; sinto isso nele. E ele está se aproveitando de *ocê*.

Os olhos dourados de Faye se estreitaram. Ela parecia se divertir menos.

— Já conheço você há algum tempo, Faye, e houve muitas ocasiões em que te odiei. Mas nunca pensei que você se transformaria na *estenógrafa* de alguém. Você costumava tomar suas decisões sozinha e não bajulava ninguém. Lembra quando me perguntou se eu queria que

meu epitáfio fosse “Aqui jaz Cassie. Ela foi... legal”? Bom, quer que o seu seja “Aqui jaz Faye. Ela foi uma boa secretária”?

Uma das mãos de Faye, com as unhas compridas — ultimamente pintadas de malva, em vez de escarlata —, estava agarrada à cômoda. O queixo era rígido e ela olhava firmemente nos próprios olhos dourados no espelho.

A pulsação de Cassie se acelerou.

— Quando eu olhava para você, via um leão... uma espécie de leão dourado e preto. Agora vejo... — Ela baixou os

olhos para os pés — uma gatinha. A gatinha de um sujeito rico.

Ela esperou, tensa. Talvez... Só talvez... Talvez o laço forjado durante a cerimônia das velas fosse forte, talvez Faye tivesse orgulho suficiente, independência suficiente...

Os olhos de Faye encontraram os de Cassie pelo espelho. Depois Faye balançou a cabeça. Sua expressão era fechada, a boca era tensa.

— Acho que você sabe onde fica a saída — disse ela.

Os gatinhos se embolaram entre os

pés de Cassie quando ela se virou, e ela sentiu a ponta afiada de suas garras.

Não, disse-lhe ela mentalmente, sentindo os gatinhos paralisarem, com as orelhas para trás. Ela os pegou, um em cada mão, e os jogou na cama de Faye.

Depois saiu.

— Temos de dar a ela até o dia 9 — disse Diana. — Talvez mude de ideia.

— “Talvez depois” — Cassie citou, mas não havia muita esperança em sua voz.

— Vamos esperar até o dia 9 pelo

Sean também — disse Adam.

Eles passaram pelos sete dias seguintes de escola sem problemas — a não ser no próprio Círculo. Na New Salem High, os membros do Clube só se falavam em público para discutir. O aniversário de Laurel no dia 1º e o de Sean no 3 de dezembro não foram comemorados, porque, segundo uma Diana perturbada, nenhum deles se suportava o bastante para planejar uma festa. Cassie viu os olhares, ouviu os cochichos e entendeu que o plano funcionava. Concentrou-se

em ser o mais parecida possível com a velha Cassie — tímida, de língua travada, assustadiça e sem graça. O papel era desagradável, como uma pele velha que ficou pequena para ela, e Cassie estava se coçando para se livrar dele. Mas por enquanto eles enganavam Sean. Enganavam até Faye.

— Soube que você e Nick terminaram — disse Faye no corredor um dia. Os olhos dourados e caídos eram simpáticos e satisfeitos.

Cassie corou, virando o rosto.

— E o Clube não é mais um Clube

sem mim, pelo que vejo ultimamente —
continuava Faye, praticamente
ronronando.

Cassie se contorcia.

— Eu posso me juntar a vocês um dia
desses... talvez para a próxima celebração
da lua cheia. Se vocês tiverem uma, isto é.

Cassie deu de ombros.

Faye mostrava presunção.

— Podíamos ter uma comemoração
perversa — disse ela. — Pense nisso.

Enquanto Faye se afastava, Cassie viu
Sally Waltman em seu posto de
monitora. Ela se aproximou o mais

disfarçadamente possível.

— Estamos prontos para o dia 9, como você nos disse — falou Cassie baixinho. — Mas pode fazer mais uma coisa por nós?

Sally ficou apreensiva.

— Ele coloca todo mundo para vigiar todo mundo. Ninguém está seguro...

— Eu sei, mas quando chegar o dia 9, pode nos contar se ele fizer alguma coisa fora do normal? Se parecer que vai agir? Por favor, Sally. Tudo o que te contei sobre ele é verdade.

— Tudo bem — disse Sally, lançando

um olhar assustado em volta. — Agora *saia daqui*, por favor? Vou tentar te mandar um recado se souber de alguma coisa.

Cassie fez que sim e escapuliu dali.

O dia 9 amanheceu cinzento e ventando, o tipo de dia que normalmente dava em Cassie a vontade de se enroscar na frente de uma lareira. Em vez disso, ela vestiu roupas muito quentes: um suéter grosso, luvas, uma parca. Não sabia o que enfrentariam hoje, mas queria estar vestida para a ação. Na mochila, junto

com os livros da escola, colocou seu Livro das Sombras.

Ela saía da aula de francês quando Sally a interceptou.

— Venha comigo, por favor — disse a menina de cabelo ferrugem com um jeito ríspido de monitora e Cassie a seguiu para a enfermaria vazia na sala ao lado. Sally abandonou o tom de autoridade imediatamente.

— Se eu for pega com você, está tudo acabado — disse ela rapidamente num cochicho rouco, com os olhos na janela de vidro fosco da porta. — Mas é o

seguinte: acabo de ouvir Brunswick falando com sua amiga Faye. Talvez *você* entenda do que se trata, porque eu não entendi nada. Estavam falando de provocar um acidente na ponte... Parecia que falavam de um ônibus escolar vazio ali, e um carro, ou talvez alguns carros. Ele disse: “Eles só precisam queimar por mais ou menos uma hora; até lá a água terá subido o bastante.” Isso significa alguma coisa para você?

— Um acidente com bloqueio da ponte para o continente — disse Cassie devagar.

— Claro, mas por quê? — perguntou Sally com impaciência.

— Não sei. Vou descobrir. Sally, se eu precisar te ver de novo, você estará no refeitório na hora do almoço?

— Sim, mas não pode falar comigo lá. Portia anda me olhando esquisito desde a noite da clareira... Acho que ela está desconfiada. Os irmãos dela ficaram loucos, e ela não acredita numa palavra do que você disse sobre Brunswick. Se me pegar com você, estou morta.

— Você poderá estar morta se eu *não* falar com você — disse Cassie. — Ande,

saia daqui, eu vou daqui a pouco.

Cassie correu até o antigo prédio de ciências. Esperando no segundo andar estava o resto do Clube — menos Faye e Sean, que não foram informados desta reunião. O plano era raptar Sean logo depois do almoço, mesmo que a essa altura eles ainda não soubessem dos planos de Black John.

— Mas sabemos de uma coisa — disse Cassie sem fôlego, sentando-se num caixote. — Escutem. — Ela contou o que Sally havia dito.

— Bem, isso explica. — Deborah

intrometeu-se quando Cassie terminou. — Acabo de ver Black John e Faye saindo do prédio e a secretária disse que passariam a tarde toda fora. Então eles vão destruir um ônibus da escola. Que legal.

— Mas *por quê?* — disse Cassie. — Quer dizer, parece que ele quer bloquear a ponte, mas com que propósito?

Foi Adam quem respondeu. Estava sentado ao lado de Doug, com um dos fones de ouvido do walkman dele metido na orelha.

— O propósito — disse ele — é

manter todo mundo na ilha. Acabo de ouvir as últimas notícias... Alguém se lembra do furacão do qual falavam por aí dias atrás? Aquele que estão com medo que atinja a Flórida, mas virou para o norte enquanto ainda estava no Atlântico?

Houve uma concordância geral do grupo — a maioria não esteve interessada no noticiário ultimamente —, mas Melanie falou.

— Pensei que tivesse caído uma tempestade tropical.

— Foi, eles deduziram que se

dissiparia no mar. Olha, eu conheço um pouco de furacões. Este não devia ser uma ameaça, porque acham que vai virar para o nordeste em Cape Hatteras. É o que os furacões geralmente fazem quando atingem a baixa pressão por lá. Mas todos nós sabemos o que acontece quando eles *não* viram. — Ele olhou intensamente o grupo, e desta vez todos, menos Cassie, fizeram que sim.

— Quando não viram no Cape Hatteras, eles investem direto para cá — disse-lhe Adam, então. — Como o de 1938, e outro alguns anos atrás... E o de

1976.

O silêncio foi completo. Cassie olhou de um rosto a outro na sala escurecida.

— Meu Deus — sussurrou ela, sentindo-se tonta.

— Sim — disse Adam. — Ventos de 250 quilômetros por hora e *muralhas* de água, de 12 metros de altura. Agora, ainda estão *dizendo* que vai virar... Acabaram de dizer no rádio que deve ficar longe da costa do Atlântico. Mas — ele olhou em volta de novo, deliberadamente — quem quer apostar nisso?

Laurel se manifestou.

— Vamos impedir Black John. Se a ponte for bloqueada, todo mundo na ilha corre perigo.

— Tarde demais — disse Deborah rispidamente. — Ele já foi. Lembra? Eu vi há dez minutos.

— E não é que todos estarão em perigo, estarão é *mortos* — disse Melanie. — Essa tempestade de anos atrás só beliscou New Salem, mas desta vez pode nos varrer do mapa.

Cassie olhou para Adam.

— Está chegando muito rápido?

— Não sei. Pode estar a 80 quilômetros por hora, pode ser 110. Se não virar no Cape Hatteras, eles vão emitir um alerta de furacão... Mas será tarde demais, especialmente se a ponte estiver bloqueada. Pode chegar a nós em sete, oito horas. Mais ou menos.

— Mais ou menos na hora do eclipse?
— perguntou Cassie.

— Talvez. Talvez um pouco depois.

— Mas antes que nos atinja, vai atingir Cape Cod e Boston — sussurrou Diana. — Vai *matar* gente por lá. — Ela parecia assombrada e perplexa com a

ideia.

— Então só nos resta fazer uma coisa — disse Cassie. — Temos de pará-lo antes que chegue à costa. Temos de fazer com que se dissipe, ou vire para o mar, o que seja. Ou temos de conseguir que *ele* faça isso. E antes temos de alertar nosso pessoal... Dizer para fazer o que se faz em caso de furacão...

— Evacuar a ilha — disse Adam de forma seca. — O que talvez não seja possível, nem em barcos. Escute o vento. — Ele parou e Cassie ouviu não só o vento, mas um bater nas janelas cobertas

de tábuas. Chuva.

— Se eles não puderem sair, vão ter que ir para o subterrâneo — disse Chris.

— Alguém topa uma festa de furacão?

— Isso não é engraçado — disse Nick ríspidamente, e Cassie falou.

— Tudo bem, então; diga às pessoas para fazerem *isso*. Façam o que puderem. E é melhor voltarmos para a Crowhaven Road...

— Com Sean. — Adam a interrompeu rapidamente. — Vou pegá-lo e encontro todo mundo na minha casa. Vamos, gente.

Eles deixaram os almoços intocados — menos Suzan, que pescou o dela todo e correu atrás dos outros — e foram para a escola.

— Então vocês precisam ir embora agora — disse Cassie, tentando recuperar o fôlego, falando não só com Sally, mas com todos no refeitório. — Esqueçam a escola, esqueçam tudo. Saiam. Vão embora da ilha, se puderem, e se não puderem... Bem, façam o que for

necessário para se protegerem. — Ela parou. — Olha, é *verdade*. Sally, diga a eles.

A menina de cabelo ferrugem estivera olhando Cassie, desconfiada, equilibrada na cadeira como se fosse fugir desta pária social. Agora olhou Cassie por mais um minuto, depois fez que sim uma vez, como que para si mesma. Respirando fundo, ela se levantou.

— Muito bem, vocês ouviram — disse ela num tom claro e estridente que chegou à sala toda. — Vamos ter um furacão. Contem aos outros e digam para

repassar a informação. Vamos, andando.

Um menino se levantou.

— Eu vi na TV ontem à noite que a tempestade não vem para perto de nós. Como é que ela sabe...

— Ela é uma bruxa, não é? — gritou Sally com sua voz áspera. — Está me dizendo que as bruxas não sabem dessas coisas? Elas sabem mais da natureza do que você jamais vai saber! Agora vamos!

— Sally, você perdeu o *juízo*? — A voz fina e colérica vinha da porta da sala dos fundos, onde estava Portia, na frente de um grupo de alunos com distintivos, a

cara lívida de fúria. — Você é monitora...

— Não sou mais! Eu disse andando, gente!

— Isto contraria completamente o regulamento! Vou contar ao Sr. Brunswick...

— Faça isso, benzinho — gritou Sally. — *Se* conseguir achá-lo! Agora pela última vez, gente, andando! A quem vocês vão ouvir, a mim ou a ela?

Os monitores atrás de Portia hesitaram por um instante, depois avançaram em grupo para obedecer a Sally. Portia cambaleou para trás

enquanto eles a empurravam, deixando-a como a única habitante da sala. O último vislumbre que Cassie teve dela mostrava-a parada ali, rígida, furiosa e inteiramente sozinha.

Sally começou a gritar outras instruções para os funcionários do refeitório, e Cassie se virou para sair. Mas ao chegarem à porta, cada uma das meninas parou um momento e olhou o outro lado da sala.

— Vai ficar tudo bem? — perguntou Sally. Cassie sabia que o “vai ficar” não significava só Cassie. Significava o

Círculo todo.

— Sim.

— Tá legal. Boa sorte.

— Para você também. Tchau, Sally.

Não foi uma troca de muito valor cultural, pensou Cassie, correndo para o estacionamento para se encontrar com Diana. Mas era uma trégua, de bruxa com forasteira. Mais do que uma trégua.

E agora, pensou ela, preciso tirar todos da minha cabeça — todos os forasteiros. Sally vai cuidar do pessoal dela; temos que cuidar dos nossos.

Agora chovia forte e parecia piorar

enquanto ela e Diana iam para a Crowhaven Road de carro. Lufadas de vento balançavam o carro de Diana quando elas pararam na casa de Adam.

Bem atrás deles, o jipe de Adam estacionava.

— Eles pegaram o Sean — disse Cassie, girando para olhar. Ela e Diana correram para ajudar.

Nick e Doug seguravam o menino menor no banco traseiro. Eles o obrigaram a andar para a porta como os irmãos de Portia tinham conduzido Cassie. Parecia meio incongruente; Sean

era *tão* pequeno — mas então Cassie olhou naqueles olhos pretos, brilhantes e inquietos.

— É melhor tirar a hematita dele rápido — disse ela.

Nick puxou o suéter de Sean para cima — e ali estava, o cinto gravado que Cassie tinha visto na primeira semana na escola. Adam o desafivelou e o jogou no chão, onde ele ficou como uma cobra morta.

— Cadê a outra pedra? — perguntou ele a Sean asperamente.

Sean tentou se libertar, arfando, com

os olhos desvairados. Foi preciso que os três meninos o segurassem, e se Chris, Deborah e Laurel não tivessem chegado naquele momento, ele podia ter se soltado. Trabalhando juntos, os meninos e Deborah conseguiram tirar seu suéter e a camisa. Por baixo, onde os outros membros do Círculo estiveram usando ametistas, Sean tinha uma bolsinha de couro. Adam a sacudiu cautelosamente e a hematita de Cassie caiu.

— Ladrão! — disse Deborah, agitando um punho próximo ao rosto de Sean. Sean a olhou vagamente, ainda

ofegante, apavorado.

— Ele nem devia saber que estava com ela — interferiu Melanie. — Estava sob a influência de Black John desde o começo. Alguém pegue essa hematita e a enterre. Laurel, o banho de ervas está pronto?

— Pronto! — veio o grito de Laurel do banheiro do térreo, acima do som de água corrente. — Tragam-no aqui.

O Círculo esteve planejando este ritual de purificação desde que descobriram sobre Sean e todos sabiam o que fazer. Os meninos arrastaram Sean

para o banheiro enquanto Laurel aguardava do lado de fora.

— Não importa se ficar de roupa ou não — Cassie a ouviu dizer. — Coloquem Sean na banheira.

Deborah pegou a hematita em uma pá de lixo e foi enterrá-la, e Diana rapidamente completou um feitiço com ervas que tirou da mochila. Carregou o saco de ervas com a Terra, a Água, o Ar e o Fogo borrifando sal, salpicando água de um copo, respirando e passando uma vela acesa que tinha sido acendida na mesa de centro.

— Tudo bem, terminei — disse ela.
— Melanie, e você?

Melanie levantou a cabeça; estava arrumando um anel de pedras brancas no chão.

— Já acabei também. Quando terminarmos com Sean, ele estará tão puro que nem vamos mais reconhecê-lo.

Cassie queria ver uma coisa no Livro das Sombras, mas havia outra prioridade.

— Temos de avisar os pais daqui — disse ela —, os que estão em casa, que não foram trabalhar. Alguém pode fazer isso?

— Eu vou até a minha casa — disse Chris. — Os meus pais estão lá.

— Minha mãe está no trabalho — disse Deborah.

— Então só resta a mãe de Faye — disse Diana.

— Eu vou contar a ela — ofereceu-se Suzan, surpreendendo Cassie. — Ela me conhece, pode aceitar melhor a notícia de mim.

— E as anciãs — disse Cassie. — Quer dizer — acrescentou rapidamente —, a avó de Adam, a vovó Quincey e a tia Constance.

— Elas estão na minha casa; foram para lá hoje de manhã — disse Melanie. — Alguma coisa a ver com a sua mãe, eu acho, Cassie. Mas não posso deixar esse círculo.

— Eu vou — disse Cassie.

Diana abriu um sorriso para ela.

— Acho que anciãs é um bom nome para elas — disse. — É o que elas são e acho que a vovó Quincey, pelo menos, ficaria orgulhosa de ser anciã de nosso coven.

E minha avó também, aposto, pensou Cassie, saindo novamente.

Havia um cheiro estranho lá fora, um cheiro de maré baixa, como de coisas rastejantes e em decomposição. Cassie correu para a beira do penhasco, pegando o caminho dos fundos para a casa de Melanie, e viu que o mar estava escuro e revolto. A água não era azul, nem verde, nem cinza, mas de uma cor oleosa e lamacenta que parecia um misto das três. Pontos de espuma flutuavam no vento e havia aglomerados de bolhas brancas em toda parte.

No alto, as nuvens assumiam formas fantásticas, agitadas e se alterando como

que modeladas por mãos invisíveis. A chuva caía no rosto de Cassie. Era uma cena selvagem e assombrosa.

Ninguém atendeu quando ela bateu na porta do número 4. Cassie não sabia se alguém lá dentro podia ouvir, com o vento e a chuva.

— Tia Constance? — gritou ela, abrindo a porta e espiando seu interior. — Olá?

Ela ia para o quarto que deram a sua mãe mas parou, virou-se e, sentindo-se culpada, limpou os Reeboks sujos de areia e lama no capacho. Mesmo assim,

pingava água no piso de madeira encerado e imaculado enquanto corria até o quarto. A porta estava entreaberta e uma estranha luz bruxuleava ali dentro.

— Olá?... Ah, meu Deus! — Cassie meteu a cabeça pela porta e ficou paralisada. O quarto estava inteiramente iluminado por dezenas de velas brancas. Em volta da cama havia três figuras, três mulheres cuja aparência era tão estranha e fantástica que por um instante Cassie não as reconheceu.

Uma era alta e magra, outra era baixa e roliça, e a terceira era mínima, parecia

uma boneca. As três tinham cabelos compridos: o da alta era preto e denso, mais comprido do que o de Diana, o da roliça era grisalho e despenteado, ondulando para baixo dos ombros, e o da pequenina era fino e branco como espuma do mar. E elas estavam nuas.

Os olhos de Cassie saltavam das órbitas.

— Tia Constance? — disse ela, ofegante, para a de cabelo preto e comprido.

— Quem você esperava? — disse a tia de Melanie ríspidamente, unindo as

sobrancelhas meticulosamente feitas. — Lady Godiva? Agora vá embora, menina, estamos ocupadas.

— Não seja grosseira com ela — disse a roliça, que Cassie agora podia identificar como a avó de Adam. Ela sorriu para Cassie, sem constrangimento nenhum.

— Estamos tentando uma coisa para ajudar sua mãe, querida — acrescentou a figura mínima da vovó Quincey de Laurel. — É um ritual em que vestimos o céu; por isso estamos nuas. Constance tinha suas dúvidas, mas nós a

convencemos.

— E precisamos continuar com isso — disse a tia-avó Constance, gesticulando com a taça de madeira que segurava. A vovó Quincey segurava um maço de ervas e a avó de Adam, um sino prateado. Cassie olhou a cama, onde a mãe estava deitada e imóvel, como sempre. Algo na luz do quarto deixava seu rosto adormecido diferente, como fazia com as três mulheres.

— Mas vem vindo um furacão — disse Cassie. — Por isso estou aqui; vim avisar a vocês.

As mulheres trocaram olhares.

— Bem, se for assim, não adianta nada — suspirou a avó de Adam.

— Mas...

— Sua mãe não pode ser retirada daqui, querida — disse a vovó Quincey com firmeza. — Então vá fazer o que tem de fazer, e vamos tentar protegê-la.

— Vamos combater Black John — disse Cassie. A simples declaração pareceu pender no ar depois de ela ter falado e as três velhas se olharam de novo.

A tia-avó Constance abriu a boca,

franziu a testa, mas a vovó Quincey a interrompeu.

— Não há mais ninguém para fazer isso, Constance. Eles precisam lutar.

— Então, tenham cuidado. Diga a Melanie... a todos eles... para terem cuidado — disse a tia Constance.

— E fiquem juntos. Enquanto ficarem unidos, terão uma chance — disse a avó de Adam.

E foi só isso. As mulheres se viraram para a cama. Cassie ficou parada ali por um momento olhando as velas — tão brancas, com suas chamas ainda mais

brancas, um branco dourado como o cabelo de Diana — e as várias sombras espectrais no teto e nas paredes. Depois saiu. Ao fechar a porta em silêncio, todas as chamas das velas dançaram loucamente e ela teve um último vislumbre das três mulheres no quarto, de braços erguidos, começando uma espécie de dança. O sino de prata soava baixo.

Dentro do quarto, ela não havia notado o vento, mas agora sim. Tudo fora desta porta estava mais frio e mais ruidoso, e a luz fraca que entrava pelas janelas era cinzenta e fria. Cassie teve o

impulso de voltar para o quarto dourado e se esconder ali, mas sabia que não podia.

Ela voltou a pé para a casa de Adam, no número 9, empurrada pelo vento.

Enfim estava de volta. O Círculo estava na sala de Adam, sentado em volta de Sean, que estava dentro do círculo de cristais de quartzo. O rosto de Sean era muito rosa e parecia ter sido esfregado, o cabelo estava molhado e espetado, e ele usava roupas grandes demais. De Adam, pensou Cassie. Em seu pescoço, havia a bolsinha de lona cheia das ervas que Diana tinha preparado. Ele parecia

aturdido e apavorado, mas não tentava fugir.

— Elas estavam lá? Você as achou?

— perguntou Diana a Cassie.

Cassie confirmou com a cabeça. Não estava com vontade de contar a Diana *como* as encontrara. Ela não sabia como Melanie, Adam e Laurel se sentiriam com as parentes idosas dançando nuas em volta de uma doente. Podiam pensar que havia algo de errado nisso; podiam não entender a luz dourada.

— Elas disseram que vão ficar onde estão — disse ela. — A vovó Quincey

disse que minha mãe não pode ser removida e elas vão tentar ajudá-la. Disseram para termos cuidado, e a avó de Adam nos disse para ficarmos juntos.

— Bom conselho — disse Adam, olhando para Sean. — E é por esse motivo que estamos aqui. Vamos ficar juntos ou não?

— Nós o interrogamos sobre os assassinatos — informou Laurel a Cassie em voz baixa —, mas ele não se lembra de nada... Nem sabe do que estamos falando. Tivemos de convencê-lo de que não era brincadeira. Ele agora acredita

em nós, mas está morrendo de medo.

— Então as opções são as seguintes, Sean — dizia Adam. — Pode ficar com a gente ou pode passar o resto do dia trancado no porão, onde não vai causar problemas.

— Ou — disse Diana suavemente — você pode ir até *ele*, a Black John. É o direito dele — acrescentou ela rapidamente, enquanto alguns começavam a protestar. — Ele precisa tomar essa decisão.

Os olhos assustados de Sean vagaram por toda a sala. Cassie lamentou por ele,

sentado ali, cercado, com todos olhando. Quando ele falou, sua voz era estridente, mas decidida.

— Vou ficar com vocês.

— Bom, garoto — disse Laurel, aprovando, e Deborah lhe deu um tapa nas costas com tanta força que ele quase caiu. Os Henderson não disseram nada, simplesmente o olharam com seus estranhos olhos verde-azulados, e Cassie teve a sensação de que eles talvez nunca o perdoassem pelo que aconteceu com Kori, mesmo que não fosse por culpa dele. Mas pelo menos, por ora, o Círculo

estava unido.

A não ser por...

Cassie olhou para Adam, e os dois olharam para Diana. Diana fez que sim.

— Agora é a hora — disse ela — Esta é a última chance de Faye... Vamos esperar que ela a aproveite.

Cassie não tinha muita esperança, mas pegou o telefone sem fio numa pilha de roupa lavada no sofá.

— Qual é o número do pager dela?

Diana abriu uma folha de papel e leu.

— Depois que tocar, aperte asterisco e disque o número de Adam — instruiu

ela.

Cassie obedeceu e desligou o telefone. Ela esperou. Nada aconteceu.

— Temos de dar um tempo para ela conseguir um telefone — disse Diana.

Todos esperaram. A chuva atacava as janelas e o vento uivava na chaminé.

— Não há mais nada que possamos fazer? Como... sei lá, pregar tábuas nas janelas ou coisa assim? — perguntou Cassie.

— Normalmente, sim. Nós colocamos bloqueios, descemos tudo, essas coisas — disse Adam. — Mas se

este nos atingir, acho que vamos virar história, então não faz muito sentido.

Eles esperaram.

— Tente de novo — disse Diana, e Cassie assim o fez.

— A mãe dela não a vê desde a manhã de hoje — disse Suzan. — Onde será que ela e Black John estão?

Cassie também se perguntava isso. Onde quer que estivessem, Faye não ia atender ao pager.

— Eu acho — disse Cassie por fim — que estamos sem líder do coven. E... Bem, eu queria ver isso no meu Livro das

Sombras primeiro, mas Melanie não diz em algum lugar que numa emergência podemos eleger outro líder?

Melanie abriu um sorriso fraco, depois confirmou, como se soubesse o que Cassie tinha em mente.

— Numa crise — disse ela. — Se o restante do coven concordar, um novo líder pode ser eleito.

Houve uma oscilação entre os membros do Círculo, as pessoas endireitando-se, interessadas.

— Ah — disse Laurel —, essa é uma *boa* ideia.

— Especialmente porque temos as Chaves Mestras — disse Adam.

— Vamos fazer isso — disse Deborah.

Cassie ficou animada. Tinha feito um juramento enquanto via Faye traçar o círculo na encruzilhada e agora veria seu juramento cumprido. Ela prometera que Faye não seria líder para sempre, e em minutos Faye *não seria mesmo*.

Ela abriu a boca com alegria para dizer: “Eu indico Diana.” Mas antes que pudesse falar, ouviu a voz da amiga.

— Eu indico Cassie — disse Diana

com clareza.

Cassie simplesmente a olhou, surpresa. Quando recuperou o fôlego para falar, disse:

— Está brincando.

— Não — disse Diana. Depois se virou, falando com o resto do Círculo, num tom formal. — Cassie — disse ela —, mostrou o maior poder entre todos nós, inclusive Faye. Ela pode apelar aos elementos... Nós vimos a invocação ao Fogo. Ela pode se comunicar por longas distâncias. Ela tem sonhos premonitórios e foi quem nos levou às Chaves Mestras.

A avó dela disse que sua família sempre teve a visão mais clara e mais poder. E ela é forte, mais forte do que eu para esse tipo de luta. Eu indico Cassie.

Cassie ficou pasma, mas os outros concordaram.

— Ela é bem durona — disse Deborah —, mesmo que não aparente isso.

— Ela me livrou do cachorro — disse Chris, esticando o pé e o examinando.

— Ela também é inteligente — disse Laurel com orgulho. Além de Diana, Laurel foi a primeira amiga de Cassie no

Círculo. — Ela pensa em coisas que a maioria das pessoas não pensaria.

— Ela tem ideias — concordou Suzan, fazendo que sim com sua cabeça louro-arruivada em um gesto de sensatez.

— Eu gosto dela. — Arriscou-se Sean, hesitante, de seu lugar no anel de pedras brancas. — Ela é legal comigo.

— Ela é natural — disse Doug, abrindo seu sorriso louco.

Nick se limitou a dizer:

— Sim.

Cassie percebeu que eles falavam sério.

— Também sou filha de... — Ela parou e tentou de novo. — O fato é que Black John é meu... — Ela ainda não conseguia dizer.

— Acho que isso pode funcionar a nosso *favor* — disse Melanie, fitando Cassie com os olhos cinza pensativos. — Se ele não quiser te machucar, pode ser um obstáculo para ele... Pelo menos um pouco.

Todos ainda faziam gestos de “sim” com a cabeça. Cassie engoliu em seco e olhou o Círculo. Não parecia ter ocorrido a ninguém que ela podia estar com medo

demais para fazer isso, para liderar uma luta contra Black John. Em seu íntimo, sabia que não queria enfrentá-lo novamente — não estava preparada. E não sabia se um dia estaria.

Mas todos a olhavam: Diana com sua fé fervorosa; Deborah e os Henderson com uma confiança inocente. Até Nick e Melanie assentiam, instando-a.

Cassie olhou para Adam.

Seus olhos cinza-azulados agora pareciam o mar — lamacento e agitado.

— Você consegue — disse ele, tenso, respondendo à pergunta que ela não

pronunciara. — E acho que é o melhor para o coven. Não sei se é o melhor para *você*.

Cassie soltou o fôlego.

Eles acreditavam nela. Ela não podia decepcioná-los.

— Se todos concordam — disse ela, mal reconhecendo a própria voz.

— Vamos fazer do jeito fácil — disse Melanie. — Todos a favor de Cassie como líder levantem as mãos.

Todos levantaram as mãos.

Diana se manifestou.

— Vou pegar as coisas — disse ela.

Ela e Adam foram para o porão e voltaram alguns minutos depois com a caixa de documentos feita de madeira e bronze. Todos se inclinaram para olhar quando ela a abriu, e se ouviu o suave assovio de surpresa pelo Círculo.

— São lindos — disse Suzan, tocando o diadema de prata com uma unha perfeita.

— Sim — disse Diana, abrindo sua mochila. — Tome, Cassie, coloque isto. — Era o manto branco que Diana usava nas reuniões. Cassie sentiu o coração fugir para o rosto. Ela *não podia* usar isso.

la parecer...

— Não se preocupe, não vai sentir frio — disse Diana, e sorriu.

— Mas... você é mais alta do que eu. Vai ficar comprido demais...

— Eu fiz a bainha — disse Diana. E depois, no silêncio que se seguiu, ela disse gentilmente: — Pegue, Cassie.

Devagar, Cassie o pegou. Foi ao banheiro, ainda com um pouco de vapor do banho que os meninos deram em Sean, e vestiu o manto de seda crua. Cabia perfeitamente.

Diana planejou isso, ela percebeu.

Ela estava constrangida para voltar, mas disse a si mesma que não era hora de se preocupar com a pele que aparecia. Chris e Doug assoviaram quando Cassie se reuniu ao grupo.

— Calem a boca, isso é sério — disse Laurel.

— Ela pode ficar de pé aqui, no círculo de pedras brancas — disse Melanie. — Saia, Sean.

Sean, demonstrando alívio, saiu. Cassie entrou.

Fez-se silêncio.

— Rogo-te que trabalhes pelo bem

do Círculo, que não prejudiques ninguém, que sejas fiel a todos. Pela Água, pelo Fogo, pela Terra e pelo Ar, lidera-nos em paz e de boa vontade — disse Diana. Cassie percebeu que ela fazia a parte da cerimônia que Faye deixara de lado quando se tornou líder.

— Olha... isso é só temporário, não é?
— começou ela.

— Shhhh — disse Laurel, ajoelhando-se. Cassie sentiu algo macio sendo preso pouco acima do joelho direito. Ela olhou para baixo e viu Laurel afivelando a liga de couro verde.

Algo frio cercou o antebraço de Cassie e ela se virou, vendo que Melanie fechava o bracelete de prata ali. Era surpreendentemente pesado; Cassie sabia que sentiria o peso sempre que mexesse o braço.

— Olhe para mim — disse Diana. Cassie obedeceu. Entre as mãos, Diana segurava o diadema de prata delicadamente retorcida, com o crescente lunar no alto. Cassie o sentiu se acomodar em seu cabelo, leve mas firme. E depois, por todo o corpo, da prata das fivelas da liga à prata do bracelete, até o

aro que tocava sua testa, Cassie sentiu uma onda de calor e formigamento. Uma... vivacidade.

Essas são as verdadeiras Chaves; não são só símbolos, pensou ela. Têm seu próprio poder.

Neste momento, ela entendeu que podia dirigir seu poder. Fazia parte dela, derramava nela suas forças. Ela era uma bruxa, de uma linhagem de bruxas poderosas, e era líder deste Círculo.

— Muito bem — disse ela, saindo do anel de pedras para pegar o Livro das Sombras na mochila. Não estava mais

preocupada com sua aparência; sabia que estava bem. Isso não importava. Eles tinham pouco tempo pela frente e ela queria usar para proveito do grupo.

— Muito bem, escutem; enquanto esperamos, acho que devemos repassar os Livros das Sombras... Minha avó disse para eu estudar o meu, e isso é melhor do que não fazer nada — disse ela. — Podemos nos revezar na leitura em voz alta até que escureça... Ele não vai agir antes disso.

— Tem certeza? — disse Melanie.

— Tenho. — Cassie não sabia como,

mas sabia. Sua avó chamara isso de Visão, mas para Cassie era mais uma voz, uma voz interior, uma voz em seu íntimo. Agora, ela sabia que devia ouvir.

Ninguém discutiu. Os que tinham, pegaram os Livros das Sombras. Lá fora, o vento gemia, lúgubre.

Lá pelas quatro horas a eletricidade acabou. A casa ficou mais fria. Eles acenderam velas e continuaram a ler.

— “Para Proteção Contra o Fogo e a Água” — leu Cassie. Mas Melanie disse que o feitiço que descrevia não era poderoso o bastante para proteger contra

um furacão, e Cassie sabia que ela tinha razão.

— Aqui, este é “Para se Livrar do Medo e das Emoções Malignas” — leu Diana de seu próprio livro. — “Sol de dia nascia/ E à noite a lua cresça/ Que todo pensamento sombrio/ Logo de nós desapareça.” Boa ideia.

Eles continuaram a ler. *Um Encantamento para Curar uma Criança Nauseada. Um Amuleto para o Poder. Três Feitiços para Prender um Amor. Para Criar uma Tempestade* — disso eles não precisavam, pensou Cassie com ironia.

Ela leu novamente sobre os cristais: quanto maior o cristal, mais energia podia armazenar e concentrar. O feitiço *Para Reverter o Mal* ela leu em voz alta. Mas não o entendia.

— “Invoque o poder que é somente seu, apelando aos elementos ou àquelas características do mundo natural que sejam mais chegadas a seu coração. Estes poderes devem ser lançados contra o mal: poderes do sol, da lua e das estrelas, e de tudo que pertence à terra.”

Ela leu novamente, confusa.

— Ainda não entendo.

— Acho que quer dizer que, como bruxas, podemos invocar a natureza, as coisas que são *boas*, para combater o mal — disse Melanie.

— Sim, mas como as invocamos? — disse Cassie. — E o que fazer depois disso?

Melanie não sabia.

Escurecia. A luz cinzenta das janelas diminuía cada vez mais e por fim desapareceu inteiramente. O vento batia nas persianas e sacudia o vidro das janelas. A chuva ainda caía constante na escuridão.

— O que você acha que ele vai fazer?

— perguntou Suzan.

— Alguma coisa desagradável — disse Laurel.

Cassie tinha orgulho deles. Estavam com medo; ela os conhecia o suficiente para saber que o medo estava por trás do andar incansável de Deborah e da quietude de Melanie, mas nenhum deles fugiu nem recuou. Doug contava piadas infames, e Chris fazia aviões de papel. Nick estava sentado tenso e silencioso, e Adam continuou com os fones de ouvido de Doug, ouvindo o noticiário do rádio.

Às seis horas, a tempestade parou.

Os ouvidos de Cassie, acostumados ao martelar da chuva e às batidas e uivos do vento, sentiram-se subitamente vazios. Ela viu que todos os outros estavam sentados e atentos.

— Não pode ter passado — disse Suzan. — Será que se desviou?

— Ainda está no Atlântico — disse Adam. — Acham que deve chegar à terra em uma hora. É só a calmaria antes da tempestade.

— Cassie? — disse Diana.

— Acho que ele deu o primeiro passo

— disse Cassie, tentando parecer calma. E depois cada músculo de seu corpo enrijeceu.

Cassandra.

Era a voz em sua mente. Ela olhou os outros e viu que eles também ouviram.

Traga seu coven para o final da Crowhaven Road. Ao número 13, Cassandra. Estou esperando por você.

Os dedos de Cassie se fecharam em uma pilha de roupa lavada no sofá. Ela tentou se concentrar no poder das Chaves Mestras, no calor que sentia onde a tocavam. Depois empurrou com a

mente, formando palavras.

Estamos indo. Diga olá a Faye.

Ela soltou a respiração. Doug sorriu com malícia para ela.

— Muito bom — disse ele.

Era pura implicância e todos sabiam disso, mas ainda assim Cassie se sentiu melhor. Disfarçadamente enxugou as palmas suadas das mãos na roupa limpa e se levantou.

— Vamos — disse ela.

Diana tinha razão; com os símbolos de líder do coven e o manto branco, ela não sentiu frio. Lá fora o céu estava claro

e a terra silenciosa, a não ser pelo som das ondas. Sim, a calmaria antes da tempestade, pensou Cassie. Era uma calma muito desagradável, pronta para irromper em violência de novo a qualquer momento.

— Vejam a lua — disse Melanie.

O estômago de Cassie revirou.

Parecia uma lua crescente, um disco de prata com uma marca de dentada. Mas Cassie sentia o erro que havia ali. Não era uma lua crescente; era uma lua cheia sendo invadida, ofuscada. Ela olhava a escuridão cair sobre um mundo

iluminado.

Cassie pensou que realmente podia ver a sombra se movendo, cobrindo mais da superfície branca.

— Vamos — disse ela.

Eles andaram pela rua molhada, indo para o pontal. Passaram pela casa de Suzan, com seus pilares gregos, um volume cinzento ao luar. Passaram pela casa de Sean, igualmente às escuras. A água gorgolejava pelas laterais da rua em riachos. Eles passaram pela casa de Cassie.

Chegaram ao terreno baldio do

número 13.

Parecia exatamente como haviam deixado quando celebraram o Halloween ali e fizeram uma fogueira, invocando o espírito de Black John. Vazio, deserto. Árido. Não havia ninguém.

— Seria um truque? — perguntou Nick ríspidamente. Cassie balançou a cabeça, sem ter certeza. A vizinha dentro dela não lhe dizia nada. Ela olhou para leste, para a lua, e sentiu outro choque.

Estava visivelmente menor, o crescente agora era muito fino. A sombra não era preta nem cinza, mas de uma cor

marrom-acobreada e opaca.

— Em dez minutos cobrirá totalmente — disse Melanie.

— Meia hora para o furacão chegar à costa — disse Adam.

Um vento fresco soprou em volta deles. Os pés de Cassie, com os sapatos brancos e finos que Diana lhe emprestara, estavam molhados.

Eles ficaram ali, inseguros. Cassie ouvia as ondas se quebrando ao pé do penhasco. Seus sentidos estavam em alerta, investigando, mas não parecia acontecer nada. Os minutos se arrastaram

e seus nervos ficavam cada vez mais tensos.

— Olhe — sussurrou Diana.

Cassie olhou a lua de novo.

A sombra marrom opaca tragava o que restava da ponta de luz. Cassie acompanhou, como uma vela se extinguindo. Depois ofegou.

O som foi involuntário e ela teve vergonha, mas todos os outros também ofegavam. Porque a lua não se tornara escura, como uma lua nova, e nem mesmo era da cor acobreada. Ao ser coberta pela sombra, ficou vermelha, de

um vermelho escuro e sinistro, de sangue velho. No alto do céu, perfeitamente visível, brilhava como um carvão com sua estranha luz.

E então alguém engasgou e Sean soltou um guincho.

Cassie se virou rapidamente, a tempo de ver acontecer. No terreno vazio diante deles, algo aparecia. Um retângulo tomava forma e, enquanto Cassie olhava, ficava cada vez mais sólido. Ela via um telhado íngreme coberto de breu, paredes de ripas, pequenas janelas dispostas irregularmente. Uma porta feita de

tábuas pesadas. Parecia a antiga ala da casa da avó, a habitação original de 1693.

Brilhava com uma luz baça, com a lua vermelho-sangue.

— Será real? — sussurrou Deborah.

Cassie teve de esperar um instante para recuperar o fôlego e falar.

— É real *agora* — disse ela. — Neste momento, por alguns minutos, é real.

— É *horrível* — sussurrou Laurel.

Cassie sabia o que ela estava sentindo, o que todo o coven sentia. A casa era maligna, como o crânio. Parecia errada, torta, como algo que saiu de um

pesadelo. E dominava a todos com um terror instintivo. Cassie ouvia a respiração de Chris e Doug acelerada.

— Não cheguem perto dela — disse Nick firmemente. — Fiquem todos aqui até que ele saia.

— Não se preocupe. — Deborah lhe garantiu. — Ninguém vai chegar perto disso.

Cassie sabia que era o contrário.

A voz interior, silenciosa só há alguns minutos, dizia-lhe claramente o que precisava fazer. O que não lhe dizia era como criar coragem para tanto.

Ela olhou para trás, para o resto do coven ali parado. O Clube. O Círculo. Seus amigos.

Desde sua iniciação, Cassie ficou tão feliz por fazer parte deste grupo. Ela dependeu dos diferentes membros em diferentes ocasiões, chorando com Diana e se agarrando a Nick e Adam quando precisou deles. Mas agora havia uma coisa que ela precisava fazer, e nem mesmo Nick ou Adam poderiam ajudar. Nem mesmo Diana poderia ir com ela.

— Eu terei de ir sozinha — disse.

Ela deduziu que tinha dito isso em

voz alta quando viu que todos a encaravam. No instante seguinte todos protestavam.

— Não seja louca, Cassie. É território dele; não pode entrar lá — disse Deborah.

— Pode acontecer qualquer coisa. Deixe que ele saia — disse-lhe Nick.

— É perigoso demais. Não vamos deixar você ir sozinha — disse Adam categoricamente.

Cassie o olhou com ar de reprovação, porque foi ele que disse que ser líder do coven podia não ser bom para *ela*; e ele

tinha razão, então agora era ele que devia entender. É claro que era perigoso, mas ela precisava fazer. Black John — John Blake — Jack Brunswick, como quer que se chamasse, a convocara e esperava por ela lá dentro. E Cassie precisava entrar.

— Se não queriam me ouvir, não deviam ter me feito líder — disse ela. — Mas estou dizendo agora, é isso que ele quer. Ele não vai sair. Ele quer que eu entre.

— Mas você não precisa fazer isso — disse Chris, quase suplicante.

De todos, só Diana ficou em silêncio.

Estava postada ali, de boca trêmula, com as lágrimas penduradas dos cílios. Era com ela que Cassie falava.

— Sim, eu tenho — disse ela.

E Diana, que entendia sobre ser líder, concordou.

Cassie se afastou antes que pudesse vê-la chorar.

— Vocês fiquem aqui — disse ela a todos. — Até que eu saia. Eu vou ficar bem; tenho as Chaves Mestras, lembram?

E então ela começou a andar para a casa.

Os pregos da pesada porta de madeira formavam um padrão de espirais e losangos. Pareciam emitir uma luz mais vermelha do que a madeira em volta deles. Hesitante, Cassie tocou a maçaneta de ferro, mas estava fria e era sólida em seus dedos. A porta se abriu a sua frente, e ela entrou.

Tudo ali estava um tanto enevoado, como um holograma vermelho, mas *parecia* real. A cozinha era muito parecida com a da avó e estava vazia. A sala de visitas ao lado era igual. Um lance de escada estreita e sinuosa saía do canto do

fundo da sala.

Cassie subiu a escada, notando com uma estranha diversão a incongruência do lampião de estanho pendurado na parede. Conferia uma luz fria, vermelha e sinistra, pouco mais intensa do que a própria casa. A escada era íngreme e seu coração martelava quando ela chegou ao topo.

O primeiro quarto pequeno estava vazio. E o segundo também. Só restava então o quarto grande após a cozinha.

Cassie foi para lá sem hesitar. Na soleira, viu que a luz vermelha ali era

mais forte, como a superfície da lua sombreada.

Ela entrou.

Ele estava ali dentro, tão alto que sua cabeça quase tocava o teto irregular. Emitia uma luz de pura crueldade. Seu rosto era triunfante e cruel, e dentro dele Cassie pensou ver os contornos do crânio.

Cassie parou e o fitou.

— Pai — disse ela. — Eu vim.

— Com seu coven — disse Black John. — Estou orgulhoso de você. — Ele lhe estendeu a mão, que ela ignorou.

— Você os trouxe para cá direitinho

— continuou ele. — Estou feliz por eles terem tido a decência de aclamá-la líder.

— É só temporário — disse Cassie.

Black John sorriu. Seus olhos estavam nas Chaves Mestras.

— Ficam muito bem em você — disse ele.

Cassie sentiu uma lenta contração de pânico no estômago. Tudo saía de acordo com o plano dele, ela podia ver. Ela estava ali, com as Chaves que ele queria há tanto tempo, no território dele, na casa dele. E Cassie tinha medo deste homem.

— Não precisa ter medo, Cassandra — disse ele. — Não quero machucá-la. Não precisamos brigar. Temos o mesmo propósito: unificar o coven.

— Não temos o mesmo propósito.

— Você é minha filha.

— Não sou parte de você! — gritou Cassie. Ele brincava com suas emoções, procurando por seus pontos fracos. E a cada minuto o furacão se aproximava mais da costa. Cassie procurou desesperadamente uma distração e vislumbrou alguma coisa atrás do homem alto.

— Faye — disse ela. — Eu não tinha visto você aí, parada à sombra dele.

Faye avançou, indignada. Estava com o manto de seda preta, como uma imagem em negativo de Cassie, e seu próprio diadema, bracelete e liga. Ela levantou a cabeça com altivez e olhou para Cassie com os olhos dourados em brasa.

— Minhas duas rainhas — disse Black John ternamente. — Sombra e luz. Juntas, vocês vão governar o coven...

— E você vai governar a nós? — perguntou Cassie ríspidamente.

Black John sorriu de novo.

— Sensata é a mulher que sabe quando ser governada por um homem.

Faye não sorria. Cassie a olhou de lado.

Black John não pareceu perceber.

— Quer que eu pare o furacão? — perguntou ele a Cassie.

— Sim. É claro. — Foi por isso que ela veio, para ouvir os termos dele. E tentar encontrar seu ponto fraco. Cassie esperou.

— Então só precisa fazer um juramento. Um juramento de sangue,

Cassandra; está familiarizada com eles. — Ele estendeu a mão para Faye sem olhar para ela. Faye olhou a mão por um segundo, depois tirou uma adaga da liga. A faca de cabo preto usada para traçar círculos no chão. Black John a ergueu e cortou a palma da própria mão. O sangue escorreu viscoso, vermelho escuro.

Como Adam, pensou Cassie loucamente, com o coração se acelerando. Como o juramento que Adam e eu fizemos.

O homem alto estendeu a adaga para Cassie. Como Cassie não se prontificou a

avançar e pegar, ele a estendeu para Faye.

— Dê a ela — disse ele.

Faye pegou a adaga e a entregou a Cassie, pelo cabo. Lentamente, os dedos de Cassie a pegaram. Faye recuou para o lado de Black John.

— É só um pouco de sangue, Cassandra. Jure obediência a mim e eu soltarei o furacão, deixando que vire inofensivamente de volta para o mar. Depois você e eu podemos começar nosso reinado juntos.

A adaga tremia na mão de Cassie.

Não havia como estabilizar sua pulsação agora. Ela sabia o que ia fazer, mas precisava de tempo para criar coragem.

— Como você matou Jeffrey? — disse ela. — E por quê?

O homem alto pareceu momentaneamente confuso, mas se recuperou.

— Fazendo-o se sentar por um momento; e para causar discórdia entre sua espécie e os forasteiros — disse ele. E sorriu. — Além disso, não gostei da atenção que dava à minha filha. Ele não era um de nós, Cassandra.

Cassie queria que Portia pudesse ver o “Sr. Brunswick” dela agora.

— Por que usou Sean? — perguntou ela.

— Porque ele era fraco e já usava uma pedra que eu podia influenciar — disse ele. — Por que todas essas perguntas? Não percebe que...

Então ele se interrompeu e se moveu com a rapidez de um raio. Enquanto ele estava falando, Cassie tinha jogado a adaga nele. Ela nunca havia atirado uma faca na vida, mas uma ancestral dela, que usou as Chaves Mestras, deve ter feito,

porque o bracelete parecia guiar seu braço direito e a adaga lampejou sem parar para o coração de Black John. Mas o homem alto simplesmente era rápido demais. Pegou a adaga no ar — pela lâmina — e a segurou, olhando para Cassie.

— Isso foi indigno de você, Cassandra — disse ele. — E não é jeito de se comportar com seu pai. Agora me deixou irritado.

Ele não parecia irritado; sua voz era fria e venenosa como a morte. Cassie pensara que já havia sentido medo na vida, mas não foi nada. Agora estava

verdadeiramente apavorada. Seus joelhos estavam fracos e o martelar do coração abalava todo seu corpo.

Black John jogou a adaga de volta, e ela se prendeu no chão diante de Cassie, tremendo.

— O furacão está prestes a chegar à terra — disse ele. — Você não tem escolha; nunca teve. Faça o juramento, Cassandra. *Faça!*

Estou com medo, pensou Cassie. Por favor, estou com tanto medo... Ela estava com as Chaves Mestras, mas não sabia usá-las.

— Eu sou o seu pai. Faça o que mando.

Se eu soubesse usá-las...

— Você não tem poder para me desafiar!

— Sim, eu tenho — sussurrou Cassie.

Em sua mente, uma porta se abriu, surgindo uma luz prateada. Como a lua saindo de uma sombra, iluminava tudo. Ela agora compreendia o feitiço de reversão do mal. *Invoke o poder que é só seu... Esse poder deve ser lançado contra o mal...*

De repente, ela sentia que uma longa

linhagem de bruxas estava atrás dela. Ela era apenas a última, só uma delas, e todo o conhecimento que tinham era de Cassie. O conhecimento e o poder de sua linhagem. As palavras vieram a seus lábios.

— Poder da lua, eu vos invoco — disse ela, trêmula.

Black John a olhava, parecendo se retrair.

— Poder da lua, eu vos invoco — repetiu Cassie, com mais força. — Poder do sol, eu vos invoco.

Black John recuou um passo.

Cassie avançou, procurando as palavras seguintes em sua mente. Mas não as pronunciou. Uma voz as dizia por ela, uma voz atrás dela.

— Poder das estrelas, eu vos invoco.
Poder dos planetas, eu vos invoco.

Era Diana, com o cabelo liso como que agitado por um leve vento. Ela se colocou atrás de Cassie, alta, altiva e magra, como uma espada de prata. O coração de Cassie dilatou; nunca ficou tão feliz por ver alguém que não seguiu suas instruções.

— Poder das marés, eu vos invoco.

Poder da chuva, eu vos invoco — disse Adam. Ele estava bem atrás de Diana, com o cabelo brilhando como fogo, como rubis, na luz vermelha.

Deborah estava atrás dele, o cabelo preto tombando no rostinho intenso de concentração.

— Poder do vento, eu vos invoco — disse ela.

Nick se juntou a ela, com os olhos frios e coléricos.

— Poder do gelo, eu vos invoco.

E Laurel.

— Poder da folhagem, eu vos invoco.

Poder da raiz, eu vos invoco.

E Melanie.

— Poder da pedra, eu vos invoco.

Todos estavam ali, todos se uniram a Cassie, acrescentando suas vozes à dela. E Black John se encolhia diante deles.

— Poder do trovão, eu vos invoco — disse-lhe Doug.

— Poder do raio, eu vos invoco — gritou Chris.

— Poder do orvalho, eu vos invoco — disse Suzan, e empurrou uma figura pequena diante dela. Era Sean e ele tremia, aparentemente apavorado por

ficar cara a cara com o homem que controlou sua mente. Mas sua voz subiu como um grito.

— Poder do sangue, eu vos invoco!

Black John estava contra a parede vermelha da casa e parecia encolhido. Suas feições tinham perdido definição e o brilho vermelho esmorecera, deixando-o em sua realidade negra.

Mas só havia 11 no coven de Cassie; o Círculo não estava completo. E só um Círculo completo podia enfrentar este homem.

Enquanto o grito de Sean morria,

Black John se endireitou. Deu um passo para eles e Cassie prendeu a respiração.

— Poder do fogo, eu vos invoco! — gritou uma voz rouca, e ele caiu para trás. Assombrada, Cassie olhou para Faye. A menina alta parecia ter ganhado estatura enquanto Black John perdia a dele, e ela parecia em cada centímetro uma rainha bárbara, ali de pé, fuzilando-o com os olhos. Depois se colocou ao lado de Cassie. — Poder das trevas, eu vos invoco — disse ela, cada palavra uma faca afiada. — Poder da noite, eu vos invoco!

Agora, pensou Cassie. Ele estava

fraco, ferido, e eles estavam unidos. Agora ou nunca, era a hora de derrotá-lo.

Mas nem o Fogo nem a Água conseguiram isso. Black John foi derrotado duas vezes, morreu duas vezes, mas sempre voltava. Se eles quisessem se livrar dele permanentemente, tinham de fazer mais do que destruir seu corpo. Tinha de destruir a fonte de seu poder — o crânio de cristal.

Se eu tivesse um crânio maior, pensou Cassie. Mas não havia crânio maior. Ela pensou desesperadamente nos afloramentos de granito que se

projetavam do solo de New Salem... mas não eram de cristal, não manteriam nem concentrariam energia. Além disso, ela não precisava de um cristal grande, precisava de um *enorme*. Um tão imenso... tão imenso...

Prefiro pensar que os cristais são como uma praia, ela ouviu a voz risonha de Melanie em sua mente. Um cristal é só água e areia fossilizada...

Junto com as palavras, veio uma imagem. Um vislumbre da mão de Cassie no primeiro dia na praia em Cape Cod. “Olhe para baixo”, Portia sibilara, vendo

Adam se aproximar, e então Cassie baixou os olhos, envergonhada, olhando os próprios dedos raspando a areia. A areia que cintilava como pontinhos granada, com cristais verdes, dourados, marrons e pretos. Uma praia. Uma praia.

— Comigo! — gritou Cassie. — Todos vocês, pensem comigo... Me deem seu poder! *Agora!*

Ela imaginou com clareza, a praia longa se estendendo em paralelo com a Crowhaven Road. Mais de 1 quilômetro dela, de cristal sobre cristal. Ela enviou os pensamentos rapidamente para a praia,

reunindo o poder do coven a suas costas. Concentrou-se nela, através dela, olhando agora para Black John — para o crânio de cristal com os dentes sorridentes e os olhos ocos. Depois ela *empurrou* com a mente.

Ela sentiu que saía dela, como uma onda de calor, como uma chama solar, impelido pela energia de todo o Círculo. Verteu através dela na praia, e da praia para Black John, focalizada e intensificada, com todo o poder da Terra e da Água combinados. E desta vez, quando o crânio explodiu, foi uma chuva

de cacos de cristal, como o pingente de ametista destruído.

OuvIU-se um grito que Cassie jamais esqueceria. Depois o chão da casa do número 13 desapareceu sob seus pés.

— Você está bem? — perguntou Cassie a Suzan, sobre quem por acaso estava deitada. — Está todo mundo bem?

O Círculo jazia espalhado pelo terreno baldio como se uma mão gigantesca os tivesse largado ali. Mas todos se mexiam.

— Acho que quebrei o braço — disse Deborah, muito calma. Laurel engatinhou até ela para olhar.

Cassie olhou o terreno. A casa sumira. O número 13 era um trecho de terra árido de novo. E a luz mudava.

— Vejam — disse Melanie, de cara virada para cima. Desta vez havia alegria e reverência em sua voz.

A lua aparecia prateada de novo, só um crescente fino, mas agora ele aumentava. A cor de sangue se fora.

— Conseguimos — disse Doug, o cabelo louro embaraçado mais bagunçado

do que Cassie já vira. Ele sorria. — Ei!
Nós conseguimos!

— A *Cassie* conseguiu — disse Nick.

— Ele se foi mesmo? — perguntou Suzan incisivamente. — Se foi para sempre desta vez?

Cassie olhou em volta de novo, sentindo apenas o ar limpo e o mar em seu movimento incessante. A terra estava tranquila. Não havia luz, só a lua e as estrelas.

— Acho que sim — sussurrou ela. — Acho que vencemos. — Depois ela se virou rapidamente para Adam. — E o

furacão?

Ele mexia no rádio preso no cinto.

— Espero que não tenha quebrado
— disse ele e colocou os fones, ouvindo.

Mancando e engatinhando, todos se reuniram em volta de Adam e esperaram.

Ele ouvia, balançando a cabeça ao mudar de canal. Seu rosto era tenso. Cassie viu Diana ao lado dela e lhe estendeu a mão. Elas se sentaram juntas, abraçadas. Depois Adam se sentou de costas retas de repente.

— Ventos fortes em Cape Cod...
Tempestade se movendo para o

nordeste... Nordeste! Ele virou! Está indo para o mar!

Os irmãos Henderson gritaram, mas Melanie os silenciou. Adam falava de novo.

— Maré alta... Enchente... Mas está tudo bem, ninguém se feriu. Danos a propriedades, só isso. Conseguimos! Nós conseguimos mesmo!

— A Cassie conseguiu... — começava Nick de novo, irritado, mas Adam deu um pulo e agarrou Cassie, girando-a no ar. Cassie gritava sem parar enquanto ele a rodava. Ela não via Adam tão feliz

desde... Bem, ela nem se lembrava de *quando* vira Adam tão feliz. Desde a praia em Cape Cod, ela pensou, quando ele lhe abriu aquele sorriso ousado. Ela se esquecera, em seis meses de problemas, de que a amargura não era o estado natural de Adam.

Como Herne, pensou ela, quando foi depositada, sem fôlego e corada, no chão. O deus cornífero da floresta era um deus da celebração alegre. Chris e Doug tentavam dançar com ela, os dois juntos. Adam valsava com Diana. Cassie desabou, rindo, quando algo grande e

peludo bateu nela e rolou sobre ela.

— Raj! — disse Adam. — Eu te disse para ficar em casa!

— Ele é tão obediente quanto você — ofegava Cassie, abraçada ao pastor-alemão, que passava a língua molhada em seu rosto. — Mas estou feliz por ter vindo. Vocês todos, não só o cachorro — disse ela, olhando para eles.

— A gente não ia *deixar* você sozinha lá — disse Sean.

Doug soltou uma risadinha, mas deu um tapa nas costas do garoto menor.

— Claro que não, tigrão — disse ele,

e revirou os olhos para Cassie.

Cassie olhava para Faye, que estava sentada meio distante dos outros, como Nick costumava fazer.

— Estou feliz por ter se juntado a nós também — disse ela.

Faye não parecia nada uma estenógrafa. A cabeleira preta estava solta nos ombros e o manto preto expunha mais do que cobria a pele cor de mel. Ela parecia um pouco uma pantera e muito uma rainha da selva.

Os olhos dourados de pálpebras caídas se fixaram nos de Cassie e um

sorrisinho puxou os cantos de seus lábios.

Depois ela baixou os olhos.

— Mas posso pintar as unhas de vermelho de novo — disse ela com indolência.

Cassie se virou, escondendo ela mesma o sorriso. Este devia ser o máximo de reconhecimento que conseguiria de Faye.

— Se todos terminaram de dançar e gritar — disse Laurel, numa voz estudadamente paciente —, podemos ir para casa? Porque o braço de Deborah *está mesmo* quebrado.

Cassie se levantou num salto, sentindo-se culpada.

— Por que você não *disse* isso?

— Ai, não é nada — disse Deborah.

Mas ela deixou que Nick e Laurel a ajudassem a se levantar.

Ao voltarem, ocorreu outro pensamento a Cassie. Sua mãe. Black John estava morto, o furacão foi derrotado, mas e sua mãe?

— Podemos levar a Deborah às anciãs? — perguntou ela a Diana.

— É o melhor lugar mesmo — disse Diana. — Elas entendem muito de cura.

— Ela olhou para Cassie com compreensão nos olhos verdes, depois pegou a mão de Cassie e a apertou.

Eu preciso me preparar, pensou Cassie ao se aproximarem do número 4. Preciso estar pronta. Ela pode estar morta. Pode estar exatamente como a deixei... deitada naquela cama. Pode ficar assim para sempre.

Haja o que houver, eu cumpri minha promessa. Derrotei Black John. Ele nunca mais vai machucá-la.

Cassie olhou a lua antes de entrar na casa de Melanie. Era agora um crescente

grosso, uma lua gorda e feliz. Ela considerou isso um bom presságio.

Dentro da casa, tremeluziam velas. Por um momento de devaneio, Cassie se perguntou se as três idosas ainda dançavam nuas, depois viu a sala de visitas. A tia-avó Constance estava sentada rigidamente, como uma vara, no assento redondo de uma cadeira, imaculadamente vestida, muito decente ao servir chá à luz de velas a suas três convidadas.

A três convidadas...

— *Mãe!* — gritou Cassie, correndo

para a frente, esbarrando nas cadeiras frágeis da tia-avó Constance. No minuto seguinte estava abraçando a mãe, abraçando-a loucamente no sofá da tia Constance. E a mãe retribuía o abraço.

— Meu Deus do céu, Cassie — disse a mãe alguns minutos depois, afastando-se um pouco para olhar a filha. — Isso é jeito de se vestir...

Cassie tateou o diadema, que tinha entortado. Ela o ajeitou na cabeça e olhou nos olhos da mãe. Estava tão feliz por ver aqueles olhos nela, olhando-a de volta, que se esqueceu de responder.

A voz de Deborah veio do corredor, cansada mas orgulhosa.

— Ela é a nossa líder — disse ela. E depois: — Alguém tem uma aspirina?

— Bem, obviamente não é só temporário — disse Laurel, um tanto irritada. — Quer dizer, nós *elegemos* você.

— E você cumpriu com seu dever — disse Deborah, dando uma grande mordida numa maçã com a mão que não estava engessada.

Isso foi no dia seguinte. Não tiveram aulas, devido a danos menores da

tempestade e o desaparecimento do diretor. O Círculo desfrutava do clima agradável e incomum para a época, fazendo um piquenique no quintal de Diana.

— Mas agora temos *duas* líderes — disse Chris. — Ou Faye foi deposta?

— Acho que não — disse Faye com um olhar de intimidar.

Melanie se mexeu pensativamente, com os olhos cinza reflexivos.

— Bem, outros covens já tiveram mais de uma líder. O coven original tinha. Lembra, Black John era só *um* dos

líderes. Você pode dividir com Faye, Cassie.

Cassie fez que não com a cabeça.

— Não sem Diana.

— Hein? — disse Doug.

Nick a olhou com ironia.

— Pode ser que Diana não queira essa honra — disse ele.

— Eu não ligo — disse Cassie antes que Diana pudesse falar alguma coisa. — Eu não seria líder sem Diana. Vou embora. Vou voltar para a Califórnia.

— Olha, vocês não podem ser *todas* líderes — começou Deborah.

— E por que não? — perguntou Melanie, sentando-se ereta. — Na verdade, é uma boa ideia. Podem formar um triunvirato. Sabe como é, como nos tempos romanos; eles tinham três governantes.

— Diana talvez não queira — repetiu Nick, com uma inflexão crescente. Mas Cassie se levantou e foi até a menina, ansiosa.

— Você quer, não quer? — disse ela. — Por mim?

Diana a olhou, depois o resto do Clube.

— É, vai nessa — disse Doug de seu jeito expansivo.

— Três é um bom número — acrescentou Laurel, com um sorriso travesso.

Faye suspirou fundo.

— Ah, e por que não? — resmungou ela, virando a cara.

Diana olhou para Cassie.

— Tudo bem — disse ela.

Cassie a abraçou.

Diana colocou uma mecha do cabelo claro para trás.

— Agora eu tenho uma coisa para

você fazer — disse ela. — Como líder, você não é mais a integrante mais nova do coven, Cassie, mas ninguém mais pode fazer isso. Quer, por favor, desenterrar a caixa que lhe dei na noite de Hécate?

— A caixa do festival da verdade? Está na hora de desenterrar?

— Sim — disse Diana. — Está. — Ela olhava para Melanie e Melanie concordava, evidentemente partilhando algum segredo.

Cassie olhou as duas, confusa, mas desceu a rua para pegar a caixa,

acompanhada apenas de Raj, que trotava atrás dela. Era maravilhoso ficar sozinha e saber que nada ia lhe acontecer. Ela cavou a areia perto da pedra grande, onde a havia enterrado naquela noite, e pegou a caixa úmida. O mar faiscou e cintilou para ela.

Ela levou a caixa para a casa de Diana, sem fôlego da caminhada, e mostrou-a.

— O que tem aí? Mais Chaves Mestras? — disse Doug.

— Deve ser alguma coisa de mulher — disse Chris.

Diana se curvou sobre a caixa com uma estranha expressão.

— Você não abriu — disse ela a Cassie.

Cassie fez que não com a cabeça.

— Bem, eu sei que não abriu — disse Diana. — Eu sabia que não faria isso. Mas queria que *você* soubesse. De qualquer modo, é sua; o que está dentro dela também. É um presente. — Ela soprou a areia que secava na caixa e a devolveu a Cassie.

Cassie a olhou, em dúvida, e sacudiu a caixa. Ela fez um leve barulho, como se

contivesse alguma coisa pequena. Ela olhou para Diana de novo. Depois, hesitante, com uma sensação quase de medo, abriu-a.

Dentro dela, só havia um objeto. Uma pequena pedra oval, azul-clara com espirais cinza, toda cravejada de cristais mínimos que cintilavam ao sol.

A calcedônia rosa.

Cada músculo ficou paralisado, menos os olhos, quando Cassie se voltou para Diana. Ela não sabia o que fazer, nem o que dizer. Não entendia. Mas seu coração batia violentamente.

— É sua — disse Diana novamente e, como Cassie ficou agachada e imóvel, ela olhou para Melanie. — Talvez você possa explicar melhor.

Melanie deu um pigarro.

— Bem — disse ela, e olhou para Adam, tão imóvel quanto Cassie. Ele não falou nada a manhã toda e agora olhava fixamente para Diana, mudo.

— Bem — disse Melanie de novo. Adam ainda não a olhava, mas ela continuou mesmo assim. — Foi quando Adam estava nos contando como conheceu você — disse ela a Cassie. —

Ele descreveu uma ligação... O que você chamou de cordão prateado. Lembra?

— Sim — disse Cassie, sem se mexer.

Olhava para Diana agora, investigando sua expressão. Diana a olhava serenamente.

— Bem, o cordão prateado é real, algo das antigas lendas. As pessoas que ele conecta são almas gêmeas... Sabe como é, devem ficar juntas. Então, quando Diana e eu ouvimos isso, sabíamos que era o que você e Adam são — concluiu Melanie, parecendo feliz por ter explicado às pessoas que não olhavam

para ela.

— Por isso eu fiquei supressa sobre o Nick, entendeu? — disse Diana a Cassie, com gentileza. — Porque eu sabia que você só podia amar o Adam. E eu ia contar a você desde o começo, mas depois você estava me pedindo para te dar outra chance, deixar que você provasse que era fiel... E eu achei uma boa ideia. Não por mim, mas por você. Para saber, Cassie, o quanto você era forte. Entendeu?

Cassie concordou, muda.

— Mas... Diana... — sussurrou ela.

Diana piscou, os olhos esmeralda se

enevoando.

— Agora você vai me fazer chorar — disse ela. — Cassie, com todo o altruísmo que tivemos por aqui, acha que eu não ia fazer a minha parte? Vocês dois estão há meses esperando por minha causa. Agora não precisam mais esperar.

— Não há nada que alguém possa fazer sobre isso — interferiu Melanie, solidária mas pragmaticamente. — Você e Adam estão ligados, e é isso. Não há mais ninguém para nenhum dos dois, então fiquem juntos pela vida toda. Talvez por muitas vidas.

Cassie, ainda paralisada, voltou seu olhar a Adam.

Ele olhava para Diana.

— Diana, eu não posso... Quer dizer, eu sempre vou...

— Eu também sempre vou te amar

— disse Diana com a voz firme. —

Sempre será especial para mim, Adam.

Mas é por Cassie que você é apaixonado.

— Sim — sussurrou Adam.

Cassie baixou os olhos para a pedrinha irregular na palma de sua mão.

Faiscava como louca, e ela ficou meio

tonta.

— Anda logo, vai até ele — disse Diana, empurrando-a gentilmente.

Mas Cassie não conseguia, então ele se aproximou dela. Parecia meio aturdido, mas seus olhos eram azuis como o mar ao sol e seu sorriso a fez corar.

— Anda, beija — disse Chris. Laurel lhe deu um tapa. O resto do Círculo olhava com muito interesse.

Adam olhou feio para eles e beijou Cassie formalmente no rosto. Depois, sob uma chuva de vaias, ele sussurrou “depois” para ela de um jeito que a deixou agradavelmente nervosa.

Será que posso lidar com Herne?, perguntou-se Cassie, olhando o cabelo dele, de tantas cores: escuro como granada e brilhante como azevinho, entremeado do ouro do sol. Acho que terei de fazer isso, pensou ela, por toda a vida, disse Melanie; talvez por muitas vidas.

Por algum motivo isso a fez olhar para Faye e Diana.

Ela não sabia por quê, e depois teve uma lembrança. O sol. O sol dourado, o cheiro de jasmim e lavanda, uma voz risonha cantando. Kate. O cabelo de Kate

tinha a cor inacreditavelmente clara do de Diana. Mas, como Cassie percebia agora, o riso de Kate, os olhos brincalhões, eram de *Faye*.

Uma ancestral das duas, pensou Cassie. Afinal, elas eram primas; tinham a maioria dos ancestrais em comum.

Mas algo no fundo dela pareceu sorrir e ela refletiu. Melanie teria razão? Seria possível ter mais de uma vida? Poderia uma alma voltar à Terra? E, se for assim, poderia uma alma chegar a se... dividir?

— Eu acho — disse ela de repente a Diana — que você e Faye terão de

aprender a conviver. Acho que vocês duas... precisam uma da outra.

— É claro — disse Diana, como se fosse uma coisa que todo mundo soubesse. — Mas por quê?

Deve ser uma teoria louca. Cassie não contaria a ela sobre isso, pelo menos não agora. Talvez amanhã.

— Acho que vou preparar uma imagem — dizia Diana pensativamente — para a minha coleção. O que acha da Musa, cercada pela lua e pelas estrelas, parecendo inspirada?

— Acho que é uma boa ideia — disse

Cassie, estremecida.

— Nós devíamos estar falando — disse Melanie — é do que vamos fazer com as Chaves Mestras. Temos poder; o coven tem poder e precisamos decidir o que fazer com isso.

— Não, o que precisamos fazer é uma *festa* — disse Doug. — Para compensar todos os aniversários que perdemos. Chris e eu não tivemos uma festa de verdade, nem Sean e Laurel...

— Ambientalismo — dizia Laurel com firmeza para Melanie. — Deve ser nossa principal causa.

— Eu também não tive festa — observou Suzan, delicadamente tirando a embalagem de um Twinkle.

Faye examinou as unhas, vermelho-rubi, ao sol.

— Sei de umas pessoas que eu quero enfeitiçar — disse ela.

Cassie olhou todos eles, o seu coven, rindo e debatendo. Ela olhou para Nick, que estava recostado, parecendo se divertir, e ele pegou seu olhar e piscou.

Depois ela olhou para Diana, cujos olhos verde-claros brilharam para ela por um momento. E então:

— Sim, ambientalismo é bom — disse Diana, virando-se para Laurel.

— Mas temos de pensar em melhorar as relações com os forasteiros também...

Cassie olhou para Adam e o viu olhando para ela. Ele pegou sua mão, fechando-a na dele, os dois segurando a calcedônia rosa.

Cassie olhou os dedos entrelaçados dos dois e parecia que podia ver o cordão prateado de novo, envolvendo as duas mãos, conectando-os. Mas não só os dois. Filamentos do cordão pareciam se espalhar e tocar os outros do grupo,

ligando-os com a luz prateada. Todos estavam ligados, todos faziam parte uns dos outros, e a luz brilhava em volta deles, tocando a terra, o céu e o mar.

Céu e mar, do mal me protejam. Terra e fogo, realizem meu desejo.

Assim eles fizeram e fariam no futuro. Com sua visão interior, Cassie viu que o Círculo fazia parte de algo maior, como uma espiral que a tudo continha, eterna, tocando as estrelas.

— Eu te amo — sussurrou Adam.

Do meio do Círculo, Cassie sorriu.

Este e-book foi desenvolvido em formato
ePub pela
Distribuidora Record de Serviços de
Imprensa S. A.

Círculo secreto – O poder

Sinopse dos livros da série O círculo
secreto

[http://www.sobrelivros.com.br/info-
circulo-secreto-l-j-smith/](http://www.sobrelivros.com.br/info-circulo-secreto-l-j-smith/)

Facebook dos livros da série O círculo
secreto

<https://www.facebook.com/CirculoSecreto>

Série O círculo secreto na Wikipédia

http://pt.wikipedia.org/wiki/The_Secret_

Site da autora

<http://www.ljan smith.net/>

Perfil da série de Tv inspirada nos livros
no site IMDB

<http://www.imdb.com/title/tt1837654/>

Trailer da série de Tv inspirada nos livros

[http://www.youtube.com/watch?](http://www.youtube.com/watch?v=EWK0vfwYhqA)

[v=EWK0vfwYhqA](http://www.youtube.com/watch?v=EWK0vfwYhqA)

Sumário

Capa

Séries

Rosto

Créditos

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

Colofon

Saiba mais